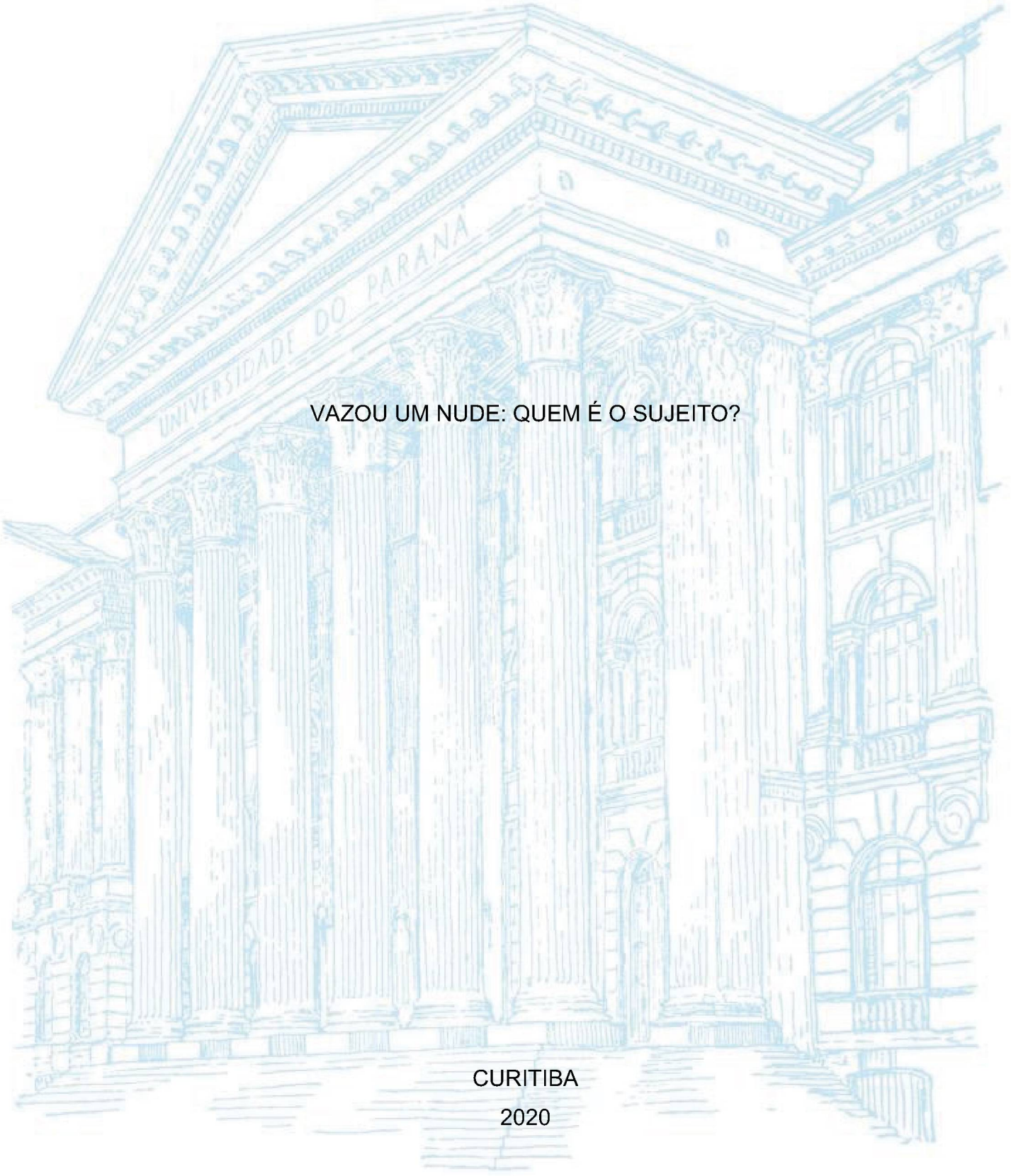
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CASSIANA BITTENCOURT MUSHASHE



VAZOU UM NUDE: QUEM É O SUJEITO?

CURITIBA

2020

CASSIANA BITTENCOURT MUSHASHE

VAZOU UM NUDE: QUEM É O SUJEITO?

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Negri

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Mushashe, Cassiana Bittencourt
Vazou um nude : quem é o sujeito? / Cassiana Bittencourt Mushashe. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora : Profª. Drª. Lígia Negri

1. Análise do discurso. 2. Linguagem. 3. Língua portuguesa - Linguística. 4. Artistas – Nudez – Internet. I. Negri, Lígia, 1953-. Título.

CDD – 469.07

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS - 40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CASSIANA BITTENCOURT MUSHASHE** intitulada: **Vazou um nude: quem é o sujeito?**, sob orientação da Profa. Dra. LIGIA NEGRI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Abril de 2020.

Assinatura Eletrônica
03/05/2020 21:52:08.0
LIGIA NEGRI
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
30/04/2020 11:52:20.0
GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
30/04/2020 15:43:32.0
GUIDA FERNANDA PROENÇA BITTENCOURT
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 40335
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 40335

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS - 40001016016P7

ATA Nº1001

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia vinte e oito de abril de dois mil e vinte às 14:00 horas, na sala vídeo-conferência, R. General Carneiro, nº 460 - Ed. D. Pedro I, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **CASSIANA BITTENCOURT MUSHASHE**, intitulada**: Vazou um nude: quem é o sujeito?**, sob orientação da Profa. Dra. LIGIA NEGRI. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: LIGIA NEGRI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), GUIDA FERNANDA PROENÇA BITTENCOURT (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, LIGIA NEGRI, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 28 de Abril de 2020.

Assinatura Eletrônica
03/05/2020 21:52:08.0
LIGIA NEGRI
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
30/04/2020 11:52:20.0
GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
30/04/2020 15:43:32.0
GUIDA FERNANDA PROENÇA BITTENCOURT
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 40335
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 40335

AGRADECIMENTOS

Gracias a la vida

A oportunidade de estudar no Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, na Universidade Federal do Paraná, trouxe diversos motivos para que eu comemore e agradeça.

Primeiramente, agradeço à Prof. Dra. Lígia Negri, pela atenção, sensibilidade, paciência, escuta e acolhimento que proporcionou como minha orientadora ao longo da construção do trabalho. Por todas as aulas, sugestões teóricas, questionamentos e apontamentos feitos que contribuíram para meu amadurecimento acadêmico e pessoal.

À Prof. Dra. Gesualda de L. Santos Rasia e também à Prof. Dra Guida Bittencourt, por aceitarem o convite para a qualificação e para a defesa, e por todas as contribuições feitas para o aprimoramento do trabalho.

Às professoras da pós-graduação, com as quais cursei as disciplinas, por todas as aulas, discussões em sala e pelo contato com autoras, autores e teorias que ampliaram meu horizonte e conhecimento sobre as possibilidades dentro dos estudos linguísticos.

À Gisele, minha amiga tão importante e inspiradora, pelo incentivo em cada etapa desde o início até o fim dessa jornada acadêmica. Obrigada pelas conversas, pelo apoio, pela confiança, pela força e pela sua amizade!

Ao Ismair, meu amigo de discussões teóricas e triviais, por toda a compreensão e incentivo nos momentos difíceis. Fico muito feliz pela nossa amizade!

Às amigas, amigos e colegas que dividiram o mesmo tempo e espaço no ambiente acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras na UFPR.

Às amigas e professoras desse universo encantador chamado Letras, Amabile, Juliana O, Juliana M, Miriam, Malu, Marcia, Andressa. Obrigada por todas as nossas conversas, aulas, projetos, e por todo o apoio que me trouxe até aqui.

Às amigas Carol, Juliana T., Letycia, Joyce, Fer, Gabi, Luana, Adri, Sara, Marília, Paty, e aos amigos Pablo, Luan e Jander, pelas conversas e pelo apoio.

Às duas profissionais que estiveram ao meu lado ao longo desse período, pelo cuidado e atenção, Wilza e Carol, vocês foram fundamentais. Obrigada!

À minha mãe e ao meu pai *(in memoriam)*, pelas memórias construídas juntos, pelas experiências que me proporcionaram, pelo caleidoscópio cultural que me envolveu, pelos conflitos, desafios, diferenças, discussões e divergências de opiniões e ideias. Agradeço, também, pelas percepções de mundo que me ofereceram e pela beleza das histórias e ensinamentos que recebi de cada um de vocês. Obrigada por todo amor, acolhimento, paciência e incentivo!

Agradeço a experiência incrível que tive como aluna de duas IES sérias (UTFPR e UFPR), formadas por um corpo docente comprometido com a pesquisa e com a formação de seus discentes, onde pude aprender muito e crescer profissionalmente e pessoalmente. Vida longa às universidades públicas, gratuitas e de qualidade.

À Capes, pela bolsa concedida durante o mestrado, contribuindo para a produção desta pesquisa na área de Ciências Humanas.

A utopia está lá no horizonte – diz Fernando Birri. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano (1994, p. 310)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar e discutir os efeitos de sentido nos discursos *online* a respeito da disseminação não consensual de imagens íntimas. Conhecido também como o "vazamento de nudes", o termo popularizou a prática da exposição de fotos íntimas (ou vídeos) de corpo nu, parcial ou total, inicialmente trocadas através de mensagens no celular, e posteriormente divulgadas ou repassadas a terceiros sem autorização prévia – prática que configura crime. Uma vez que o material exista, essa exposição não consensual pode acontecer de diversas formas, seja pela invasão de um *hacker*, para chantagem financeira ou emocional de quem detém o material, ou até mesmo com a intenção de prejudicar ou humilhar a pessoa que aparece nas imagens. Nosso corpus serão as matérias veiculadas a respeito dos casos encontrados e os discursos sobre eles produzidos sob a perspectiva discursiva dos estudos de Pêcheux (2014 [1988]), Orlandi (2015) e Foucault (1996). Para tanto, analisaremos casos de nudes de pessoas famosas: Luísa Sonza, Paulo Zulu e o casal Marilene Saade e Stênio Garcia, e a repercussão que cada caso provocou. Analisaremos as materialidades linguísticas, bem como as formações discursivas presentes nos diferentes discursos a partir do incidente da divulgação não consensual da imagem dos artistas.

Palavras-chave: 1. Análise do Discurso 2. Efeitos de sentido 3. Disseminação não consensual de imagens íntimas 4. Vazamento de nudes 5. Nudes

ABSTRACT

This research aims to investigate and discuss the effects of meaning in online speeches about non-consensual dissemination of intimate images. Also known as nude photo leak, a term popularized in the practice of exposing intimate photos (or videos) of the naked body, partial or total, initially exchange through cell phone messages, and later disseminated or passed on by third parties without prior notice - practice that configures crime. Once the material exists, this non-consensual exposure can occur in a variety of ways, whether by hacker intrusion, financial or emotional blackmail from whoever holds the material, or even with the intention of harming or humiliating the person who appears in the images. Our corpus is composed of articles about some cases founded and speeches produced online about them, under the discursive perspective of the studies of Pêcheux (2014 [1988]), Orlandi (2015) and Foucault (1996). Therefore, we analyzed cases of famous people: Luísa Sonza, Paulo Zulu and the couple Marilene Saade and Stênio Garcia, and the impacts of each nude leak. We will analyze the linguistic materiality, as well as the discursive formations present in the different speeches from the incident of non-consensual dissemination of the artists' image.

Keywords: 1. Discourse Analysis 2. Effects of meaning 3. Non-consensual dissemination of intimate images 4. Nude photo leak 5. Nude

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NO PROCESSO DISCURSIVO.....31
FIGURA 2 – MULHERES NO MUEU DE ARTE DE SÃO PAULO.....47
FIGURA 3 – O BEIJO.....49
FIGURA 4 – ABANDONO.....49
FIGURA 5 – NOTÍCIA CAPRICHO – LUÍSA SONZA 1.....87
FIGURA 6 – NOTÍCIA CAPRICHO – LUÍSA SONZA 1.1.....88
FIGURA 7 – NOTÍCIA CAPRICHO – LUÍSA SONZA 1.2.....89
FIGURA 8 – NOTÍCIA CAPRICHO – LUÍSA SONZA 2.....100
FIGURA 9 – NOTÍCIA CAPRICHO – LUÍSA SONZA 2.1.....101
FIGURA 10 – CULTURA DO ESTUPRO.....110
FIGURA 11 – NOTÍCIA CATRACA LIVRE 1.....116
FIGURA 12 – NOTÍCIA CATRACA LIVRE 1.2.....117
FIGURA 13 – NOTÍCIA CATRACA LIVRE 1.3.....118

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: NÚMERO DE ATENDIMENTOS REALIZADOS POR CHAT E E-MAIL PELA ONG SAFERNET BRASIL.....75
GRÁFICO 2 – PRINCIPAIS TÓPICOS EM 2018 (CHAT E E-MAIL).....77

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PESQUISA PELO NOME DOS ARTISTAS SEPARADAMENTE E ASSOCIADO COM OS TERMOS: “FOTO ÍNTIMA”, “ANO + NUDE” E “ANO + VAZAMENTO”.....25
QUADRO 2 – Número de atendimentos realizados por chat e e-mail pela Ong Safernet Brasil.....76
QUADRO 3 – NOTÍCIAS EGO - CASO MARILENE SAADE E STÊNIO GARCIA..126
QUADRO 4 – NOTÍCIAS EGO - CASO PAULO ZULU.....133

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

A.D.	- Análise do Discurso
F.D.	- Formação Discursiva
F.I	- Formação Ideológica
IAU	- Is Anyone Up (website)
L.S.	- Luísa Sonza
NCII	- Non Consensual Intimate Imagens (or Content)
NTIC's	- Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
ONG	- Organização não governamental
W.N.	- Whindersson Nunes
WWW	- World Wide Web
SAFERNET	- Safer Internet Center do Brasil
S.D.	- Sequência Discursiva
UNICEF	- Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16
2 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO 21
2.1 METODOLOGIA E CORPUS 23
2.1.1 Sobre o corpus 23
2.1.2 Sobre metodologia de coleta de dados 25
2.2 OBJETIVOS 27
2.2.1 Objetivo principal: 27
2.2.2 Objetivos específicos: 27
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E QUESTÕES MOBILIZADAS PELO CORPUS 28
3.1 ANÁLISE DO DISCURSO 28
3.2 O CORPO 34
3.3 O CORPO NU 44
3.4. O VAZAMENTO DE NUDES 55
3.4.1 Discussão sobre a terminologia – *vazou um nude*? 60
3.5 MÍDIAS, REDES SOCIAIS E A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA 69
3.6 DENÚNCIAS E LEGISLAÇÃO 75
4 O CORPUS: APRESENTAÇÃO DOS CASOS E ANÁLISE 84
4.1 LUÍSA SONZA 85
4.1.1 Capricho – Notícia 1 85
4.1.2 Capricho – Notícia 2 100
4.1.3 Catraca Livre – Notícia 1 115
4.2 MARILENE SAADE E STÊNIO GARCIA 126
4.3 PAULO ZULU 133
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 137
REFERÊNCIAS 142

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a escolha de uma pesquisa sobre os discursos acerca da disseminação não consensual de imagens íntimas surgiu a partir do acúmulo de múltiplos fatores. O primeiro deles foi o contato que eu tive com alguns casos e notícias de disseminação de imagens íntimas. Em 2009, de fato, não eram conhecidos assim e tampouco eram discutidos da forma como são hoje. Além disso, acompanhei no papel de espectadora outros casos que surgiram com pessoas famosas e foram discutidos na mídia, bem como a consequente repercussão que os acompanhou.

Notei diferentes desdobramentos, comportamentos e consequências por parte de quem proporcionava o compartilhamento do conteúdo, por parte de quem estava nas fotos compartilhadas, e por parte de quem recebia o conteúdo. Assim, considerar todos esses fatores suscitou em mim uma certa inquietação para compreender essas diferenças.

Se, por um lado, alguns casos se desdobravam de maneira semelhante, outros terminavam com desfechos muito diferentes, principalmente no enfrentamento da situação pelas reações diante da exposição. Podemos citar, por exemplo, reações que variam entre "Fazer o quê?!", como publicou o cantor Léo Stronda, em sua conta do *Instagram*, após ter uma foto íntima divulgada sem consentimento em janeiro de 2017. A própria matéria, veiculada pelo site *Correio Braziliense*, apresenta a repercussão no próprio texto, como se pode observar no seguinte trecho: "Internautas não perderam a chance de brincar com o assunto, e até a própria 'vítima' pareceu não se importar com o ocorrido"[1]. O site do *Estadão* apresentou a repercussão do caso incluindo as reações de internautas à foto[2], com comentários como: "Não sei quem é Léo Stronda, mas ele está de parabéns viu. Hahahaha". O próprio Léo Stronda publicou em sua conta, no Instagram[3], um esclarecimento explicando que um celular antigo de sua companheira havia sido

---

1 Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/01/12/interna_diversao_arte,564650/vazam-fotos-intimas-de-leo-stronda-e-assunto-e-o-mais-falado-na-web.shtml Acesso em: 28 ago. 2019.

2 Disponível em: https://emais.estadao.com.br/noticias/gente,vazou-um-nude-do-leo-stronda-e-as-redes-sociais-nao-estao-sabendo-lidar,10000099623 Acesso em: 28 ago. 2019

3 O Instagram é uma rede em que os usuários interagem por fotos, vídeos e comentários.

perdido e quem o encontrou vazou as fotos. Além disso, ele acrescentou que hoje, nas redes sociais, as pessoas querem ver o circo pegar fogo, e disse: “Mas como eu sou cria da internet e sou o pai da zoeira, vou levar na esportiva e zuar junto com vocês! Obrigado pelos elogios. ‘Quiseram passar a perna em mim, hum, logo eu, que tenho 3’. Hahaha”[4]. Mesmo sendo uma situação delicada, o cantor agradece aos elogios que recebeu após a foto íntima se tornar pública e finaliza a postagem rindo sobre o episódio e aproveitando para se vangloriar de seus atributos.

Por outro lado, no outro extremo das reações, temos o caso da adolescente Júlia Rebeca, de 17 anos, no Piauí, que cometeu suicídio após a divulgação e circulação de um vídeo em que mantinha relações íntimas com um adolescente e uma adolescente e que foi divulgado nas redes sociais. No dia 10 de setembro de 2013, Júlia postou algumas mensagens no *Twitter*, sendo a última: "É daqui a pouco que tudo acaba". Júlia foi encontrada morta com o fio da prancha alisadora enrolado em seu pescoço como publicou o site G1[5], da *Globo*, sobre o caso.

Ao observar esses dois exemplos, entre outros casos, surgiram algumas questões que fomentaram o presente trabalho: de que forma se estabelece a diferença no tratamento da disseminação da foto de Léo Stronda e do vídeo de Júlia Rebeca? Quais são as variáveis que influenciaram no desdobramento de cada caso? Como a questão do vazamento de nudes é entendida pelos internautas que acompanham e comentam as publicações? De que modo são colocados, na discussão pública e nas notícias, os envolvidos na situação? Quais são as diferenças entre o vazamento de imagens íntimas de homens e de mulheres? Há diferença nas notícias que veiculam tais fatos a depender do gênero da vítima?

Quando falamos sobre os casos de vazamento de imagens íntimas podemos dividir as vítimas em um grupo de pessoas anônimas e outro grupo de pessoas públicas ou famosas, por exemplo.

O primeiro grupo, composto por pessoas com uma vida pública restrita ao local em que vivem e aos ambientes que frequentam, ao terem suas imagens ou vídeos espalhados são atingidos em um círculo menor e mais próximo de difusão – o que não diminui os problemas e efeitos dessa prática nociva. Alguns casos

---

4 Postagem do cantor disponível em: https://www.instagram.com/p/BPK7d9ahA0P/?utm_source=ig_embed Acesso em: 01 ago. 2019.

5 Disponível em: http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/policia-investiga-morte-de-garota-que-teve-video-intimo-divulgado-no-piaui.html Acesso em: 28 ago. 2019.

chegam a atingir uma grande visibilidade, o que de certa forma faz com que as vítimas possam ficar mais conhecidas na rede, por exemplo.

Já o segundo grupo, quando se encontra em uma situação de vulnerabilidade diante da divulgação não consensual de um registro íntimo, enfrenta uma repercussão maior na mídia e pode acionar o uso de recursos financeiros e meios legais. Valente, Neris, Ruiz e Bulgarelli (2015), no trabalho intitulado *O corpo é o código*, ao qual voltaremos mais adiante para tecer algumas considerações, sobre os marcadores sociais da diferença publicaram as seguintes considerações:

> Chamou-nos a atenção, também, que o perfil socioeconômico da vítima ocupou um papel importante em diversas decisões judiciais que analisamos, em especial aquelas contra provedores de Internet. Para os magistrados em questão, parecia que a descrição da ocupação das vítimas no contexto da narrativa sobre o dano ou gravidade da conduta do agressor (ora pela própria vítima, ora pelo/a desembargador/a) era um dado importante: figuram nesses acórdãos empresária, pesquisadora, modelo, advogada. (VALENTE, NERIS, RUIZ, BULGARI, 2015, p. 57).

Além do perfil socioeconômico, a repercussão desses casos famosos também tem uma proporção diferente. A exposição artística e profissional dessas pessoas já acontece na mídia por conta do trabalho que executam como atrizes, atores, apresentadores, cantores, cantoras, entre outras profissões de visibilidade e entretenimento. No entanto, além disso, por conta do vazamento de imagens íntimas é apresentada ao público a exposição da vida pessoal e privada.

Algo em comum para os dois grupos de vítimas dessa prática, tanto para aquelas que têm uma vida pública ou para as pessoas que até então eram anônimas, seriam os questionamentos que surgem sobre o comportamento da vítima, a motivação para ter enviado a foto, de que forma tudo aconteceu, além das diferentes consequências para os envolvidos, entre outros temas sobre os quais voltaremos a discutir adiante. Além disso, a repercussão acaba mais concentrada na vítima do que na pessoa que cometeu o crime.

A segunda motivação para este está intimamente ligada à primeira, já que após ingressar no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), o fato de estar inserida na linha de pesquisa "Linguagens e práticas sociais" possibilitou pensar a temática do vazamento de nudes, agora, com um olhar de pesquisadora voltado para o campo linguístico. Já não era possível olhar da mesma forma para esses discursos, e

tampouco era suficiente olhar apenas na superfície. Portanto, para investigar essa temática dentro da área da Linguística, em especial da Análise do Discurso (doravante, A.D.), foi necessário abordar também algumas questões sobre gênero, corpo, nudez, imagem, mídia, tecnologia, público e privado que estão relacionadas com as condições de produção dos sentidos sobre as práticas de exposição de imagens íntimas. A partir disso, investigamos a forma como os discursos emergem e qual é a repercussão midiática em torno dos casos. Não é o objetivo deste trabalho discutir a motivação para o vazamento das imagens ou se houve envolvimento das vítimas na prática. O objetivo consiste em observar e discutir de que forma se construíam (ou foram construídos) os efeitos de sentidos, valores, ideias, ideologias, opiniões, silenciamentos por parte das vozes que enunciaram a respeito de cada episódio, seja por parte da pessoa exposta, como também pela repercussão na mídia e com o público em geral. Foi com essa perspectiva em mente que pudemos refletir aos poucos sobre o tema e gradativamente delinear esta pesquisa com seu *corpus*, objetivos e metodologia.

A própria expressão *"vazou um nude"* funciona, do ponto de vista sintático, impessoal, pois ao mesmo tempo em que compreendemos que houve o vazamento de uma imagem íntima, essa mesma expressão não contempla o sujeito responsável pelo vazamento, tampouco a magnitude do que acontece para o sujeito que teve sua imagem distribuída, além das questões sobre o (não) consentimento que permeiam essa prática.

Anterior ao vazamento, ocorre a prática de registro do nude ou de momentos íntimos das pessoas envolvidas. Após isso, em posse do material, e sem o consentimento registrado, essa pessoa distribui ou publica por conta própria esse conteúdo. Ao discutirmos o vazamento de nude, de que forma tal nomenclatura cria efeitos de sentido e impactos na prática da disseminação não consensual? Assim, discutiremos também sobre as próprias terminologias utilizadas para nomear a exposição não consensual de imagens íntimas e seus efeitos de sentido.

Um terceiro fator que também surgiu como motivação foi o aumento de notícias sobre os casos de vazamento de nude de pessoas anônimas ou famosas, adolescentes ou adultas, de diferentes classes sociais e lugares. Em 2015, os casos

de denúncia quadruplicaram[6] em comparação aos dois anos anteriores, e as vítimas em idade escolar tinham entre 13 a 15 anos. Já em 2018, os números cresceram ainda mais. De acordo com a Organização não governamental (ONG) SaferNet, os indicadores de atendimentos por chat e e-mail apontaram 669 interações sobre exposição de imagens íntimas[7]. É necessário fazer uma ressalva, pois esses dados são referentes aos casos que passaram pelo conhecimento da ONG para atendimento, no entanto, muitos outros são os casos não notificados – dificultando a possibilidade de mensurar a dimensão e a quantidade de vítimas. Com o acesso à internet e aos dispositivos móveis, transmitir esse tipo de conteúdo ficou cada vez mais fácil, ao mesmo tempo que torna cada vez mais complexa a tarefa de removê-lo completamente da rede. Um usuário da rede pode armazenar a foto ou vídeo em seu computador, e pode voltar a publicar ou repassar o conteúdo adiante sucessivas vezes. Cabe, então, refletir sobre os impactos dos eventos e discursos midiáticos em diferentes grupos e para diferentes sujeitos.

Considerando os aspectos mencionados anteriormente, junto com a base teórico-metodológica oferecida pela disciplina da Análise do Discurso, instauramos a seguinte pergunta: quais discursos são produzidos sobre o vazamento de nudes e quais são as diferenças ideológicas e discursivas dos enunciadores que comentam os casos a partir de variações como a questão de gênero? Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral verificar quais são os discursos produzidos na mídia sobre a disseminação de imagens íntimas em alguns casos específicos selecionados na coleta de dados.

A partir das questões sobre discurso, corpo, imagem, gênero, exposição, nudez e tecnologia que permeiam nosso tempo e sociedade, buscamos trabalhar com alguns casos mais recentes de pessoas famosas para observar o funcionamento dos discursos sobre o vazamento de nudes.

---

6 Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2015/07/06/numero-de-denucias-de-revenge-porn-quadruplicou-em-dois-anos-vi_a_21686114/?utm_hp_ref=br-revenge-porn Acesso em: 26 ago. 2019.

7 Disponível em: https://helpline.org.br/indicadores/ Acesso em 26 ago. 2019.

2 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Para a presente pesquisa fizemos um levantamento inicial, a partir de 2015 até 2019, dos casos de mulheres e de homens, famosas e famosos, que tiveram imagens íntimas disseminadas sem consentimento.

A busca por esses dados utilizando as palavras *vazamento fotos íntimas famosos (com 216.000 resultados)* e *vazamento fotos íntimas famosas (com 255.000 resultados)* no endereço de busca do Google, por exemplo, feita em agosto de 2019, aponta para sites com os seguintes títulos: "Relembre os famosos que já tiveram sua vida íntima exposta na web", "Hackers publicam segunda leva de fotos íntimas de famosas" e "Confira galeria com famosos que tiveram fotos íntimas reveladas na web". De fato, como aponta Jon Penney, em um texto sobre *revenge porn*[8]: "A internet nunca esquece" e assim, um registro digital permanente de foto ou vídeo torna-se acessível a um clique perpetuando a existência ou o acesso ao material sucessivas vezes.

Nosso objetivo não é reforçar o estigma sobre o vazamento de imagens íntimas, tampouco sobre as vítimas/sobreviventes dessa prática, em sua maior parte, mulheres. Nosso objetivo é analisar e descrever o vazamento de nudes de determinados casos, que acontecem como uma forma de violência, e alertar para a extensão de uma situação no trânsito entre o *online* e o *offline*, o privado que se torna público, além de mencionar as implicações legais e os desdobramentos para as vítimas dos casos com os quais tivemos contato.

Nosso trabalho dentro dessa temática está relacionado com a quantidade cada vez maior de denúncias desse tipo de crime, ao mesmo tempo em que são recorrentes comentários solidários, apreciadores, depreciativos, ostensivos, ofensivos e de caráter punitivo sobre as vítimas e publicações do material. Ademais, pretendemos observar, apontar e discutir as diferenças nos discursos elaborados, a depender dos casos, envolvendo homens e/ou mulheres.

Acreditamos que o presente trabalho consiste em um recorte e uma contribuição, sem ter a menor intenção de esgotar o tema. Dessa forma,

---

[8] Revenge Porn, em português, é traduzida como pornografia de revanche ou pornografia de vingança. Essa prática significa a postagem online de conteúdo íntimo, em formato de foto ou vídeo, por um parceiro sem o consentimento da vítima. O texto na íntegra pode ser acessado em: https://policyoptions.irpp.org/magazines/vive-montreal-libre/penney/

gostaríamos de poder fomentar a discussão para que esse assunto tenha um alcance maior e mais trabalhos dentro de diferentes áreas do conhecimento. Além disso, seria importante que outros trabalhos pudessem avançar na compreensão dos discursos sobre vazamento de nudes nas intersecções com questões de gênero, classe, raça e idade, para uma compreensão mais detalhada levando em conta tais especificidades. No presente trabalho, optamos pelo recorte de discursos com a incidência de casos de mulheres e de homens parte de um grupo de pessoas públicas, com uma vida que já é tema midiático por conta das profissões que exercem enquanto artistas.

2.1 METODOLOGIA E CORPUS

2.1.1 Sobre o corpus

Utilizaremos para o presente trabalho a abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso e os conceitos desenvolvidos a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux sobre *língua*, *discurso* e *ideologia*. É importante mencionar também que o delineamento teórico se constrói junto com o corpus. Como apontam Silva e Araújo (2017, p. 20): "É o objeto (corpus) e os efeitos de sentido que vão impondo a teoria a ser trabalhada, pois em AD, teoria e metodologia caminham juntas, lado a lado, uma dando suporte a outra, não podendo separá-las". E, para tanto, foi necessário fazer um recorte e estabelecer quais seriam os casos abordados para, então, identificar quais conceitos seriam mobilizados para compreender a dimensão deste fenômeno.

A seleção do material ocorreu após um levantamento inicial no site de busca Google sobre os casos de exposição não consensual de imagens íntimas, ou "vazamento de nudes", de pessoas famosas e/ou públicas, entre os anos de 2015 a 2019. Os resultados gerais no site de busca incluíram casos que ocorreram no Brasil e no exterior, com investigações em andamento ou já concluídas.

Gostaríamos de apresentar o vazamento de nudes como uma questão que transcende as barreiras geográficas, e que esbarra na questão de gênero. Para se ter uma ideia do panorama de casos de vazamento de imagens íntimas ao redor do mundo, segue um breve levantamento apresentado por Ruiz, Neris e Valente (2017):

> Nos Estados Unidos, por exemplo, em 2010, foi criado um website cujo objetivo era hospedar imagens tiradas sem consentimento de pessoas reais (na maioria das vezes, mulheres), e em que, em algumas circunstâncias, eram também disponibilizadas suas informações pessoais (Franks, 2017, p.4). No Brasil, o assunto ganhou a esfera pública com força a partir do ano de 2013 com o suicídio de duas adolescentes, Giana Fabi e Julia Rebeca, em um intervalo de dez dias, após terem imagens íntimas divulgadas em redes sociais[9]. O mesmo ocorreu no Canadá entre o final de 2012 e início de 2013, com as jovens Rehtaeh Parsons e Amanda Todd, depois da divulgação de imagens íntimas suas. Rehtaeh foi abusada sexualmente aos 15 anos em uma festa, e as imagens desse episódio foram divulgadas na internet, o que fez com que passasse a receber de colegas diversas mensagens com conteúdo sexual. Amanda sofreu ameaças de ter disseminadas fotos nas quais mostrava os seios. Em 2012, na Espanha, uma vereadora teve vídeo íntimo disseminado e acabou por renunciar a seu cargo. No Malawi, em 2008, um homem gravou cenas íntimas com várias mulheres, sem consentimento, e as imagens foram divulgadas por um técnico de informática que ficou responsável pelo conserto de seu computador. No Uruguai, no verão de 2013, houve a disseminação em sites e por mensagens no aplicativo Whatsapp de pelo menos quatro vídeos de jovens no acampamento de Santa Tereza. (RUIZ, NERIS, VALENTE, 2017, p. 2).

Considerando esse cenário com incidência de casos em diversos países, com uma prática difundida que inclui variações na captação e distribuição do conteúdo, optamos por trabalhar com casos de artistas nacionais, por compreender que aspectos culturais relacionados ao corpo, gênero, tecnologia, entre outros, fazem parte do entendimento do fenômeno da exposição, das consequências, efeitos de sentido e desdobramentos vivenciados. Dessa forma, restringimos a busca aos casos que ocorreram no Brasil.

Durante a busca do *corpus*, foi possível constatar um número superior entre os casos de mulheres vítimas da prática em comparação ao número de homens.

Dado que a exposição de nudes femininos apresenta um maior nível de ocorrência, optamos por selecionar um caso mais recente e de maior repercussão até então, a saber, o caso de Luisa Sonza, ocorrido em 2019. Abordaremos, ainda que de forma breve, dois casos de famosos que também tiveram sua intimidade exposta, Paulo Zulu (2016) e o casal Stênio Garcia e Marilene Saade (2015), para ampliar nossa análise.

---

9 A matéria investigativa "Como num sonho ruim" trás mais detalhes sobre os casos. Conferir: https://apublica.org/2013/12/6191/

2.1.2 Sobre metodologia de coleta de dados

Com relação ao material selecionado, foram feitas buscas independentes a partir dos nomes e ano dos episódios de exposição de cada artista, e também acompanhadas pelas palavras-chaves: "foto íntima", "nude" e "vazamento". A busca foi realizada no dia 01 de setembro de 2019, no site do Google, e os resultados estão apresentados no quadro abaixo.

QUADRO 1 – PESQUISA PELO NOME DOS ARTISTAS SEPARADAMENTE E ASSOCIADO COM OS TERMOS: "FOTO ÍNTIMA", "ANO + NUDE" E "ANO + VAZAMENTO"

Artista pesquisado(a)	Quantidade de resultados para: Nome do/a artista + ano + "foto íntima"	Quantidade de resultados para: Nome do/a artista + ano + "nude"	Quantidade de resultados para: Nome do/a artista + ano + "vazamento"
Luísa Sonza (2019)	141,000	153,000	58,600
Paulo Zulu (2016)	72,900	142,000	38,200
Stênio Garcia (2015)	27,500	22,900	11,400
Marilene Saade (2015)	5,860	4,060	4,830
Stênio Garcia e Marilene Saade (2015)	9,960	7,650	6,850

FONTE: Google 2019

Diante dos resultados é possível perceber a maior incidência do termo "nude" para Luísa Sonza e Paulo Zulu, enquanto para Marilene Saade e Stênio Garcia a maior incidência foi com a busca associada ao termo "foto íntima".

Na busca pelos materiais, não nos restringimos às notícias a respeito do fato, inclusive por acreditar que para discutir os sentidos de um mesmo evento seria interessante também coletar vídeos, postagens no *Instagram* (quando existentes), posicionamentos oficiais, entre outros, que estivessem ligados ao mesmo episódio.

Com relação ao material coletado, procuramos abarcar os registros discursivos produzidos sobre cada caso, em diferentes mídias, fontes e suportes – no meio *online*. As notícias que utilizamos para análise, anexamos uma cópia (*printscreen*) no corpo do texto.

Acreditamos que construir essa linha do tempo utilizando fontes diversificadas pode, inclusive, auxiliar na compreensão dos efeitos de sentidos veiculados ou silenciados para cada caso e de que forma são mobilizados.

O suporte teórico de análise, uma vez que a pesquisa se enquadra na A.D. de linha francesa, será acionado a partir da concepção geral dessa perspectiva e em particular dos conceitos mobilizados pelo *corpus* selecionado.

A metodologia utilizada em nossa pesquisa é de cunho bibliográfico e de análise qualitativa.

2.2 OBJETIVOS

Nosso objetivo nesse trabalho é fazer um recorte e investigar a forma como determinadas publicações na mídia online veiculam e constroem sentidos a respeito do vazamento de nudes de mulheres e de homens com vida pública, além de verificar o recebimento e a repercussão desses casos *online*.

2.2.1 Objetivo principal:

A pergunta de pesquisa que rege o trabalho é: quais discursos são produzidos sobre vazamento de nudes e como se apresentam para homens e mulheres, nas mídias *online*? Dessa forma, analisaremos os discursos selecionados para compreender e demonstrar as construções e os efeitos de sentido possíveis.

2.2.2 Objetivos específicos:

Como objetivos secundários pretendemos:

- Fazer um levantamento sobre o vazamento de nudes, conhecido também como disseminação não consensual de imagens íntimas, em especial, como o tema tem sido abordado e qual a incidência de registros no Brasil;

- Buscar e recortar alguns casos na mídia *online* sobre artistas homens e mulheres que tiveram fotos íntimas expostas;

- Buscar estabelecer a relação entre efeitos de sentido dos discursos sobre vazamentos de nudes masculinos e femininos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E QUESTÕES MOBILIZADAS PELO CORPUS

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO

A partir da relação entre Linguística, Marxismo e Psicanálise, a Análise do Discurso emergiu, nos anos 60, com os estudos de Michel Pêcheux. Consideramos, segundo a perspectiva da Análise do Discurso, a língua não só como estrutura, mas também como acontecimento e atravessada pelo inconsciente e pelas ideologias presentes na sociedade; o discurso como atravessado pela história quanto à produção de sentidos para os sujeitos; e, o deslocamento da noção de homem para a noção de sujeito constituído na relação com o simbólico e com o outro.

Eni Orlandi afirma que a Análise do Discurso trabalha com a construção das relações de sentido, uma vez que "a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não passa diretamente de um a outro" (ORLANDI, 2015, p. 17), pois não há um sentido único, os sentidos são construídos e geridos no processo discursivo. Assim, temos a possibilidade de analisar as relações de diferentes efeitos de sentidos, historicamente construídos, a depender de quem enuncia, para quem o faz, de onde vem e para onde vai, considerando aspectos ideológicos e discursivos. Dessa forma, a A.D. instaura um novo objeto no campo linguístico que é o *discurso*.

> A análise do discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. A ideia de funcionamento supõe a relação estrutura/acontecimento (M. Pêcheux, 1988), articulação do que é da ordem da língua e do que deriva de sua historicidade, relação entre o que, em linguagem, é considerado estável com o que é sujeito a equívoco (ORLANDI, 2001, p.21).

A língua funciona e é operada pelos falantes como base para os mais diferentes discursos. Diante de um mesmo evento, várias são as enunciações possíveis, assim como os efeitos de sentido, uma vez que a língua não é transparente, e os sentidos são construídos no processo discursivo. Para ilustrar essa ideia, podemos mencionar, por exemplo, uma tática conhecida como a ações de massa na rua. O uso mais comum para essa tática seria, como mencionado por Boyd e Mitchell (2013, p. 38) "pressionar um oponente corporativo ou governamental

com uma massa de pessoas na rua contando uma única história". Agora, com essa tática em mente, um exemplo de evento em que foi utilizada e que é mencionado pelos próprios autores seria o da Praça Tahir, ocupada por um milhão de egípcios, na primavera de 2011. O grupo enfrentou as forças de segurança, em cenários violentos e sangrentos, cujo resultado veio após 18 dias de embate quando o presidente Hosni Mubarak foi deposto, após quase 30 anos no poder (BOYD, MITCHELL, 2013). Diante do episódio mencionado, podemos trilhar dois caminhos (ou mais) de enunciados e de repercussões. Um primeiro grupo, denominado A, observa a movimentação na Praça Tahir e vê no grupo egípcio que lá está uma forma legítima de manifestação e de protesto, ao qual, inclusive, presta seu apoio e solidariedade, por exemplo. Já o segundo grupo, denominado B, frente ao mesmo evento, enxerga o grupo egípcio como uma forma de baderna, balbúrdia, ao qual não só não presta seu apoio como o repudia.

A divergência nos sentidos que os grupos A e B atribuem ao observar o mesmo evento está relacionada diretamente com questões de formações discursivas e formações ideológicas desses mesmos grupos ou dos indivíduos que participam de cada grupo. Portanto, primeiramente, precisamos situar o conceito de formação discursiva (doravante F.D.):

> Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Discutir as diferenças de enunciados dos grupos A e B diante do mesmo evento consiste em pensar sobre as formações ideológicas (doravante F.I.) a que eles estão associados. As F.I.'s consistem em:

> Falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras" (PÊCHEUX, 2014 [1975], p.163).

As F.I.'s têm um papel fundamental na mudança da categoria de indivíduo para sujeito-falante, e isso ocorre pela identificação deste sujeito-falante com determinada formação discursiva que o domina. Como explica Pêcheux (2014, p. 147): "diremos que os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes". Essa interpelação gera uma concepção de discurso que está em profunda relação com a ideologia, implicando que seu sentido também é determinado por ela (NARZETTI, 2007).

Pensar o sentido significa considerar o sujeito e sua formação discursiva, pois entendemos aqui que a língua não é transparente, e que a construção do sentido decorre a partir da tomada de posição do sujeito no processo discursivo atravessado pela ideologia e pela história:

> (...)se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente "evidentes" – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria "próprio", vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 2014 [1988], p. 147).

Portanto, o sujeito aparece inscrito no texto que produz. Ele é capaz de se inscrever de diferentes modos, associado a diferentes representações que apontam para variadas funções enunciativo-discursivas, conforme explica Orlandi (2012). Observando as condições de produção de um discurso e a relação do sujeito com a formação discursiva a qual está atrelado nos permitirá compreender os diferentes sentidos, uma vez que a mesma palavra, a depender da formação discursiva em que se inscreve, poderá significar de diferentes modos (ORLANDI, 2015, p.42).

Cada um, enquanto sujeito, inserido no processo argumentativo, busca antecipar seus sentidos e palavras, a fim de trabalhar a argumentação para atingir o efeito de sentido desejado no interlocutor: "Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte." (ORLANDI, 2015, p. 37)

Sobre essa antecipação do *Outro* no discurso, podemos compreender melhor a ideia exposta em um quadro na obra *Por uma análise automática do discurso: uma*

introdução à obra de Michel Pêcheux, organizada por Fraçoise Gadet e Tony Hak (2014 [1969]), abordando a relação das formações imaginárias no processo discursivo:

FIGURA 1 - FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NO PROCESSO DISCURSIVO

Expressão que designa as formações imaginárias		Significação da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	"Quem sou eu para lhe falar assim?"
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	"Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	"Quem sou eu para que ele me fale assim?"
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	"Quem é ele para que me fale assim?"

FONTE: Pêcheux, M. (2014 [1969])

Tanto A quanto B funcionam como representações de lugares ocupados por diferentes sujeitos no processo discursivo. Conforme observamos na tabela, formações imaginárias são atribuídas a A e B como parte da antecipação que fazem das imagens sobre os lugares de *si* e sobre os lugares do *outro* nesse processo. A imagem que A faz de si mesmo e a imagem que A faz de B, e depois, a imagem que B faz de si mesmo, e a imagem que B faz de A.

No entanto, essa interação direta, em que percebemos a relação entre A e B pode variar. Em nosso material de análise, por abordarmos notícias de pessoas públicas, com exposição midiática, em alguns momentos é perceptível uma triangulação em determinados posicionamentos, transformando A-B em A-B-C, pois é como se o público/audiência também participasse desse processo discursivo e fosse representado pela letra "C". Quando online, de modo público, A fala para B, cogitando "Quem sou eu para lhe falar assim?" e "Quem é ele para que eu lhe fale assim", mas também considerando o público C, que terá acesso a seu discurso para A. Dessa forma, o discurso de A registrado e divulgado publicamente não se dirige exclusivamente para B, mas também para C. Nesse caso, melhor dizendo, A se

dirige a um B estendido, um B+, que é igual a B+C. Durante as análises exploraremos melhor esse tópico.

Ainda que o sujeito pense que é livre para enunciar, ou que pode ligar-se a uma ideia de neutralidade do discurso, essa ideia não se confirma, pois cada sujeito está constrangido por seu papel social, pela inscrição histórica a que pertence e pela materialidade linguística da qual faz uso ao enunciar. Mesmo que opte por não enunciar, e silenciar, o sujeito já está se posicionando no processo discursivo e isso também significa. De modo geral, cada posicionamento está ligado com alguma Formação Ideológica, fazendo com que a ideologia seja um componente fundamental nesse jogo de forças entre os discursos e algo que o sujeito não pode ignorar: "não se rompe jamais com a ideologia em geral, mas sempre com esta ou aquela formação ideológica, inscrita histórico-materialmente no conjunto complexo das formações ideológicas de uma formação social dada" (PÊCHEUX, 2014, p. 233). Assim, o sujeito se movimenta e mobiliza os sentidos na discursividade.

Além disso, o sujeito não é a fonte do que diz e tampouco é livre para dizer, segundo os esquecimentos propostos por Pêcheux (1988[2014], p. 161):

> Concordamos em chamar esquecimento no 2 ao "esquecimento" pelo qual todo sujeito-falante "seleciona" no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada*. (...) Por outro lado, apelamos para a noção de "sistema inconsciente" para caracterizar um outro "esquecimento", o *esquecimento no 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento no 1* remetia, por uma analogia, com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão.

Em outras palavras, o esquecimento número 2 pontua sobre a ação do sujeito-falante em selecionar o que diz, ou melhor, o que não diz, em seus *processos de enunciação*, desde que dentro de determinada formação discursiva e de modo pré-consciente/consciente (Pêcheux, 2014). Ou seja, entre todas as enunciações possíveis pelo sujeito, ele está constrangido pela F.D. na qual se insere.

Já o esquecimento número 1 é da ordem do inconsciente, e aqui o sujeito é afetado e confrontado pela ideologia, na ilusão de que é a origem do que diz, como

se o que diz fosse inédito, e não parte de um interdiscurso ao retomar formulações já existentes e esquecidas.

Em termos de funcionamento ideológico, julgar-se a fonte do que diz pode ser considerada uma ilusão do falante, o que seria, inclusive, necessário para que ele se veja inscrito no discurso – ainda que esse discurso não comece, de fato, com ele. Esse conjunto de formulações já feitas (e esquecidas) recebe o nome de interdiscurso:

> (...) o interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. (ORLANDI, 2001, p. 59).

Sobre a as possibilidades de enunciar, em *A Ordem do Discurso* (2010), título da aula inaugural proferida em 02 de dezembro de 1970 por Michel Foucault no *Collège de France*, em Paris, o filósofo faz algumas considerações sobre a inserção do sujeito para participar de uma chamada *ordem do discurso*, comentando seus procedimentos de rarefação, coerção e constrição, e menciona:

> Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2010 [1970], p. 37).

Diante do exposto acima, reiteramos a ideia de que o sujeito não é livre para falar, pois tanto em temáticas, quanto em lugares de fala, está delimitado histórica e socialmente em seu papel, além de se deparar com regiões do discurso que lhe são proibidas/interditas. Ao pensar sobre os corpos feminino e masculino, a nudez, a não consensualidade da exposição de imagens íntimas, e outros temas que tangem nossa pesquisa, precisamos avaliar de que forma esses discursos se inscrevem na *ordem do discurso*? Abordaremos nas próximas seções as questões a eles relacionadas.

3.2 O CORPO

> O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na ordem social. (BOURDIEU, 2019, p. 26).

As questões do corpo, da nudez e da sexualidade passaram por diversas transformações a depender dos momentos históricos e culturais que as sociedades vivenciaram. Dessa forma, não há ideia heterogênea a respeito do corpo, da nudez e da sexualidade, pois vários são os fatores que influenciam tais concepções. O corpo pode ser observado por diferentes teorias e campos, por exemplo, na medicina o corpo humano é visto biologicamente de modo bastante objetivo:

> O corpo construído pela medicina é objetivo, recheado apenas por um conjunto de órgãos e um amontoado de vísceras, cujo funcionamento mecânico se dá de uma forma impecável e quase infalível, o que, embora fascinante, perde em sua dimensão mais rica, a simbólica, que não é constituída de carne e osso, mas de sonhos, fantasias, lembranças, crenças e medos. (NOVAES, 2011, p. 497).

No entanto, o corpo vai além da questão biológica e fisiológica. Ele está ligado ao social, ao simbólico, ao bem-estar, à aparência, à imagem, à exposição e preservação na construção de seu significado em sociedade. Para Novaes (2011, p. 478) "O corpo ultrapassa os limites do biológico – e sua versão mecânica e/ou tecnológica pulveriza ou 'enevoa' as fronteiras que definem o humano, produzindo reviravoltas nos valores éticos e acelerando a revisão e mudanças de costumes."

Para buscar o imaginário e os sentidos possíveis sobre o corpo é preciso entendê-lo e localizá-lo em determinada época, lugar, classe, religião, costume, moral, além de outros aspectos sócio-culturais, aos quais o corpo está submetido e é parte. Como afirmam o psicólogo Georges Daniel Janja Bloc Boris e a psicológa Mirella de Holanda Cesídio:

> Este processo de constituição do corpo e da subjetividade da mulher, ou seja, a maneira como ela organiza seu modo de existir no mundo e as relações com os outros também foi influenciada pelas transformações econômicas, políticas históricas e socioculturais. É a interação do indivíduo com os outros e com o mundo, em um determinado período histórico, a principal responsável pela organização de seus padrões de conduta e de suas reações emocionais e racionais. (BORIS, CESÍDIO, 2007, p. 454).

Com essa multiplicidade de fatores, a construção da ideia de corpo e sexualidade, assim como a exposição desse corpo, não acontece de forma uniforme para homens e mulheres. Ademais, a própria questão de controle do corpo permanece ligada aos aspectos institucionais, morais, civis e religiosos da sociedade historicamente determinada:

> (...) é possível entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares, que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica. (FERNANDES, 2009, p. 1052).

Esses poderes reguladores mencionados podem assumir diferentes formatos e manifestações. Para iniciar a discussão, faremos um breve levantamento sobre as contribuições da ciência médica, a respeito da "representação do corpo feminino como incompleto, doente e instável e, consequentemente, para a construção das desigualdades de gênero, ainda presentes na atualidade" (FERNANDES, 2009, p. 1052). Se, hoje, nos deparamos com um cenário em que essa diferença existe, precisamos repensar sua origem e observar quais os impactos que essa diferença acarreta ainda hoje.

Ao visitarmos alguns estudos sobre anatomia e biologia dos séculos passados, vamos nos deparar com alguns exemplos, tais como: a ideia de que a mulher possui um crânio menor, portanto, menor capacidade intelectual; no campo reprodutivo, ela possui o óvulo, passivo, à espera do ágil e veloz espermatozoide; e um corpo essencialmente com qualidades para funções maternais (FERNANDES, 2009). Além da diferença corporal e física, também se discute a diferença intelectual, uma vez que a dedicação ao estudo poderia comprometer a energia utilizada para o amadurecimento do aparelho reprodutor feminino ao ser desviada para o cérebro. Para Matos (2003), a explicação para isso estaria na ligação entre o útero e o sistema nervoso central, combinado com o funcionamento dos ciclos reprodutivos e

estados emocionais. Portanto, deste ponto de vista médico, biológico e filológico a mulher seria entendida da seguinte forma:

> A mulher seria prisioneira de ciclos que determinariam suas capacidades e limitações, um grande ciclo da puberdade à menopausa e ciclos menores representados pela gestação e menstruação. O cérebro e os ovários não poderiam desenvolver-se simultaneamente, de modo que as atividades intelectuais femininas poderiam produzir um ser débil, nervoso, estéril – e talvez, pior ainda, poderiam gerar crianças doentes ou malformadas. Assim, as jovens não deveriam abusar das atividades intelectuais, canalizando suas energias para o perfeito desenvolvimento de suas faculdades reprodutoras. (MATOS, 2003, p. 115).

O exercício da maternidade aparece como um fator decisivo para o que será considerado como o lugar da mulher na sociedade, subordinando-a a uma matriz biológica e procriadora (FERNANDES, 2009). A partir das particularidades de diferenciação entre os gêneros desenvolvidos pela biologia, medicina e psiquiatria, podemos compreender que:

> (...) há uma distribuição das qualidades físicas e morais baseada no gênero e uma impressão deste em sistemas e órgãos. Desse modo, associados a uma anatomia particular, surgiram também comportamentos morais, legitimados ao longo do tempo pelo discurso médico, religioso e político. Conforme argumenta Matos (2003), os novos métodos de interpretar o corpo nesse período significaram novos modos encontrados por filósofos e moralistas do Iluminismo de representar e constituir realidades sociais. Frente a essa realidade, o gênero parecia irremediavelmente colado ao sexo numa única e invariável direção. (FERNANDES, 2009, 1058).

Como resultado disso, mesmo diante de sintomas idênticos para problemas de ordem física, homens e mulheres recebiam diagnósticos diferentes. Para elas o órgão para análise médica era o útero, o que fazia com que qualquer desequilíbrio nesse órgão pudesse desencadear reações patológicas no corpo feminino. Enquanto para o homem, a mesma doença era encarada de outra forma. Podemos exemplificar com a loucura, como apresenta Fernandes:

> Quanto às doenças "do espírito" ou da mente, Engel (2007) ressalta que o corpo e a sexualidade das mulheres eram remetidos ao lugar da loucura, à crença de que na sua fisiologia estaria inscrita uma predisposição à doença mental. Falava-se inclusive na "loucura menstrual". Haveria uma especificidade na condição feminina diante da loucura. Enquanto a mulher era diagnosticada como doente mental como resultado de desvio em sua natureza, sobretudo sexual, o homem, quando acometido por tal distúrbio, resultava dos desvios relativos aos seus papeis sociais de trabalhador e de provedor. (FERNANDES, 2009, p. 1060).

Fica evidente a influência dos papéis sociais na construção do quadro médico de patologias para homens e mulheres. O campo biológico, médico e psiquiátrico não foram os únicos que atribuíram diferenças no tratamento dos corpos femininos e masculinos diante dos mesmos sintomas.

Ao longo dos séculos, assistiu-se à tentativa de controlar o corpo também por parte da Igreja, associando-o ao pecado ou tentando prevenir a doença e a morte. Simultaneamente, o valor de exposição do corpo foi, atualmente, decisivo na construção das narrativas de autoidentidade. (CORDEIRO, M, 2011, p.7).

Considerando a forte presença e o domínio da Igreja Católica por cerca de dez séculos no período entre o fim do Império Romano até a Idade Média, como detentora de poder político, econômico e cultural, ela foi grande responsável pela disseminação das ideias sobre o papel da mulher que ecoam até hoje. No trabalho de Silva (2014), sobre a história das mulheres na Idade Média, fica evidente que socialmente o exemplo de mulher e valores a serem seguidos estão associados à imagem da Virgem Maria, sugerindo uma postura mais obediente, reservada e discreta.

A definição do corpo feminino sob a óptica da Igreja Católica constrói uma moral que define os papéis sociais de gênero, e estabelece uma dualidade feminina nos discursos da História Medieval, onde Eva é a pecadora e Virgem Maria é um exemplo a ser seguido; dualidade que cria, portanto, representações do corpo através de imagens que se relacionam com o poder e o imaginário. Assim, a representação da mulher transmite práticas e virtudes quanto à castidade, submissão, comportamento e obediência à doutrina da Igreja. (SILVA, A., 2014)

No aspecto religioso, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, o Brasil ocupa o lugar de maior nação católica do mundo. Ao somar a quantidade de católicos e evangélicos é possível afirmar que 86,5% da população brasileira se identifica como cristã. Ou seja, a influência desses pensamentos da Igreja Cristã sobre o comportamento desejável das mulheres na Idade Média ainda continua presente nos discursos cotidianos ocidentais do século XXI (vale observar que algumas religiões orientais também restringem a atuação feminina na sociedade). É importante mencionar que certas orientações evangélicas são muito progressistas em relação à emancipação das mulheres, e que estamos nos atendo ao padrão ocidental porque vamos tratar das questões no Brasil.

Essa influência cristã orientou também a forma como as mulheres deveriam se vestir, deveriam agir diante dos homens, pois deveriam ser obedientes e castas até o casamento, por exemplo. Esses mecanismos de controle aprimoram-se progressivamente, principalmente com relação ao corpo da mulher:

> Se presencia o progressivo aperfeiçoamento e o crescimento de tais mecanismos, enquanto forma de controle, dominação e repressão do corpo e da sexualidade, notadamente da sexualidade da mulher, que permanece até a sociedade contemporânea. Tal controle tem como objetivo principal a construção de um saber para o exercício do poder e da dominação. (EMMERICK, R., 2007, p. 59).

Por outro lado, não podemos deixar de destacar que houve avanços consideráveis sobre os direitos e a participação da mulher nas sociedades ocidentais ao longo do século XX. O direito ao voto, a participação no mercado de trabalho, a liberdade sobre a sexualidade atingida com o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, a presença das mulheres – ainda que bastante tímida em comparação com a presença masculina – em cargos de liderança, a independência financeira, o acesso às universidades, o acesso aos cursos profissionalizantes e as leis de proteção contra a violência, com destaque para a Lei 11.340 conhecida como Lei Maria da Penha são alguns exemplos de mudanças. Reconhecemos os avanços, mas também observamos os desafios e obstáculos que se apresentam para uma realidade de equidade entre homens e mulheres no século XXI.

Para comentar brevemente tais desafios e obstáculos ainda no século XXI, recortamos o trecho de um documento elaborado pela ONU e lançado em 2015. Visando o desenvolvimento sustentável o relatório intitulado: "O caminho para a dignidade até 2030: acabando com a pobreza, transformando todas as vidas e protegendo o planeta" aborda as metas para que se cumpram os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Essa agenda[10] entrou em vigor a partir do início de 2016, e buscou equilibrar a dimensão econômica, social e ambiental para o desenvolvimento sustentável em diversas áreas. O objetivo número cinco versa sobre a igualdade de gênero e o empoderamento das meninas e mulheres com tópicos específicos para que isso ocorra.

---

[10] Disponível em: https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/ Acesso em: 25 jul. 2020.

Em um documento temático[11] sobre alguns dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, publicado em 2017, a ONU no Brasil discute de forma mais profunda os desafios e avanços sobre a realidade brasileira, além de apontar os caminhos para ação, ou seja, como viabilizar as transformações necessárias. Sobre o objetivo número cinco no cenário brasileiro, vamos mencionar brevemente o tópico principal apresentado no documento, e alguns exemplos sobre o que ainda precisa ser superado de acordo com a entidade para atingirmos a igualdade de gênero. Não vamos discorrer profundamente sobre tais problemas, para mais detalhes, recomendamos a leitura do documento da ONU Brasil na íntegra. No entanto, consideramos importante mencionar os tópicos e os obstáculos para que se alcance a igualdade de gênero, ainda que de forma sucinta, para uma dimensão dos obstáculos no cenário brasileiro:

1. Empoderamento econômico: desigualdade na divisão de tarefas domésticas, falta de acesso às creches e escolas, desigualdade de gênero e raça no recebimento de valores pagos pelos serviços e desigualdade em cargos de chefia, além de um baixo número de carteiras assinadas de trabalhadoras domésticas;
2. Empoderamento político e representatividade: número baixo de mulheres ocupando cargos políticos, de modo que a proporção de mulheres em cargos de liderança política foi de 9,9%, em 2017, classificando o Brasil com o segundo menor percentual de mulheres no parlamento na América Latina e no Caribe;
3. Educação: em 2015, de acordo com o IBGE, a proporção de mulheres negras com acesso ao ensino superior era de 12,8% contra 23,8% dos/as brancos/as, além das disparidades de acesso ao ensino para mulheres no campo e mulheres na cidade, bem como o menor tempo de estudo das mulheres negras em comparação com as mulheres brancas em todos os estados e faixas etárias;
4. Saúde: acesso restrito de certa forma aos serviços de saúde e métodos contraceptivos; disparidade na assistência do pré-natal e parto em que as mulheres negras e indígenas representam um número menor em comparação

[11] Disponível em: https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/ods/documentos-tematicos--ods-1--2--3--5--9--14.html Acesso em: 25 jul. 2020.

com mulheres brancas, por exemplo, as mulheres negras recebem menos procedimentos obrigatórios como o pré-natal e menos e informações sobre gravidez e parto; dados sobre violência obstétrica, além do Brasil ser o país líder mundial em cesárias (56% dos partos); houve uma ampliação do alcance dos exames diagnósticos para câncer de mama, porém ainda com diagnósticos tardios e que culminam na causa principal de morte por câncer entre as mulheres; epidemia de Zika vírus; abortos clandestinos e a dificuldade de acesso ao aborto para vítimas de violência sexual, mesmo que amparadas legalmente;

5. Enfrentamento à violência contra as mulheres: violência doméstica, violência transfóbica, alto índice de estupros, enquanto a taxa de homicídios das mulheres negras subiu, a mesma taxa para mulheres brancas apresentou queda em 2015.

Os dados mencionados mostram o quanto ainda precisamos avançar no Brasil para que os direitos das mulheres sejam garantidos, assegurados e para que possamos atingir a equidade entre homens e mulheres.

Como se constata pelo documento acima citado e também pela história da civilização, muito se discute sobre a liberdade sexual e a emancipação da mulher, inclusive com o desenvolvimento de diversos métodos contraceptivos. No entanto, a questão sexual continua sendo um tabu para as mulheres. A iniciação sexual, como apontada por Simone de Beauvoir em "O Segundo Sexo", vol. 2, é profundamente diferente para a mulher e para o homem biológica, social e psicologicamente. Para a mulher, muitas resistências são criadas na infância e na juventude influenciando a forma como ela se relaciona com o sexo, como apresentado por Beauvoir (2016, p. 134): "É solicitado a ela uma participação ativa numa aventura que nem seu corpo virgem e nem sua consciência repleta de tabus, proibições, preconceitos, exigências quer de maneira positiva". Ou seja, o contexto em que emerge a sexualidade feminina é motivo de conflitos e pressão:

> Uma educação severa, o medo do pecado, o sentimento de culpabilidade em relação à mãe criam barreiras poderosas. A virgindade é tão valorizada em muitos meios que perdê-la fora do casamento legítimo parece um verdadeiro desastre. A jovem que cede por fraqueza ou surpresa pensa que se acha desonrada. (BEAUVOIR, 2016 [1949], p. 132).

Além da sexualidade feminina, o corpo da mulher e seu controle continuam sendo motivo de polêmicas. Questões sobre reprodução, contracepção, aborto e sua respectiva (des)criminalização ainda são motivos de discussões fervorosas em um embate que envolve diferentes instituições. Ou seja, as ideias sobre o corpo e a sexualidade da mulher seguem atreladas ao controle, repressão e domesticação, fazendo com que a integração e ascensão social da mulher estejam intimamente ligados ao casamento e a maternidade.

Em especial, sobre a maternidade, Michelle Perrot (2012) destaca que esse momento e estado vão além do nascimento. Eles passam a ser incorporados na sociedade ocidental como um "amor maior", com o crescimento da ideia do amor maternal, além de se apropriar da figura da mãe em território político e social, seja pela celebração do dia das mães ou pelo controle da natalidade como uma questão a ser tratada sobre o corpo da mulher. A maternidade é vista como um pilar na sociedade e torna-se, portanto, uma questão de Estado. Associado biologicamente ao corpo da mulher, em que esta estaria desenvolvendo todo seu potencial, Matos (2003) exemplifica esse entendimento ambientado na virada do século XX, em São Paulo, durante o período de modernização e expansão urbana com o conceito de pátria baseado na família em uma época de "institucionalização da medicina como produtora de um saber enquanto teoria e prática" (MATOS, 2003, p. 108).

Com isso, o papel da mulher estava regulamentado socialmente como apresenta Matos (2003):

> Qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante. O trabalho externo feminino provocava indignação aos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais. Condenava-se o trabalho extradoméstico das mulheres, que era visto como um desperdício físico de energias femininas e como fator de dissolução da saúde e do comprometimento da dignidade feminina, além de promover a mortalidade infantil e desordens sociais, tendo como consequências nocivas o abandono das crianças, a marginalidade, a tuberculose e a prostituição. (MATOS, 2003, p. 112).

A discussão sobre o corpo feminino atravessa o campo científico proporcionando o controle e normatização dos corpos e procedimentos, "disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres." (Matos 2003, p. 109)

Ainda sobre as relações históricas entre poder e discursos sobre o sexo, a série de estudos de Foucault sobre A História da Sexualidade, em especial o que foi abordado no volume 1 – Vontade de Saber, permite acessar o dispositivo de sexualidade e seu desenvolvimento para melhor compreensão do assunto.

Para Foucault, o controle dos corpos e do próprio sexo ocorrerá em diferentes instâncias. A partir do século XVIII, os governos já não lidam apenas com sujeitos, mas com uma população que inclui os problemas, dificuldades e fenômenos específicos decorrentes da administração desse grupo, em especial: "natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, formas de alimentação e de *habitat*" (FOUCAULT, 2017, p. 28) são alguns exemplos do autor. A partir disso, como cada um usa seu sexo torna-se objetivo de análise e intervenção:

> Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar um segundo padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. (FOUCAULT, 2017 [1976], p. 27).

Assim, vários discursos, saberes e análises sobre o sexo emergem, tornando-o objeto de disputa entre o Estado e o indivíduo (FOUCAULT, 2017). A vigilância e o regimento das práticas sexuais até o fim do século XVIII estavam sob o domínio do direito canônico, da pastoral cristã e da lei civil (FOUCAULT, 2017). Além disso, para o autor, essa multiplicidade de discursos não censura o sexo, causa o efeito contrário e incita que se fale dele.

Ao discutir as relações históricas entre o poder e o discurso sobre o sexo, Foucault assume outra teoria do poder ao refletir sobre a multiplicidade de forças constitutivas de sua organização. Para ele, "o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada" (FOUCAULT, 2017, p. 101) e que se apresenta em diferentes discursos, como em uma série de segmentos descontínuos, em um tipo de jogo que assume uma complexidade e instabilidade.

O discurso pode se apresentar, para Foucault, "ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo." (FOUCAULT, 2017, p. 110). Para pensar os mais diferentes discursos, precisamos levar em conta as questões desse jogo de poder em que os sujeitos estão inseridos e atuam para poderem assumir uma determinada posição ou nenhuma. Inseridos nesse jogo, os sujeitos participam da ordem do discurso e se deparam com a interdição, um dos procedimentos de exclusão em nossa sociedade, atuando com diferentes graus de interferência nos mais diferentes discursos, pois pela interdição os sujeitos não são livres para enunciar, pois não podem falar sobre tudo em qualquer circunstância (FOUCAULT, 2009), reafirmando o jogo de poder envolvido nos discursos.

Para pensar o sexo, o exercício da sexualidade e os corpos é preciso considerar as instituições e os discursos que circulam, assim como o poder que cada uma delas possui e exerce. A sexualidade é o nome de um dispositivo histórico, em uma rede na qual "a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder" (FOUCAULT, p. 115, 2017).

O dispositivo de sexualidade está apoiado, dentro de casa, no papel central da família; fora da casa, está apoiado na atuação de médicos, pedagogos e psiquiatras. Dessa forma, cabe refletir o quanto esses discursos, saberes e poderes ainda exercem significativo poder sobre os corpos.

Além disso, pensar o corpo hoje significa também o considerar a partir dos valores contemporâneos, como afirma Novaes (2011, p. 484) "Que imagem de corpo é exaltada na cultura vigente? Seu status é adquirido por meio de sua jovialidade, de sua beleza, da aparência, da felicidade, de seu poder de atração sexual e, finalmente, do quão longevo parece ser" aliando medicina e tecnologia.

Em resumo, todo o pensamento ideológico, historicamente construído, nas mais diferentes épocas, serviu aos mecanismos de controle do corpo e da sexualidade da mulher. Fundamentalmente, serviu para a hierarquização dos gêneros nos mais distintos momentos históricos, satisfazendo os interesses, ora da Igreja, ora dos segmentos conservadores e machistas da sociedade, que criaram um modelo ideológico de dominação e controle da sexualidade. Este modelo que se

apresenta intrinsecamente ligado à ideia de procriação, criando um saber-poder que diz o que é verdadeiro e o que é falso quando o assunto diz respeito ao sexo e à reprodução. Para tal controle, foram colocados em prática os discursos ideológicos e os mecanismos de poder de cada época que foram eficazes em associar o feminino, ora "como agente do satã", ora com a "santa-mãe" (EMMERICK, R., 2007). Ainda que hoje, como apresenta Novaes (2011), no mundo contemporâneo, a feminilidade possa ocupar espaços distintos da maternidade, essa ainda se apresenta como uma importante função organizadora da mulher na sociedade.

3.3 O CORPO NU

Pensar o corpo, e um pouco além, o corpo nu, consiste em adentrar um território de múltiplas significações e efeitos de sentido. Quais os sentidos da nudez feminina e como ela acontece em diferentes tempos e espaços? O que seria permitido e proibido mostrar e dizer sobre esses corpos nus? E quais são os corpos sobre os quais falamos?

Ainda sobre o corpo de modo geral, de acordo com Perrot (2012), a invisibilidade feminina no espaço público tem suas raízes há muito tempo, quando as sociedades acreditavam que para manter a ordem era necessário manter as mulheres em silêncio e invisíveis. Para a autora, o *silêncio das fontes*, provocado pelo acesso tardio à escrita e à ausência de registros diretos, escritos e materiais que havia sobre elas, também contribuiu para esse apagamento das mulheres e de sua história. Além disso, Perrot (2012) menciona o *silêncio do relato*, que consiste no registro histórico do espaço público que contemplava exclusivamente as guerras, os homens – públicos ou ilustres – e os reinados. Dessa forma, a mulher era colocada à margem e suas produções ou interesses pouco valiam.

O cenário se alterou para o nascimento de uma história das mulheres[12] enquanto campo de estudo acadêmico quando, em 1960, diferentes fatores científicos, sociológicos e políticos contribuíram para a emergência da *mulher* como objeto de estudo nas ciências humanas e na história na Grã-Bretanha e nos Estados

[12] Reconhecemos, também, que as lutas pelos direitos das mulheres tiveram início antes desse período, desde o movimento sufragista no fim do século XIX e início do século XX. Destacamos na metade do século XX a emergência de uma história das mulheres como objeto dentro dos estudos acadêmicos.

Unidos (Perrot, 2012, p. 19). Com isso, as discussões sobre a mulher na sociedade emergem gradativamente a partir desse período no ambiente acadêmico.

No Brasil, Guedes (1995) aponta que podemos verificar o surgimento das discussões sobre a condição feminina com a Década da Mulher (1975-1985), instaurada pela ONU, e com o retorno de militantes exiliadas durante o período da ditadura militar, pois a partir do contato com o que era pensar *a mulher* em outros países, pudemos desenvolver nossas discussões também:

> Com a vinda de militantes exiladas pelo regime ditatorial, a discussão sobre o feminino/feminismo se acentuou ainda mais, já que em outros países a discussão sobre a opressão da mulher se encontrava em estágios bem avançados, enquanto no Brasil ainda engatinhávamos no pós-abertura. Os encontros/desencontros de militantes latino-americanas(os), com inglesaste), francesas(es), alemãs(ães) com essa reflexão/discussão de um certo pensar a *mulher* possibilitaram modificações também no Brasil. Surge daí a afirmação primeira do movimento feminista brasileiro, ou sua primeira fase: visibilizar o feminino enquanto elemento qualitativo e constitutivo da população e das instituições brasileiras. (GUEDES, 1995, p. 7).

Posteriormente, os avanços e discussões sobre ser mulher foram gradativamente se expandindo para o ambiente acadêmico e para os próprios movimentos sociais.

Michele Perrot (2003) aborda os silêncios e a onipresença do corpo da mulher: "no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades" (PERROT, 2003, p. 13) como objeto e não como sujeito. Ora, essa contradição sobre a presença do corpo feminino tão intensa e a necessidade de cobri-lo, utilizá-lo como inspiração e escondê-lo, e até mesmo mantê-lo afastado da vida pública, criou determinadas regras para que as mulheres transitassem entre o público e o privado, delimitadas da seguinte forma, por exemplo:

> O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objetivo de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda. Os cabelos, signo supremo da feminilidade, devem ser disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes cobertos com véu. A mulher "tal como deve ser", principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência. A mulher decente não deve erguer a voz, O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso. Pode – em certas ocasiões deve – deixar rolar as lágrimas, coisa proibida à virilidade, demonstrando, assim, que é acessível ao sentimento e à dor, cujo "ministério", segundo Michelet (historiador francês do século XIX), lhe pertence. (PERROT, 2003, p. 15).

O excerto acima exemplifica o que era esperado do comportamento e da postura das mulheres. De alguma forma, isso persiste até hoje, pois o corpo da mulher ainda é cercado de censuras e imposições das mais diversas ordens: seja por uma pressão estética do padrão de beleza socialmente esperado, seja pelo comprimento das vestes para opinar sobre quem ela é e seu comportamento, ou até pela forma como se porta (ou deixa de se portar) diante de determinadas situações.

O silêncio incide sobre vários aspectos nos sentidos do que significa ser mulher, entre os exemplos citados pela historiadora Perrot (2003) podemos encontrar o silêncio sobre a vida sexual das mulheres, em que o prazer é negado e associado com "coisa de prostitutas", restringindo sua sexualidade ao "dever conjugal" com o marido. A violência que a mulher sofre também é silenciada em relação ao abuso sexual, por exemplo, pois o direito privado, que inclui os segredos da família e do pátrio poder, considerava que o marido teria o direito de corrigir a esposa e os filhos dentro do casamento, e que seria entendido como uma defesa da honra e uma busca pela ordem dentro da casa, permitindo o silenciamento sobre o abuso sofrido pela mulher nesses casos. Por essa razão, expor o caso, prestar queixa ou denunciar as violências sofridas não caberia, pois consistiria entrar na intimidade sexual da vida das mulheres tornando-a pública. Também ocorreu um outro silenciamento em relação à saúde das mulheres, colocada em segundo plano por laboratórios de pesquisa e em estudos sobre doenças específicas, por exemplo.

Se pensarmos o papel sociocultural da mulher, ele esbarra em ideias que sugerem pudor, discrição, doçura e silêncio ao mesmo tempo em que o corpo feminino é associado com a venda de produtos, imagens e ideias:

> O nosso olhar, fabricado na cultura visual do final do século XX, parece acostumado com os corpos femininos que vendem produtos, lugares, modos de ser. Corpos femininos idealizados povoam as capas de revistas de moda, nas quais personalidades famosas ditam as regras de um 'corpo perfeito'. Nas revistas 'femininas' ensina-se como buscar o tão sonhado corpo de *top model*, enquanto nas revistas 'masculinas' os mesmos corpos são oferecidos para o deleite visual dos homens. A mídia brasileira, principalmente em propagandas endereçadas ao público masculino, como as campanhas de marcas de cerveja, celebra e naturaliza um corpo feminino sem voz, um corpo-objeto do olhar. Que corpo é esse que querem nos vender? De que forma nos constituímos como mulheres perante esses corpos-objetos do olhar masculino? (LOPONTE, 2002, p. 290).

Além do uso do corpo da mulher para vender produtos, em determinadas revistas como a *Playboy*, que teve sua primeira edição publicada em dezembro de 1953, nos Estados Unidos, o corpo nu da mulher é exaltado e celebrado. No entanto, essa celebração ocorre por uma perspectiva masculina, de modo que objetifica a mulher, pois está ali como um objeto sexual - desprovida de ideias, opiniões, desconsiderando aspectos emocionais ou psicológicos que são partes constitutivas de quem ela é – apenas para satisfazer o desejo masculino. Para Bourdieu:

> A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser *(esse)* é um ser-percebido *(percipi)*, tem por efeito coloca-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2019, p. 111).

Enquanto objeto simbólico, a mulher é constrangida por diversos papéis e atitudes que se esperam dela socialmente e que estão ancoradas pelo e para o olhar desse outro masculino.

A nudez feminina aparece em várias circunstâncias sociais, algumas permitidas e outras proibidas. Então, como podemos pensar o corpo nu da mulher em diferentes lugares e espaços em nossa sociedade?

FIGURA 2 – MULHERES NO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

FONTE: Blog da Unicamp (2018)

As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de São Paulo? É o questionamento apresentado pelo grupo de artistas feministas ativistas nomeado de *Guerrila Girls*[13], que atua desde 1985 para expor a discriminação de gênero, etnia e a corrupção na política, arte, cinema e cultura pop. O nu feminino aparece como parte da onipresença do corpo da mulher, conforme mencionamos anteriormente, e isso fica evidente em vários museus. No Museu de São Paulo (MASP), em 2017, o grupo das *Guerrilla Girls* fez uma exposição com um pôster contendo os seguintes dados sobre o acervo do museu em que 6% de artistas mulheres tiveram suas obras expostas, enquanto 60% dos nus expostos eram femininos no museu.

Em um outro pôster, de 1989, disponível no site *National Gallery of Art*[14], o grupo de artistas chamou a atenção em Nova York, no *Metropolitan Museum of Art* (MET), após um levantamento sobre os acervos das galerias dos séculos XIX e XX em que menos de 5% dos artistas no acervo do museu eram mulheres. No entanto, 85% dos nus eram femininos. Essas indagações nos fazem questionar como se deu a presença das mulheres e a representação feminina no ambiente artístico.

A participação das mulheres na arte ficou mais restrita ao seu corpo que foi sendo retratado por artistas homens nas telas e esculturas, uma vez que sua atuação na vida social e artística não era bem aceita. Outro ponto que dificultou a experiência artística das mulheres foi o acesso à educação. De acordo com Luciana Gruppelli Loponte (2002 apud CHADWICK, W; 1992) o desenho natural com modelos nus – prática que configurou a base do ensino acadêmico da representação do século XVI ao XIX – era proibido para as mulheres na Europa, restringindo o estudo artístico delas ao contexto estético e doméstico, de representação de interiores e de natureza morta. Ao discutir as representações do corpo feminino e dos nus na arte ocidental, Loponte (2002) destaca que essa arte estava mais voltada para a própria sexualidade masculina do que para a sexualidade feminina:

> Mulheres em bordéis, bares ou no divã do artista são cenas comuns na pintura francesa do final do século XIX. As representações de corpos femininos, como signos da sexualidade masculina, afirmavam a modernidade dos homens artistas e sua posição de vanguarda. (LOPONTE, 2002, p. 288).

---

[13] Informações sobre o grupo Guerrila Girls disponíveis em: <https://www.guerrillagirls.com/>. Acesso em: 24 maio 2020.

[14] Disponível em: <https://www.nga.gov/collection/art-object-page.139856.html>. Acesso em: 28 maio 2020.

Quando o corpo feminino nu está exposto, pelas mãos de artistas homens, não é para exaltar o exercício da sexualidade feminina, mas reafirmar a própria posição dos homens naquele meio e seus valores. Ao observar a forma como a mulher foi retratada artisticamente, quais discursos circularam a seu respeito, quem foram os sujeitos responsáveis pela produção e de que forma isso se organizou, podemos compreender um pouco melhor a articulação da nudez feminina na arte.

Um exemplo da diferenciação entre as representações da nudez masculina e feminina nas artes visuais é apresentada por Loponte (2002) ao contrastar duas obras: *O beijo* (1880-1889), de Auguste Rodin; e a obra batizada sucessivamente de *Abandono, Vertumno e Pomona e Skountala* (1905) de Camille Claudel[15]. Apresentaremos as obras abaixo, lado a lado, em imagens retiradas diretamente dos sites do Museu[16] de cada artista, para facilitar a comparação.

FIGURA 3 – O BEIJO

FONTE: Musée Rodin (1882)

FIGURA 4 – ABANDONO

FONTE: Musée Camille Claudel (1886)

Para Loponte, a percepção, a construção e a disposição do casal nas esculturas ocorrem de modos diferentes para Rodin e para Claudel, ainda que dentro do mesmo tema:

[15] LOPONTE, L. G; 2002, p. 295.

[16] Optamos por buscar as imagens diretamente nos sites de cada museu por conta da melhor qualidade das imagens. Disponível em: http://www.musee-rodin.fr/ e http://www.museecamilleclaudel.fr/. Acesso em: 28 maio 2020.

> As duas obras tratam aparentemente do mesmo tema, o amor erótico heterossexual. Na obra de Rodin, o homem tem o poder do desejo sobre a mulher; é ele quem domina o beijo. Na escultura de Camille Claudel, ela atreve-se a representar um nu masculino que se ajoelha diante da mulher, que por sua vez entrega-se marcando a reciprocidade do desejo erótico. Os corpos femininos de Claudel são corpos desejantes, não simples objetos do prazer masculino. Talvez justamente por essa ousadia, incomum às mulheres de sua época, sua obra e história tenham sido esquecidas por tanto tempo. (LOPONTE, 2002, p. 295).

Loponte aponta esse jogo complexo entre gênero e poder que ilustra a época e reforça o olhar masculino do artista sobre a mulher em Rodin, mas que também subverte essa expectativa a partir da criação de Claudel ao afastar a representação da mulher da ideia de objeto do prazer masculino, colocando-a como um corpo desejante na virada do século XVIII para o século XIX.

Se na arte a presença do corpo nu feminino está atrelado ao interesse que desperta nos artistas, como esse mesmo corpo nu opera em outros ambientes e espaços? Pois os corpos femininos, nus, aparecem também fora dos museus, e causam as mais diversas reações.

Para situar um outro cenário, podemos mencionar mulheres nuas como forma de protesto, em que os corpos assumem diferentes efeitos de sentido. Gomes (2017) aponta que *A Marcha das Vadias*, por exemplo, que teve várias edições registradas no Brasil ao longo da última década (em 2012, ocorreu em 23 cidades; em 2016, cerca de 60 cidades), teve sua origem em 2011, no Canadá (*SlutWalk*). O início dos protestos ocorreu a partir da fala de um policial ao sugerir que para que uma mulher não fosse atacada, ela não deveria estar vestida de forma provocante.

A ideia que a vestimenta da vítima justificaria o comportamento do estuprador ocorre também no Brasil e é bastante problemática, pois a responsabilidade pela violência sofrida é atribuída à própria vítima de violência sexual, como se a roupa que ela veste determinasse se ela será estuprada, ou não.

Uma pesquisa conduzida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2014, com o estudo intitulado Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre a tolerância social à violência contra as mulheres revelou a percepção da sociedade brasileira no que diz respeito a questões como sexismo e violência contra a mulher. A partir dos dados publicados, percebemos que a culpabilização da mulher em casos de violência no Brasil não é um fenômeno sutil:

> (...) a assertiva que traz o termo "estupro" explicitamente e que apresenta a ideia de culpabilização da mulher de maneira mais evidente – "se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros" – encontrou um alto grau de concordância, 58,5%. Por trás da afirmação, está a noção de que os homens não conseguem controlar seus apetites sexuais; então, as mulheres, que os provocam, é que deveriam saber se comportar, e não os estupradores. A violência parece surgir, aqui, também, como uma correção. A mulher merece e deve ser estuprada para aprender a se comportar. O acesso dos homens aos corpos das mulheres é livre se elas não impuserem barreiras, como se comportar e se vestir "adequadamente". Essa frase também é relevante por apresentar variações significativas segundo algumas características. (BRASIL - SIPS, 2014, p.22)

Esses discursos circulam em diversas esferas e reforçam o estigma para a vítima de violência, dificultando seu acolhimento e acesso a procedimentos médicos e legais para garantir sua segurança.

Ainda sobre a origem da *Slut Walk* no Canadá, no episódio mencionado, ao associar a roupa das mulheres, se provocantes ou sensuais, com a culpa das vítimas pelo assédio ou abuso sofrido, o grupo protestou ressignificando a palavra vadia/*slut.* Enquanto vadia/slut eram palavras utilizadas para menosprezar e agredir as mulheres por exercerem, com liberdade, sua sexualidade, a Marcha altera a ideia associada a essas palavras de que deveriam, de certa forma, reprimir seus corpos e suas roupas. As manifestantes assumem para si e para a sociedade a identidade de *vadias* ao reafirmarem a autonomia sobre os próprios corpos e a liberdade de vestirem qualquer roupa sem que isso seja uma justificativa para assédio ou estupro. A ideia da Marcha também consiste em alertar para a violência que as mulheres sofrem, além de acabar com a violência sexual e a culpabilização das vítimas.

A partir dessa relação entre corpo e protesto, o corpo (vestido e despido) é ressignificado e se afasta da ideia de pudor e discrição previamente sugeridas:

> Desnudados, encobertos, paramentados ou pintados, fazendo-se presentes nas ruas, em imagens ou em manifestos, os corpos são transformados em artefatos políticos, acionados de diversas formas por ativistas para comunicar diferentes mensagens e produzir efeitos desejados. Chave importante de organização dos discursos e das práticas feministas, a construção política do corpo não é, contudo, uma exclusividade deste movimento. Em maior ou menor medida, todos os movimentos sociais *politizam* o corpo e *incorporam a política*. No feminismo, entretanto, o "corpo" é um articulador central dos repertórios políticos, um lugar discursivo onde as ativistas depositam uma multiplicidade de significados e projetos, constituindo uma gramática ao mesmo tempo compartilhada e disputada. (GOMES, 2017, p. 234).

O corpo se apresenta na possibilidade de mobilizar mensagens, sentidos, provocações e funciona como um dispositivo para tal. Assim, desperta sentimentos de apoio e rejeição por parte da sociedade que entende de diferentes formas esse protesto, entre aqueles que julgam desnecessário e aqueles que apoiam.

Para Gomes (2017, p. 243), o corpo de cada uma das ativistas ocupa um papel central na Marcha: "Há um grande investimento das participantes na apresentação dos seus corpos. Muitas mulheres usam sutiãs, biquínis, decotes ou exibem os seios nus, usam roupas transparentes e curtas, batom vermelho e salto alto, pintam a pele (...)". As mensagens de protesto aparecem escritas no corpo e em cartazes. A provocação é justamente questionar como o corpo nu pode ser mais chocante e chamar mais atenção do que a violência que as mulheres sofrem.

Entre as participantes os diferentes perfis sociais, raciais, políticos, sexuais, despidos ou vestidos, assumem a participação de seus corpos na Marcha para chamar a atenção para questões específicas sobre *ser mulher*, questionando também a própria forma de apresentação desses corpos no espaço público – desafiando o entendimento do que é esse lugar e como devem ocupá-lo. Outros grupos também assumem o corpo como político para protestos, utilizando-o de forma simbólica e discursiva, seja para causas que envolvem questões de gênero ou questões ambientais, por exemplo, rompendo com o controle que se espera sobre esses corpos.

Ao discutirmos a possibilidade do nu artístico e da nudez como forma de protesto percebemos que, enquanto a primeira foi baseada no que era aceito socialmente por aqueles que dominavam o meio das artes para reafirmar seus próprios desejos de poder, a segunda ocorre como uma afronta, um protesto, um libelo sobre o domínio dos corpos e ao que é socialmente esperado.

Para discorrer sobre o nu, e sobre o vazamento de nudes, na sociedade contemporânea precisamos focalizar algumas discussões sobre imagens. As autoras Sibila e Diogo (2011) abordam as fotografias no trabalho intitulado *Vitrines da intimidade na internet: para guardar ou para mostrar*. Sobre a fotografia, registro que surge no início do século XIX transformando as relações das representações de imagens na época, para Sibila e Diogo (2011, p. 129):

> Uma foto é considerada um documento que certifica a pré-existência do objeto representado: de algum modo, a câmera o fixa e o imortaliza. Este se apresenta diretamente ante o aparato perceptivo de quem observa sua cópia fotográfica, algo considerado radicalmente distinto do que acontecia com outras técnicas de representação.

Esse registro fotográfico retratava a vida pública e privada das pessoas, em formatos que para Sibila e Diego (2011, p. 131), "se ocuparam de manter viva a memória familiar, algo primordial para as subjetividades dessa época, superando com seus fantasmas muito reais a importância da vida pública, social e política, e inclusive das crenças religiosas".

Com a evolução tecnológica, as câmeras fotográficas também foram beneficiadas e tornaram-se câmeras digitas. Hoje, aparecem acopladas aos telefones e a outros dispositivos, associadas com o uso da internet modificaram profundamente nossa relação com a produção de imagens para captação, produção e armazenamento de registros da vida íntima (SIBILA E DIOGO, 2002, p. 133). Se antes as fotografias eram uma relíquia, tesouros de família passados de gerações para gerações, hoje os registros de pessoas conhecidas ou desconhecidas são vastos e o acesso é imediato na rede online. Já não é mais um tesouro íntimo, restrito ao núcleo familiar, é um registro para ser compartilhado com o mundo, de modo que até mesmo a quantidade de registros já está muito além do que se tinha no passado, pois como apontam Sibila e Diogo (2011, p. 134): "hoje floresce uma avidez insólita por registrar imagens da intimidade, mas o ato de guardá-las por longos prazos parece haver perdido sua importância. Agora se deseja, sobretudo, mostrá-las, que sejam vistas e, logo depois, esquecidas ao renová-las".

De fato, as redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, e outras, permitem a exposição desses registros e seu apagamento caso o usuário acredite que aquele conteúdo deve ser removido. Algumas redes sociais como o *Snapchat*, por exemplo, foram criadas com o objetivo de manter uma foto ou vídeo disponível por um intervalo de tempo determinado, com acesso restrito, para que se tivesse maior controle sobre o acesso (funções que podem ser alteradas de acordo com a preferência do usuário). No entanto, nesse formato digital, uma vez que a imagem está exposta online, é difícil rastrear seu acesso e os usos que podem ser feitos dessa imagem.

Agora, podemos retomar a discussão sobre o nu artístico, sobre a nudez como protesto e sobre o vazamento de nudes. Todas essas categorias têm como

ponto comum o fato de o corpo feminino aparecer despido, nu, mas cada uma delas produz diferentes efeitos de sentido em diferentes condições de produção em determinada época. Enquanto o nu artístico se aproximou do registro feito pelo artista masculino sobre a mulher a partir desse olhar, a nudez como protesto funciona a partir da autonomia da mulher ao decidir expor seu corpo com a quebra de expectativas sobre esse controle do corpo feminino. A foto de um nude, por sua vez, pode funcionar tanto como uma forma de registro do corpo, seja um retrato feito por outrem ou um autorretrato, como também pode funcionar como ruptura comportamental em relação ao padrão esperado de corpos vestidos. Geralmente, a situação para a produção dessas fotos envolve outros fatores. Entre o registro do nu enquanto fotografia e o vazamento do nude por um parceiro ou hacker cabem discussões que aprofundaremos no próximo capítulo e também por ocasião da análise.

3.4. O VAZAMENTO DE NUDES

> Não que eu esteja envergonhada das fotos, ou que elas possam me fazer parecer feia, ou que sejam explicitamente sexuais demais ou qualquer coisa assim, mas [o que me incomoda é] o fato de que não tenho controle sobre quem as recebeu, e de que foram distribuídas de maneira maliciosa. Tipo, elas foram enviadas aos meus colegas de faculdade e aos do meu [novo] namorado com o claro objetivo de me prejudicar, e tipo, se essas fotos tivessem sido colocadas numa galeria de arte com a minha permissão, estaria tudo bem, e quem quisesse poderia vê-las, mas para mim, foi o fato de que elas foram usadas maliciosamente e sem o meu consentimento que mais me machucou. [17] (Karla). (BATES, 2017, p. 34[18]).

O trecho acima é identificado pelo pseudônimo de Karla e faz parte do estudo desenvolvido por Samantha Bates[19], no Canadá, sobre os efeitos da pornografia de vingança (*revenge porn*) na saúde mental das mulheres sobreviventes a essa prática. Bates conduziu esse estudo entre fevereiro de 2014 e janeiro de 2015 com 18 participantes. O relato de Karla revela como é ser o alvo dessa prática de vazamento de nudes e como o fato de não ter controle sobre a distribuição do material em que ela apareceu foi incômodo. Karla afirma que o uso malicioso e sem o consentimento por parte dela foi algo que a violou. E com esse relato já é possível identificar algumas características fundamentais da prática conhecida como vazamento de nudes que discutiremos adiante.

O vazamento de imagens íntimas pode se apresentar com outras terminologias ou nomenclaturas, às vezes, até mesmo, utilizadas como sinônimos. Conhecida, também, como pornografia de revanche, pornografia de vingança, *revenge porn*, pornografia não consensual, disseminação não consensual ou consentida de imagem, vazamento de nude(s), vazamento de imagem(ns) íntima(s), *Non Consensual Intimate Images* (NCII) ou disseminação não consensual de

---

[17] As traduções presentes ao longo desse trabalho referenciando Bates (2017) foram feitas por Jander Osny Farias de Oliveira.

18 Texto original: It's not that I'm ashamed of the pictures or embarrassed, or thought they were unflattering, or thought that they were too explicitly sexual or anything like that, it was the fact that I didn't have control over who they were distributed to and that they were distributed for a malicious purpose. Like it was to faculty members in my program and my [new] boyfriend's faculty, and it was clearly targeted to shine a negative light on me, and like, if those same pictures had been put up in an art gallery with my permission, I would have been fine with it, and any member of the public who wanted to could have walked in there and seen them, but to me it was the fact that they were used maliciously and without my consent, and in my name, that was the part that violated me the most I think. (Karla)

19 Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1557085116654565>. Acesso em: 29 abr. 2019.

imagens íntimas, esses seriam alguns dos termos mais comuns, e que serão discutidos adiante na seção sobre terminologia.

Conforme Halder e Jaishankar (2012: 31), citados por Nabil (2014, p.2), a prática do vazamento de nudes consiste em distribuir materiais contendo nudez ou conteúdo sexualmente explícito, seja em formato de fotos ou vídeos, com ou sem informações pessoais do indivíduo, sem o seu consentimento.

De acordo com o *Projeto CARETAS*, elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e publicado[20] em 2019, o vazamento de imagens está relacionado a questões de gênero, moral, e desenvolvimento tecnológico, e "pressupõe a exposição vexatória, muitas vezes por vingança ou punição à mulher que não agiu conforme o desejo do seu companheiro (como optar por terminar um relacionamento)" (UNICEF, 2019, p.8.). Uma dessas questões mencionadas emerge quando pensamos que as formas de acesso e armazenamento desse material de nudez ou sexualmente explícito podem ser decorrentes de diversos contextos. Uma delas, por exemplo, seria pela troca de mensagens de cunho sexual entre parceiros (nesse cenário independe se há uma relação estabelecida ou se faz parte de um flerte), em uma prática denominada como *sexting*:

> A expressão *sexting* ficou conhecida por significar a troca de mensagens de cunho sexual ou a troca de fotografias da mesma natureza. O neologismo das palavras em inglês *sex* e *texting* é uma das mais interessantes facetas de conexão pessoal da geração millenials e difundiu-se no meio legal e jurídico mundial – inicialmente nos Estados Unidos da América do Norte –, também no contexto de *cyberstalking*, como uma das modalidades de *cyberbulling*. (CASTRO, A. L. C., SYDOW, S. T., 2016, p. 12).

É importante diferenciar que enquanto o *sexting* é uma prática cada vez mais comum entre adolescentes, jovens e adultos, a disseminação não consensual de imagens pressupõe a exposição vexatória – e pode ter como objetivo difamar, expor, conseguir algo em troca (dinheiro, ou até mesmo a volta do relacionamento que havia), entre outros. Em alguns casos, ainda que não haja propriamente a divulgação, o agressor pode utilizar a posse desse material para outros tipos de violência de acordo com o documento *Violências contra mulheres na internet: diagnóstico, soluções e desafios (2017)*:

---

20 Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/adolescentes-e-o-risco-de-vazamento-de-imagens-intimas-na-internet>. Acesso em: 27 de maio 2019.

> (...) a posse de material pelo agressor possibilita a perpetração de outros tipos de violência afeitas à disseminação não consentida de imagens íntimas. Vêm sendo aplicados os seguintes tipos do Código Penal: art. 147, quando da ocorrência de ameaça; art. 158, quando da exigência de dinheiro de bens materiais a fim de que material não seja disseminado (extorsão); art. 213, quando agressor exige prática sexual para que o material não seja disseminado (estupro). (CODING RIGHTS, INTERNETLAB, 2017, p. 35).

Mas o acesso e distribuição desse material de cunho sexual, e consequente exposição, também pode ser decorrente de outras práticas, até mesmo por pessoas desconhecidas da vítima como, por exemplo, podemos citar: uma invasão nos dispositivos da vítima com o acesso pelo uso da senha do usuário (roubada ou concedida para determinados fins) para acessar a conta de e-mail ou o computador em que estava arquivado o material; reparos técnicos no computador ou celular em que possam estar armazenados esse tipo de conteúdo; em casos de furto do aparelho celular com as imagens; e também para objetificação e punição.

O caso de Karla, mencionado no início desta seção, se encaixa no que é mencionado como "vingança ou punição à mulher". Essa “vingança” está sustentada em ideias sobre o corpo e a sexualidade da mulher. Ainda que a exposição possa ocorrer, também, com os homens, ao buscar dados sobre a disseminação não consensual de fotos íntimas, as principais vítimas são, de fato, as adolescentes e mulheres. No mesmo documento do *Projeto Caretas* foi publicada a seguinte informação: “127 mulheres e meninas se mataram no Brasil por causa de exposição online entre os anos de 2015 e 2017” (UNICEF, 2019, p. 9), cuja fonte é o *Relatório Violência, suicídio e crimes contra a honra de mulher na internet*. O impacto dessa exposição na vida das mulheres e meninas é real, e pode ser fatal como aponta o relatório.

Para Manoel et al. (2020), em pesquisa sobre o sexting, adolescência e a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento, a assimetria no risco e nas consequências diante da exposição de um conteúdo íntimo fica evidente quando comparamos a situação para homens e mulheres:

> Os homens não sofrem punições e podem inclusive ser recompensados com elogios e reconhecimento de sua masculinidade; já as mulheres vivenciam situações de polivitimização, sofrendo diversos danos psicológicos, sociais e funcionais (Bannink, Broeren, Van de Looij-Jansen, de Waart, & Raat, 2014; Grov et al., 2011). Entre os prejuízos identificados para mulheres estão: impactos na saúde mental e ideação suicida, ser vítima de insultos e xingamentos, ser mais coagida ao sexting indesejado, ser culpabilizada pela exposição de fotos íntimas, além de necessidade de mudança de escola e/ou outros ambientes após ter a privacidade violada (Boden, 2017; Hasinoff, 2017; Mejía-Soto, 2014; Walker, Sanci, & Temple-Smith, 2013). A partir de dados semelhantes, Ringrose et al. (2013) indicam que o próprio gênero do praticante pode ser um fator de risco. Enquanto os meninos adolescentes veem o sexting como positivo e até um meio de adquirir status social, acumulando e exibindo fotos deles e de outras pessoas, as meninas afirmam que o sexting é um risco para sua reputação (Ringrose et al., 2013). (MANOEL et al, 2020, p. 42).

Um outro exemplo que confirma a descrição feita pela UNICEF sobre o vazamento de imagens associado com a exposição vexatória e vingança seria o caso de Rose Leonel[21]. Ela foi uma das primeiras mulheres vítima desse crime no Brasil, em uma época que o *cibercrime* não era discutido como é hoje e tampouco possuía delegacias especializadas para atendimento.

Quando Rose terminou um relacionamento estável, em 2006, seu ex-namorado não aceitou a separação. Ele divulgou uma foto íntima dela, junto com dados pessoais para contato como telefone, celular, *e-mail* e *MSN*, como se ela fosse uma garota de programa, para cerca de 15 mil pessoas por e-mail, para blogs de pornografia, e também distribuiu como material impresso nas ruas e nos locais em que Rose procurava emprego.

A respeito das questões sobre o corpo e a sexualidade da mulher com a intimidade exposta de forma não autorizada, a pesquisadora Beatriz Accioly[22], do Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, menciona o caso de Rose e questiona alguns comportamentos desde o compartilhamento até a condenação moral:

---

21 Rose Leonel é criadora da ONG *Marias da Internet* para ajudar vítimas de crimes pela internet. Entrevista disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/02/o-que-difere-pornografia-de-vinganca-dos-outros-crimes-e-continuidade.html>. Acesso em: 29 abr. 2019.

22 Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-de-genero-na-internet/ Acesso em: 03 set. 2019.

> Por que as pessoas compartilham essas imagens? Por que uma moça que tem uma foto com o namorado divulgada deve ser punida, alvo de chacota? A história da Rose nos afeta não só porque o ex-companheiro dela fez isso, mas porque todas as pessoas que receberam as fotos a condenaram também do ponto de vista moral. Isso diz algo sobre como pensamos a sexualidade das mulheres. A condenação moral dessas mulheres vem do fato de que elas seriam mulheres que não conseguiram evitar, que "deram mole" que não deixaram a sua sexualidade na esfera do privado, na esfera do escondido. O que há, ainda, é uma perpetuação da sexualidade de recato da parte de todo mundo, porque o machismo não está exclusivamente nos homens, ele é estrutural da nossa sociedade (ACCIOLY, B., 2019, não p.).

Um fato curioso mencionado pela pesquisadora seria que, ao mesmo tempo em que as pessoas compartilham a foto elas também condenam o comportamento sexual da mulher do ponto de vista moral. O imaginário acerca do corpo da mulher e do exercício de sua sexualidade na sociedade ocidental, em especial, brasileira, são anteriores ao tempo atual em que vivemos com amplo uso das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCI's) e sua influência reverbera na forma de nos relacionarmos.

Em um levantamento de produções acadêmicas recentes sobre o tema da disseminação não consensual de imagens íntimas, ou *revenge porn*, foi possível encontrar exemplos de trabalhos no Brasil e no exterior, principalmente na área do Direito, em que se analisam, por exemplo, as leis, as penalidades, o entendimento sobre esse crime, diferentes casos e punições. No entanto, percebemos que o tema ainda é pouco discutido academicamente, sendo fundamental o aprofundamento para que possamos situar um panorama que nos permita compreender melhor a realidade de ocorrências, impactos e desdobramentos da prática no Brasil.

Em especial, destaco o livro *O Corpo é o Código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn no Brasil*, resultado de um trabalho de pesquisa conduzido entre 2015 e 2016, no InternetLab, da Associação InternetLab de Pesquisa em Direito e Tecnologia. Como uma das referências que encontramos sobre o tema, o livro fez um trabalho completo em discutir a prática do *revenge porn* incluindo as complexidades do sistema legal, o mundo virtual, os processos judiciais, o acesso à justiça pelas vítimas, as posições do legislativo e executivo sobre o tema, estudo de casos, entrevistas com pessoas da área jurídica, entre outros.

Mencionaremos na sequência do trabalho a legislação atual que rege o vazamento de fotos íntimas e discutiremos ainda a terminologia utilizada para nomear a prática.

3.4.1 Discussão sobre a terminologia – *vazou um nude*?

Algumas pesquisas já levantaram questionamentos acerca da forma como o vazamento de nudes é nomeado na esfera pública e de que outras formas isso ocorre. Não podemos considerar que todas as formas para nomear essa prática, mencionadas abaixo sejam puramente sinônimas, pois a preferência por determinado termo revela diferentes efeitos de sentidos, com diferentes implicações, mesmo que o falante não esteja ciente disso ou reflita a esse respeito. Comentaremos, a seguir, algumas delas.

a) Pornografia de Revanche / Pornografia de Vingança / *Revenge Porn*

Ainda que seja amplamente conhecida dessa forma, a divulgação de imagens íntimas entendidas como pornografia e associada ao termo vingança (ou *revenge*) pode carregar alguns problemas de sentido de acordo com algumas autoras.

Para Valente, Neris, Ruiz e Bulgarelli (2015, p.50): "o '*revenge porn*', ou as violências relacionadas a ele, vêm ligadas à uma espécie de punição a normativas de gênero e posições de poder ameaçadas'. Portanto, o uso de "*revenge*" ou "vingança" poderia ser uma forma de "revitimização" ou até mesmo uma condenação moral da nudez ao associar com o termo pornografia. Além disso, ao entrevistarem e questionarem a Promotora de Justiça Silvia Chakian sobre o termo "*revenge porn*", compreende-se que ela considera pejorativo o uso e aponta para certo julgamento moral embutido no termo:

> Mas quando você embute a palavra pornografia você já julga, você diz que aquilo é errado, que é condenável sob o aspecto moral. Acho que essa nomenclatura tinha que mudar, a gente não tinha que adotar essa "pornografia de vingança" e outra: o termo vingança também pressupõe que a mulher fez alguma coisa de errado e o sujeito está se vingando, mas o que ela fez de errado? É porque ela rompeu um relacionamento? Então eu vejo problema nas duas palavras: vingança e pornografia. (VALENTE, NERIS, RUIZ E BULGARELLI, 2015, p.50).

Chakian questiona a utilização dos dois termos no que diz respeito ao que compreendemos como pornografia e como vingança, especificamente com relação a esse emprego para indicar a prática de vazamento de fotos íntimas.

A mesma entrevista também apresentou a fala de Alice Bianchini, doutora em Direito Penal, em que ela questiona o uso do termo pornografia, já que a pornografia se afasta do que acontece, de fato, em uma relação sexual ou mesmo em um momento íntimo, pois o registro pode não ter a intenção de ser pornográfico. Para Bianchini, falar em "pornografia de vingança" já consiste em um contexto específico:

> Que induz ainda mais essa vitimização, uma segunda vitimização da mulher. Uma terceira, quarta, sei lá quanto que a gente já vitimizou essa mulher nessa situação. Então já tem a questão da dupla moral, uma moral para os homens que valoriza isso; uma moral para mulheres que deprecia essa conduta. Depois tem essa mulher que vai enfrentar a justiça e as pessoas vão querer saber quem é essa mulher, será que ela não está se autopromovendo, quer dizer, de novo né um problema com a vítima, e ainda mais chamando de pornografia uma coisa que não é pornografia, realmente para criar um constrangimento ainda maior. Isso não digo que são coisas assim que foram feitas para isso, mas é o contexto cultural machista, o contexto cultural patriarcal, o contexto cultural dessa dupla moral que acaba levando a isso (...). (VALENTE, NERIS, RUIZ E BULGARELLI, 2015, p.50).

Tanto para Chakian quanto para Bianchini, o uso da expressão *pornografia de revanche* é inadequado. As autoras apontam motivos relacionados com julgamentos morais, associados com a pressuposição de que a vingança por parte de quem a perpetra foi uma resposta a alguma atividade ou atitude inadequada da vítima anterior a isso. Ou seja, seria como uma vingança contrária ao próprio exercício da liberdade sexual da mulher e liberdade de escolha – como nos casos em que a mulher busca se afastar ou encerrar um relacionamento com seu companheiro, mas ele se recusa e para que não ocorra a separação ameaça ou age de forma violenta, por exemplo.

Ao pensarmos o funcionamento discursivo dos termos "pornografia de vingança" ou "pornografia de revanche" a partir do que foi mencionado pelas autoras citadas, podemos apontar para o funcionamento dos efeitos de sentido em determinadas condições de produção.

Nomear como pornografia de vingança assume, por exemplo, a vítima da prática em foco, de forma que a mulher (em sua maioria) é colocada como alguém que assumiu um comportamento equivocado, seja no exercício da sexualidade ou na permissão/acordo para fotografar/filmar sua conduta é entendida como um erro. O pré construído a respeito da mulher e de seu papel na sociedade está relacionado ao espaço privado, e sua sexualidade, à repressão. Quando o exercício da sexualidade da mulher passa do espaço privado para o público pelas mãos de outra

pessoa, seja divulgando em fotos ou vídeos sem que ela tenha consentido, as atenções se voltam mais para o conteúdo sexual ou íntimo publicado sobre a mulher (diremos, aqui, assumido como pornográfico – na maior parte das situações a mulher não buscava essa associação, ela é feita pela pessoa que publica o material online).

Uma outra situação a ser discutida seria a existência e o uso dos vídeos de *revenge porn* nomeados e publicados em sites de conteúdo adulto/pornográfico em categorias intituladas como "amador" ou "caseiro". Transformar a prática do *Revenge Porn* em uma categoria de website pornográfico naturalizaria mais ainda a prática para quem não reflete sobre a complexidade e as consequências disso, principalmente de algo não autorizado, consistindo em mais uma forma de agressão às vítimas que passam por essa situação.

De acordo com Kate Isaacs, em entrevista para a BBC[23], fundadora da campanha #NotYourPorn[24], os sites que hospedam conteúdos adultos e que incluem tais categorias têm se tornado mais valiosos para anunciantes ao utilizarem tais termos e, para ela, as companhias precisam ser responsabilizadas pelas próprias ações, pois estariam lucrando em cima de um conteúdo ilegal que não é apenas errado, mas também uma violação de privacidade. Tudo isso esbarra na falta de regulamentação da indústria pornô, em especial no Reino Unido, no caso da campanha de Kate Isaacs, ao redor da comercialização de um conteúdo sem o consentimento de quem nele aparece.

Também podemos mencionar os efeitos de sentido que a palavra pornografia pode suscitar a depender do falante, da época, e do uso do termo. Quando pensamos em pornografia, a principal crítica que se faz reside na seguinte questão:

---

[23] Disponível em: https://www.bbc.com/news/technology-49583420 Acesso em: 28 fev. 2020.

[24] Disponível em: https://notyourporn.com/ Acesso em: 28 fev. 2020.

> O principal ponto de ataque das mulheres à pornografia, tanto entre as teóricas quanto entre as possíveis consumidoras, é o fato dos materiais, filmes, revistas, terem uma narrativa e desenho voltados para a apreciação do público masculino. Tal afirmação é facilmente comprovada sem sequer precisarmos de uma investigação aprofundada: o olhar para as capas das revistas expostas nas bancas, ou dos DVDs disponíveis nas locadoras; a leitura de textos de divulgação dos shows eróticos, chamadas para boates especializadas. Toda a publicidade em torno da pornografia é voltada para o consumir masculinos, para incitar o olhar e o apetite do macho. Com um pouco mais de curiosidade e investigação vemos que também a produção é massivamente controlada por homens, tanto operando as filmadoras, quanto máquinas fotográficas ou editoriais de publicações. Testosterona é o combustível principal para a indústria pornográfica. (SANTANA; RUBIM, 2012, p. 639).

Quando os usuários publicam um vídeo ou imagem íntima, contra a vontade da mulher envolvida, em um site pornográfico na categoria "amador" ou "caseiro" podemos perceber como a mulher e seu registro estão à mercê dessa vontade e apreciação do público masculino. Em posse do material, é o companheiro que decidirá sobre a publicação daquele material, mesmo que a contragosto ou sem solicitar permissão, seja para amigos ou para um público em geral. Além disso, outra questão envolvida na discussão sobre o pornográfico reside nos papéis de homens e mulheres nos conteúdos veiculados:

> (...) os discursos pornográficos definem papéis fixos para homens e mulheres, sendo elas mercadoria de uso dos primeiros, tendo como significado social que as define como utilizáveis sexualmente, segundo o desejo dos homens. Na pornografia existe sempre a dualidade dominadores X dominados, ativos X passivas, confirmando a ideia de contrato sexual mantendo a ordem social estabelecida (...) (SANTANA; RUBIM, 2012, p. 642).

Quando a imagem da mulher é associada ao pornográfico, sem que tenha sido sua vontade ou desejo, isso ocorre de forma que ela não pode decidir sobre seu corpo e foi constrangida a um papel por decisão de terceiros.

Ocorre hoje, também, um debate sobre a pornografia em que ela não estaria associada exclusivamente a esse olhar masculino, ou seja, uma contraposição ao que conhecemos como pornografia tradicional, sugerindo uma possibilidade de explorar novas vozes e novos atores:

> (...) Preciado defende que sejam abertos novos espaços de debates com possibilidade de dar voz a atores historicamente silenciados, como transexuais, profissionais do sexo, lésbicas negras e todo um contingente que ela apresenta como as multidões queer. A partir destas vozes se daria a criação de novos discursos sobre a sexualidade e a pornografia, o que em uma plataforma de intervenção e ação social, um espaço de contraposição às tentativas normatizadoras da pornografia tradicional. Preciado acredita que este é o momento histórico em que as mulheres detêm capital tanto simbólico quanto material para produzir uma arte própria, realmente autoral, capaz de fazer frente às obras misóginas anteriores e esta seria a forma mais contundente de luta contra a objetificação e a violência. (SANTANA; RUBIM, 2012, p. 464).

No entanto, sabemos que aquilo que Preciado defende não é a concepção dominante, e que a pornografia tradicional ainda é a mais comum em produção, alcance e no imaginário popular, o que incide diretamente no incômodo e na tensão que as mulheres vítimas dessa situação vivenciam.

Associar o vazamento de um nude a um conteúdo pornográfico, na concepção dominante do que é pornográfico, pode acarretar na objetificação da mulher, e mais ainda por se tratar de uma decisão da qual ela não foi questionada se estava de acordo. Dessa forma, a mulher aparece dominada pelo parceiro quando este decide sobre associar o exercício da sexualidade e da imagem da mulher com uma prática pornográfica.

b) Disseminação não consensual/não consentida de imagem íntima

Na disseminação não consensual ou não consentida de imagem íntima (seja fotografia ou vídeo), percebemos que a palavra disseminação passa uma ideia de difusão e dispersão. De fato, após o compartilhamento do material na internet é muito difícil controlar e até mesmo entender os limites dos ambientes virtuais em que o material circula ou quem está tendo acesso. Mesmo quando a retirada do material é solicitada aos provedores de internet ou websites, um ou mais usuários já podem ter feito o download daquele material em seus computadores ou notebooks, o que os deixa em posse de um material que pode ser colocado novamente na rede quantas vezes quiserem.

Ao incluir os termos "não consensual" ou "não consentida" associado com "disseminação", os efeitos de sentido a partir disso podem ser diversos, pois esses termos tendem a chamar a atenção para algo que foi cometido sem anuência da outra pessoa envolvida. Para alguns, isso pode soar como um alerta de que o

conteúdo deve ser proibido e, portanto, não deveria estar na rede ou ser acessado. Já para outras pessoas, esse mesmo motivo pode despertar a intenção do acesso.

c) Vazamento de nudes / vazou um nude / Vazamento de imagens íntimas

A palavra "vazamento" está associada ao ato ou efeito de vazar. Mas quando aplicamos essa mesma palavra associada ao contexto de vazamento de "nudes" ou "imagens íntimas", essa nomenclatura apresenta alguns problemas.

Como já foi mencionado no início do trabalho, no aspecto sintático, "vazamento" assume um caráter impessoal, pois faz uma afirmação genérica, o que dificulta identificar o autor ou quem encomendou essa prática. Dizer que "vazou um nude" desloca a atenção do autor que cometeu o crime, para focar no conteúdo do vazamento, no caso, uma imagem íntima não consensualmente divulgada. O *nude* é considerado uma gíria para a foto de uma pessoa despida ou seminua, e ficou mais popular no meio online com o *meme*[25] "manda nudes" para solicitar uma foto (nu parcial ou total) do interlocutor na conversa, geralmente em aplicativos de mensagens instantâneas, durante flertes ou em conversas com um teor íntimo.

Nesse sentido, a estrutura utilizada para nomear a prática como "vazou um nude" demonstra o apagamento do sujeito-autor do feito, deslocando a ênfase para o nude, para a exposição. Aqui também se instala uma situação complexa para a vítima, pois ao dizer "vazou um nude da fulana", a prática discursiva nos leva a questionar sobre a imagem, sobre o nude, sobre a fulana. Dessa forma, pouco ou nada é dito sobre a pessoa que agiu dessa forma e provocou o vazamento, isso quando não é silenciado, mas muito é dito sobre a foto/filme de quem foi exposto, seja pelas atribuições físicas, performance, investigação do histórico de relacionamentos, se a pessoa exposta é reincidente nesse tipo de prática, se era algo que se poderia esperar dela baseada em seu comportamento, entre outras possibilidades.

Conscientes desses aspectos, optamos por usar o termo "vazou um nude" neste trabalho pelo uso recorrente na esfera social, seja *online*, midiática ou *off-line*. É a forma com que esse fenômeno é amplamente mais conhecido.

---

[25] A origem do termo *meme* está ligado a Richard Dawkins (1979), ao abreviar a palavra *mimese* (grego) para *meme*, no sentido próximo ao que conhecemos como gene. Na internet, os *memes* fazem sucesso quando atingem repetidas publicações com proporções de larga escala entre as pessoas, e podem ser encontradas referências dentro e fora da internet.

d) Sextorsão / *Sextortion*

Sextorsão consiste na associação das palavras "sexo" e "extorsão", e de acordo com a ONG SaferNet[26] é classificada como: "a ameaça de se divulgar imagens íntimas para forçar alguém a fazer algo - ou por vingança, ou humilhação ou para extorsão financeira. É uma forma de violência grave, que pode levar a consequências extremas como o suicídio". Essa ideia de forçar alguém a fazer algo se sustenta pela relação desigual de poder e de impacto na revelação do conteúdo que está sendo utilizado para chantagear.

A vítima dessa prática passa por situações de chantagem emocional, sexual ou financeira pelo parceiro ou por quem está em posse do material. Ampliando um pouco mais o conceito de sextorsão:

> O conceito de sextorsão difundido pela IAWJ exige a existência de um duplo componente, vale dizer, a (i) corrupção associada ao (ii) sexo na forma do exercício abusivo de poder. E a base sociológica da sextorsão, como já adiantava o boletim da ONU, é a inerente disparidade detectada na dinâmica dessas relações de poder em que os favores sexuais se estabelecem com comprometimento da dignidade do relacionamento. Assim, para se caracterizar a sextorsão, quem aceita, exige ou solicita deve estar em posição de dominante em relação à vítima. A IAWJ lista três características: o abuso de autoridade, a troca *quid pro quo* e o emprego da coerção psicológica, e não física. (CASTRO A., SYDOW S., 2016, p. 13).

No entanto, as dificuldades para enquadrar esse fenômeno estão associadas ao desconhecimento do tema, a vergonha e o constrangimento pelos quais a vítima passa e que servem como motivação ou satisfação para aquele que está agindo. Mas também é importante lembrar que as práticas que estão dentro do que é caracterizado como sextorsão podem se apresentar também nas outras terminologias.

e) *Non Consensual Intimate Images (NCII)* / Disseminação não consensual de imagens íntimas

[26] Disponível em: https://new.safernet.org.br/content/o-que-%C3%A9-sextors%C3%A3o Acesso em: 01 fev. 2020.

No trabalho elaborado por Valente, Neris, Ruiz e Bulgarelli (2015), as autoras e o autor verificam que o uso do termo *Non-Consensual Intimate Images* (doravante NCII) tem aparecido cada vez mais como uma alternativa ao "revenge porn", uma vez que "tira o foco tanto do *revenge*, quanto do *porn*, e busca focar no aspecto da autonomia da mulher, com o foco na ideia de consentimento" (VALENTE, NERIS, RUIZ E BULGARELLI, 2015, p. 52). Essa percepção ocorreu durante a participação dos autores em eventos internacionais sobre o tema nos anos de 2015 e 2016, e também por ativistas e acadêmicos/as de língua inglesa que têm feito uso do termo.

Em um trabalho publicado em 2017 e intitulado *Violências contra mulher na internet: diagnóstico, soluções e desafios*, organizado pelas organizações *Coding Rights* e *Internet Lab* o termo NCII também aparece com a explicação sobre o tipo de crime e artigos aplicados, inclusive para vítimas menores de 18 anos.

Ainda que a terminologia adotada possa ser diferente em nossas práticas sociais, e cada uma delas apresente um impacto específico, é importante destacar como unânime do ponto de vista teórico o entendimento da prática de exposição, sem consentimento, do conteúdo íntimo como uma forma de violência, uma vez que violência é entendida da seguinte forma:

> As violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas. Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação ou força, lhes inflingem, na vida privada ou pública, sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos com a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las, atingi-las na sua integridade física e na sua subjetividade. (ALEMANY, C.; In HIRATA, H, 2009, p. 271).

De fato, tivemos ao longo deste capítulo vários exemplos de práticas que buscavam intimidar, punir, humilhar, constranger e atingir as mulheres de diversas formas. Trabalhar com a violência no campo online relacionando-a com as questões de gênero envolve reconhecer que determinadas ações configuram manifestação de violência, com efeitos graves e que necessitam de ações com todos os envolvidos para manter a internet um espaço seguro, aberto, inovador, livre e descentralizado (CODING RIGHTS; INTERNETLAB, 2017, p.15). Também é importante discutir qual é a extensão do que ocorre no ambiente online com a vida off-line, assunto que exploraremos no capítulo a seguir.

E ainda de acordo com o documento elaborado pelo Coding Rights em parceria com InternetLab (2017), a culpabilização das vítimas e a não compreensão da gravidade que a violência psicológica inflige são fatores que estão diretamente ligados com o cenário que temos hoje em que a violência de gênero no meio online assume formas como: censura, ofensa, incitação ao ódio, ameaças de violência física, *stalking*, exposição de dados pessoais, utilização indevida da imagem, disseminação não consentida de imagens íntimas, invasão e ataque coordenado.

É importante mencionar que a discussão sobre as terminologias adotadas é importante para a Análise do Discurso por diversas razões. Entre elas, podemos mencionar que cada efeito de sentido nos relaciona com diferentes posições ideológicas, e ao enunciar estamos assumindo uma posição. Para Orlandi (2012, p. 22) "tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc.". Ou seja, tomar essa ou aquela palavra consiste em se arriscar enquanto sujeito na rede de sentidos. No entanto, essa rede não é aleatória:

> Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. Por isso a Análise de Discurso se propõe a construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse "saber" que não se aprende, não se ensina mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (ORLANDI, 2015, p. 32).

Dessa forma, a A.D. permite discutir essa rede de sentidos, na qual o sujeito é atravessado pela ideologia que se materializa no discurso. Portanto, abrir o espaço para a discussão dos efeitos de sentido de cada uma das nomenclaturas adotadas é uma tentativa de explicitar como são colocadas em jogo as relações entre o simbólico, o ideológico, o histórico, o político e as condições de produção nos episódios que consistem na disseminação de imagens íntimas sem consentimento.

3.5 MÍDIAS, REDES SOCIAIS E A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

> Quando o vídeo foi vazado, eu, hum, posso admitir agora que queria me matar, e... Pra você ter ideia do quanto eu me sentia suicida, não contei a ninguém porque eu sabia que se contasse, alguém tentaria me impedir, então não contei porque não queria que me parassem... Perdi minha reputação... Estou arruinada financeiramente, perdi minha carreira, meus brilhantes 25 anos de carreira... Eu tinha um doutorado. Perdi tudo. Então como me senti? Hum, devastada. Não tenho nem palavras para descrever. Apavorada, humilhada, envergonhada, traída, quero dizer, nunca imaginei que um homem que eu amava, eu me casei com ele, ele era meu marido, eu confiava nele. Como ele pôde fazer uma isso comigo? Me sinto como se eu não valesse absolutamente nada. (Regina) (BATES, 2017, p. 32).

A cada revolução a sociedade altera suas formas de interagir, pensar, refletir, viver e sentir. Assim ocorreu com a Revolução Industrial, com início na Inglaterra no século XVIII, modificando o modo de produção manufatureiro (artesanal) para maquinofatura (industrial), bem como as relações de trabalho e o modo de consumo. Dessa forma, não poderia ser diferente com a Revolução Digital, principalmente após 1990 com a popularização do computador.

O advento das novas tecnologias da informação e comunicação, principalmente a partir da metade do século XX, foi responsável por mudanças além do entretenimento e do lazer, estendendo-se também para diversas esferas da sociedade. Como exemplos, Santaella (2003, p.23) cita: "o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância)". No entanto, o cenário tecnológico continuou avançando, desde essa publicação da autora em 2003, atualizando e modificando não só seus próprios aparatos, mas também a forma e os meios pelos quais as pessoas se relacionam e se comunicam. Para Velloso (2014) a grande maioria das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) desenvolvidas entre a metade de 1970 até 1990, tem como característica agilizar, horizontalizar e tornar fisicamente manipulável o conteúdo da comunicação pela digitalização e comunicação em redes. Alguns exemplos de NTIC's seriam os computadores, câmeras de vídeo e foto, suportes criados para armazenar dados como os Hard Diks, ou Disco Rígidos, conhecidos popularmente como HD's, telefonia móvel, TV por assinatura, e-mail, *world wide web*, *websites*, tecnologias de captação e tratamento de imagens e vídeos digitalmente, tecnologias de acesso remoto sem fio (*wireless*) como *wi-fi*, *bluetooth*, entre outros (VELLOSO, 2014).

O autor nomeia como a *Sociedade da Informação* a forma com que os governos, indivíduos, empresas e setores sociais usufruem e utilizam as múltiplas maneiras de captar, registrar e distribuir textos, imagens, vídeos e sons. De fato, a velocidade de circulação das informações e o acesso *online* possibilitaram novos formatos e novas relações com a tecnologia e com as pessoas dentro e fora dessa rede digital. Essa mesma velocidade que facilita a comunicação, o acesso aos conteúdos e a distribuição de informações para inúmeras pessoas conectadas nessa rede *online*, também permite que um material seja de difícil rastreio, dificultando o acesso a origem de quem publicou tal conteúdo e quantas pessoas tiveram acesso e fizeram algum tipo de registro daquele material, por exemplo.

Em 2010, nos Estados Unidos, surgiu o primeiro website com o objetivo de hospedar imagens íntimas de ex-parceiros e ex-parceiras por vingança. Outros sites desse tipo foram criados posteriormente, e em geral eles incluíam um fórum para comentários pejorativos sobre as mulheres nas fotos. Os usuários eram encorajados a enviar esse tipo de conteúdo e o site disponibilizava *online*. Em um período de 3 meses, em 2011, esse mesmo site que inaugurou a hospedagem desse tipo de conteúdo recebeu 10.000 envios de material. O criador do site lucrou um valor significativo pelas propagandas no site, em valores que chegavam a US$13,000.00 por mês de receita (BATES, 2016). Por ser um website disponível na rede, a contribuição do material para publicação e o acesso poderiam partir de lugares muito diferentes, ampliando o alcance. Assim como, igualmente, eram acessadas, essas mesmas imagens poderiam ficar registradas no computador de outras pessoas que se engajassem nesse tipo de conteúdo e decidissem fazer o *download* ou capturar aquela imagem.

Um dos maiores problemas enfrentados pelas vítimas da divulgação não consensual de imagens íntimas é, justamente, não conseguir ter certeza se o conteúdo foi removido completamente da internet e temer que ele retorne a qualquer momento porque uma pessoa, conhecida ou desconhecida, em posse daquele material, pode enviá-lo novamente para a rede. O relato de Ann Marie, uma das sobreviventes entrevistadas por Samantha Bates (2017), apresenta como ela se sentiu após um episódio de disseminação não consensual de imagens íntimas realizado pelo ex-namorado. Ann Marie teve um disco com fotos íntimas postado em um leilão no site eBay pelo ex-namorado, e que ela conseguiu retirar do ar com sucesso. No entanto, um ano mais tarde, esse mesmo ex-namorado criou um site

com as fotos dela, incluindo informações como o nome completo, o nome da cidade de origem, o nome da faculdade em que ela dava aulas e uma solicitação escrita: "Com vontade de uma professora? Venha buscar!". No relato Ann Marie apresenta a dimensão dessa situação, e os impactos que isso causou em sua vida:

> Não dormia há meses... Quando a coisa aconteceu em 2010, eu acordava de repente e precisava checar o meu e-mail, o e-mail do trabalho, minha página do Facebook, eu tinha esse ritual, e eu tinha que fazer esse ritual. Eu checava o eBay, procurava meu nome no Google, sabe. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes... Tinha que fazer essas coisas. Três ou quatro vezes, até conseguir voltar a dormir. Mas aí eu acordava. Ou então, durante o dia, eu precisava parar o que estava fazendo e repetir o ritual, mais três ou quatro vezes, e aí eu ficava bem por algum tempo. Sentia que precisava fazer aquilo, e me senti assim por meses. Em 2011, quando a foto apareceu na internet... Não tinha nada que eu pusesse fazer, a polícia não queria me ajudar, eu me sentia tão desesperada, desamparada... Alguém tinha decidido meu destino. (Ann Marie) (BATES, 2017, p. 31).

As ideias desenvolvidas por Velloso (2014) voltarão mais à frente, relacionadas ao tema de estudo, de forma um pouco mais detalhada – ainda que não seja o objetivo deste trabalho fazer um levantamento detalhado sobre as NTCI's, é preciso abordá-las na medida em que funcionam como suporte.

A velocidade da internet aumentou, a capacidade de armazenamento de computadores, notebooks e celulares também, surgiram novas mídias, novos canais de comunicação, novos aplicativos, novas relações, novas conexões.

O responsável pela criação da *World Wide Web (WWW)*, Tim Berners Lee, afirma em texto publicado em 1998 no site w3.org que o sonho por trás da *Web* é de um espaço de informação comum em que nos comunicamos pelo compartilhamento de informação. Além disso, o cientista inglês gostaria que o uso da *Web* se tornasse um espelho realista, ou talvez a modalidade principal, das formas que nós trabalhamos, nos divertimos e socializamos. Com esse estado de interação disponível *online*, então nós poderíamos utilizar computadores para nos ajudar a analisar isso, fazer sentido sobre o que nós estamos fazendo e onde nos encaixamos individualmente, e como podemos trabalhar melhor juntos (LEE, T. B.; 1998[27]).

---

27 Texto original: The dream behind the Web is of a common information space in which we communicate by sharing information. Its universality is essential: the fact that a hypertext link can point to anything, be it personal, local or global, be it draft or highly polished. There was a second part of the dream, too, dependent on the Web being so generally used that it became a realistic mirror (or in fact the primary embodiment) of the ways in which we work and play and socialize. That was that once the

Essa intenção da criação de um espaço livre confirmou-se, por um lado, ao navegarmos pela variedade de assuntos, oportunidades, protagonismos, possibilidades de acessos, *hiperlinks* e criações que se verificam online. Se, antes, as relações e trocas entre as pessoas de determinado grupo, unidas pelo laço familiar ou por dividirem a mesma localização geográfica em determinado espaço, ocorriam exclusivamente no meio *offline*, há algum tempo já é possível conectá-las *online* em uma rede social, um *site*, ou via e-mails, por exemplo. Não só navegamos pelo que é produzido, como também produzimos e publicamos material ao criarmos nossos próprios avatares *online* em redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, entre outras, ou em plataformas como *Youtube*, *Linkedin*, nas quais temos nosso próprio perfil e criamos, editamos ou apresentamos nossas identidades como preferimos.

Com isso, apresentam-se duas formas diferentes de interação. A primeira delas, seria a interação face a face, de modo pessoal e presencial, em que os interlocutores constroem um canal para comunicação e utilizam-se da linguagem verbal, não-verbal, uso de elementos prosódicos, oratória, entre outros. Já a segunda forma seria a interação nos ambientes digitais, na qual cada interlocutor, seja enquanto usuário de um sistema ou de um ambiente online, utilizaria um perfil próprio para produzir, acessar ou receber conteúdo, interagir e comentar. Para o professor de filosofia e estudos culturais Byung-Chul Han, autor do livro *No enxame: Perspectivas do Digital* (2018), na rede digital a comunicação não ocorre de modo unilateral, os papéis de destinatário e consumidores passivos foram atualizados para remetentes e produtores ativos, dessa forma, assumimos um duplo papel em que: "Somos simultaneamente consumidores e produtores" (HAN, 2018, p. 36).

Ainda que as interações ocorram nos meios *online* e *offline*, Han discute questões relativas à revolução digital, mídia digital e ao conceito da nova *massa*. Ele menciona as formas não verbais de expressão e destaca a *tatilidade*:

---

state of our interactions was on line, we could then use computers to help us analyze it, make sense of what we are doing, where we individually fit in, and how we can better work together. Minha tradução. Disponível em: <https://www.w3.org/People/Berners-Lee/ShortHistory.html>.Acesso em: 15 ago. 2019.

> As formas não verbais de expressão como gesticulação, expressões de rosto ou de linguagem corporal constituem a comunicação humana. Elas lhe concedem a sua tatilidade [*Taktilitat*]. Com tátil não se quer dizer o contato corporal, mas sim a pluridimensionalidade e multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos. A mídia digital furta à comunicação a tatilidade e a corporeidade. (HAN, 2018, p. 44).

Podemos considerar, portanto, que as formas não verbais têm grande importância na comunicação humana, e que as interações digitais carecem dessa tatilidade. Além disso, apoiados na eficiência e na comodidade da comunicação digital, evitamos tanto o contato direto com pessoas reais, como também evitamos o contato direto com o real como um todo (HAN, 2019, p. 45). Atrás das telas, pelas teclas e imersos nos sistemas digitais, interagimos.

Por outro lado, o espaço da internet não se apresenta tão livre assim. Imaginar algo como livre seria pensar que todos podem transitar nessas plataformas, o que não procede, visto que o acesso é ainda limitado por questões geográficas, espaciais, políticas e financeiras. Além disso, a internet se tornou muito lucrativa para empresas, negócios e pessoas. A quantidade de anúncios, de produtos e influência por algoritmos[28] no que acessamos já é uma realidade. E, talvez, justamente por ser uma ferramenta, ao transpor os seres humanos do mundo real para usuários do mundo virtual, deparamo-nos diante de algumas situações que preocupam especialistas. Tim Berners-Lee[29], por exemplo, elencou:

> 1. As intenções deliberadas e mal-intencionadas, como hackers e ciberataques apoiados pelos Estados, a conduta criminosa e o assédio na Internet. 2. A elaboração de um sistema que cria incentivos perversos nos quais o usuário é sacrificado, como os modelos de receita baseados em publicidade que recompensam comercialmente o caça-cliques e a disseminação viral de desinformação. 3. As consequências negativas involuntárias do modelo benevolente, como o tom enfurecido e polarizado e a qualidade das conversas na Internet. (LEE, T. B., 2019, não p.).

Ou seja, o uso de atividades maliciosas e criminais, discursos de ódio, a (in)segurança dos dados dos usuários (caso *Cambridge Analytica*) projetos duvidosos que recompensam por cliques, desinformação, *fake news*, golpes,

---

28_O uso de algoritmos pelo Google. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/search/howsearchworks/algorithms/>. Acesso em: 05 set. 2019.

29_Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/11/opinion/1552298297_783559.html>. Acesso em: 05 set. 2019.

discussões agressivas/polarizadas, discurso de ódio, assédio, e outros conteúdos que são realidades, e preocupações, para quem navega na rede.

Ainda que as situações mencionadas acima estejam presentes no mundo digital, elas têm origem nos próprios usuários da rede, e os impactos são variados e se estendem no mundo *off-line* de diversas formas.

Para associar esse breve histórico da internet com conteúdo de nossa análise, o vazamento de nudes, precisamos levar em consideração de que forma a violência da exposição não consensual da intimidade das vítimas se desdobra fora da rede e os problemas decorrentes:

> A banalização de manifestações de violência online sob a crença de que elas começam e terminam no meio digital, e que, portanto, são passageiras, é a primeira maneira de diminuir a gravidade desse problema. Essa separação é equivocada, pois temos testemunhado reações que vão desde a auto-censura nas redes ao suicídio. Portanto, já não se pode separar facilmente as reações que se dão nos meios digitais e na vida offline: ambos são um contínuo, assim como as manifestações de violência que ocorrem nesses meios. [...] A segunda forma de minimizar esses atos, que é comum também às outras formas tradicionais de violência de gênero, é a culpabilização da vítima, que passa a não se sentir legitimada para reclamar. Por fim, um terceiro discurso tende a minimizar a gravidade da violência psicológica, como se nada fosse. (CODING RIGHTS, INTERNETLAB, 2017, p. 15).

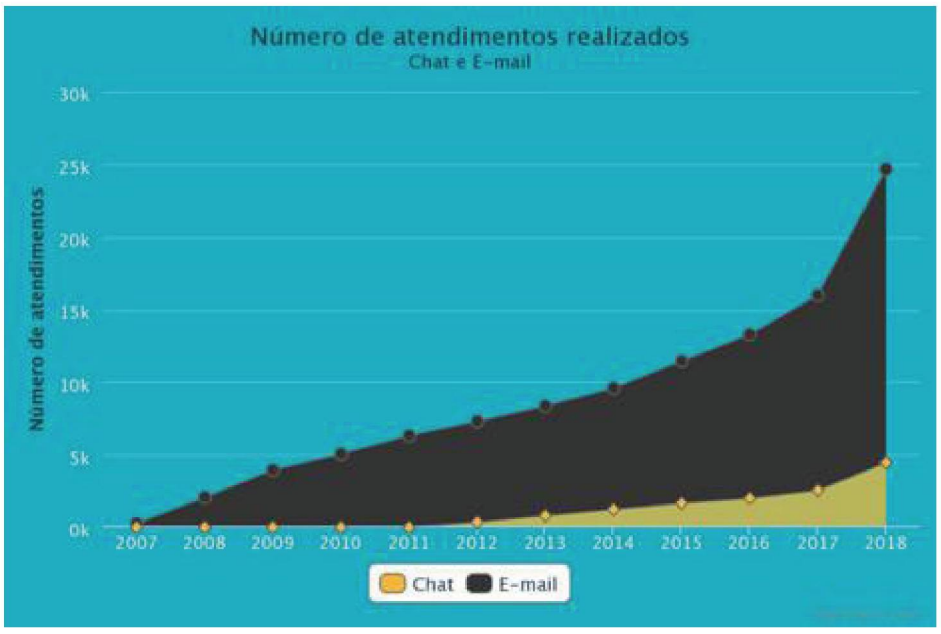
De fato, e diante desse cenário, considerando que os impactos das ações no mundo *online* são reais no mundo *off-line,* como isso se aplica para os casos de vazamento de nudes?

3.6 DENÚNCIAS E LEGISLAÇÃO

A Organização não governamental (ONG) SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, que desde 2005 trabalha pela promoção dos Direitos Humanos na Internet no Brasil mobilizando conteúdo e tecnologias para enfrentar os crimes e violações que ocorrem na rede.

O site funciona com uma Central de Denúncias de Crimes Cibernéticos (*hotline*), um Canal Nacional de Orientações sobre Segurança na Internet, e também dispõe de materiais sobre Educação em cidadania digital para uso em sala de aula, para orientação aos pais, usuários da rede, entre outros. Avaliando os dados disponíveis na própria página da SaferNet Brasil[30], com acesso em agosto de 2019, de acordo com os números disponíveis nos *Indicadores Helpline*, no período de 2007 a 2018 um total de 24.662 pessoas foram atendidas pela ONG. O gráfico abaixo ilustra o crescimento no número de atendimentos realizados entre 2007 - 2018 via chat e e-mail.

GRÁFICO 1: NÚMERO DE ATENDIMENTOS REALIZADOS POR CHAT E E-MAIL PELA ONG SAFERNET BRASIL



FONTE: SaferNet Brasil (2019)

30 Disponível em: https://helpline.org.br/indicadores/ Acesso em: 03 set. 2019.

Para compreender melhor a natureza dos atendimentos feitos pela ONG, transcrevemos os dados do gráfico "Número de atendimentos por tópico da conversa em 2018" disponibilizado no site[31] para o quadro abaixo (destaque nosso em amarelo). Dessa forma, é possível compreender em quais frentes a ONG trabalha.

QUADRO 2 – NÚMERO DE ATENDIMENTOS POR TÓPICO DA CONVERSA EM 2018

Ocorrência	Feminino	Masculino	TOTAL
Aliciamento Sexual Infantil Online	37	6	43
Ciberbullying/Ofensa	276	131	407
Conteúdo/Discurso De Ódio	77	35	112
Conteúdos Impróprios/Violentos	37	18	55
Cyberstalking	14	5	19
Encontros Virtuais	37	6	43
Exposição de Imagens íntimas	440	229	669
Fraude/Golpes/E-mails Falsos	99	143	242
Imprensa	4	1	5
Mediação Parental	5	2	7
Orientações Gerais	6	13	19
Pornografia Infantil	24	37	61
Problemas com Compras Online	26	32	58
Problemas com Dados Pessoais	115	100	215
Solicitação de Material/Palestras	55	17	72
Uso Excessivo	2	5	7
Não Classificado	--	--	--

FONTE: SaferNet Brasil (2019)

Ao observarmos o quadro, é importante destacar o resultado dos cinco tópicos com maior número de atendimentos em 2018: 1) *Exposição de Imagens Íntimas (669); 2) Cyberbulling/Ofensa (407), Fraudes, Golpes; 3)E-mails falsos (242); 4) Problemas com dados pessoas (215) e 5) Conteúdo/Discurso de Ódio (112).*

Destacamos em amarelo o tema que pretendemos trabalhar ao longo da nossa pesquisa, e que ficou em primeiro lugar nos atendimentos feitos em 2018, indicando um aumento na quantidade de atendimentos em comparação aos anos

31 Disponível em: <https://helpline.org.br/indicadores/>. Acesso em 03 set. 2019.

anteriores. Abaixo, apresentamos o gráfico com a disposição dos principais tópicos, via chat e e-mail, em 2018.

GRÁFICO 2 – PRINCIPAIS TÓPICOS EM 2018 (CHAT E E-MAIL)

FONTE: SaferNet Brasil (2019)

Em primeiro lugar no *ranking*, a exposição de imagens íntimas está se consolidando como uma prática cada vez mais comum e para a qual as pessoas buscam atendimento na ONG. No gráfico 2 foi possível observar a divisão dos casos dessa prática em destaque, em que no total de 669 atendimentos, 440 foram para mulheres e 229 foram para homens. Retomaremos mais adiante quais seriam as questões sócio históricas e culturais envolvidas nessa dinâmica de gênero que poderiam explicar a razão pela qual as mulheres configuraram como um número maior com o atendimento referente a esse tópico.

Atividades criminais que acontecem na rede repercutem, também, fora dela. Leis, advogados e delegacias especializadas atuam para que a vítima possa denunciar e obtenha algum desfecho sobre o crime. No entanto, o ato da vítima fazer o registro da denúncia é muito mais complexo do que pode parecer em um primeiro olhar.

Entre os motivos mencionados por Castro e Sydow (2016) que tocam na complexidade da denúncia, é possível citar a falta de familiaridade e publicidade do tema para a população em geral e até mesmo entre agentes públicos, o que consequentemente acarreta dificuldade de manejo das leis. Um segundo motivo é a maneira com que crimes sexuais são vistos socialmente, a vergonha e o constrangimento por parte da vítima, além da diferença entre gêneros quando a denúncia do crime é feita por um homem ou uma mulher:

> (...)...há a notória cifra negra corroborada pelas noções de vitimização secundária que refreiam a comunicação da problemática às autoridades: a vítima tem vergonha, sente-se constrangida e sabe que há enorme preconceito e ridicularização por parte de comunicações criminais de cunho sexual na polícia e até dentro do processo. Em caso de vítimas do sexo masculino, os estereótipos de gênero arraigados na sociedade geram ainda maior coibição de relatos, posto que a figura do "macho alfa" prevalece: um homem que apresenta a notícia de que foi vítima de proposta sexual por parte de uma mulher (em situação de hierarquia ou não) e negou tal proposta é considerado perdedor e sexualmente fraco, até mesmo descumpridor de seu "papel". Por isso, o índice de encobertamento de casos de tal natureza é esperadamente alto. (CASTRO A., SYDOW S., 2016, p. 15).

E um terceiro motivo estaria relacionado com a interpretação restritiva do direito penal, antipático ao alargamento para alcançar novas condutas pela tipologia limitada. Ou seja, o ato de denunciar não é tão simples assim quando analisados esses motivos.

Para enquadrar a disseminação não autorizada do conteúdo íntimo, para vítimas adultas, em 2016, o registro poderia recorrer à sistematização apresentada na pesquisa *O Corpo é o Código* (2016), feita pelo InternetLab[32]. Sobre os tipos do Código Penal (podendo haver combinações ou mais de um):

a) Crimes contra a honra: injúria, difamação;
b) Crimes contra a liberdade pessoal: ameaça, extorsão;
c) Crimes contra a liberdade sexual: estupro
d) Crimes contra a administração da justiça: coação no curso do processo.

[32] Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/pesquisa/o-corpo-e-o-codigo-estrategias-juridicas-de-enfrentamento-ao-revenge-porn-no-brasil>. Acesso em 02 jul. 2019.

Já os casos em que a disseminação aconteceu com menores de idade eram regidos pela Lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no art. 241. No entanto, a mesma pesquisa analisou 17 casos envolvendo crianças e adolescentes e forneceu alguns dados preocupantes que revelaram que a legislação não se aplicou conforme o esperado para proteção desse grupo:

> "O fato de haver mais absolvições e as penas em geral serem mais baixas nos fez questionar o pressuposto de que a legislação voltada à criança e ao adolescente fosse mais protetiva. Como analisaremos em mais detalhes em seguida, houve uma série de casos em que os magistrados entenderam que a legislação não poderia se aplicar – seja por uma discussão sobre o acusado não ter como saber que a vítima era menor (a ausência de dolo), seja porque o ECA é restritivo quanto ao que se considera pornografia, e não prevê outras violações de privacidade. O que ocorre, então, é que se entende que a legislação não se aplica, e a vítima acaba descoberta." (VALENTE, M. G.; NERIS, N.; RUIZ, J. P.; BULGARELLI, L., 2016, p.35).

Não nos aprofundaremos na discussão da problemática sobre a aplicação do ECA, mas sugerimos a leitura do trabalho realizado por Valente, Neris, Ruiz e Bulgarelli que discutirá ponto a ponto a questão no cenário legal em 2016. Além disso, o trabalho de Manoel et al. (2020) também apresenta uma discussão dentro da temática. É importante frisar que houve uma mudança sobre a lei a respeito da importunação sexual e da divulgação de imagens íntimas não consentidas. Anteriormente, as discussões sobre de que forma seria tratado legalmente o vazamento de nudes incluíam processo e multa por indenização, dentro das variáveis que o trabalho *O Corpo é o Código* abordou e mencionamos anteriormente.

Atualmente é a Lei nº 13.718[33], que entrou em vigor em setembro de 2018, que dispõe sobre os crimes de importunação sexual, definida como "a prática de ato libidinoso contra alguém sem a sua anuência 'com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro'. A nova tipificação substituiu a contravenção penal de 'importunação ofensiva ao pudor'" (BRITO, D., 2018, não p.). A promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo, Valéria Scarence, discorreu sobre a importância dessa lei em entrevista para a Agência Brasil:

---

[33] Brasil (2018)

> "Essa lei surge em razão de duas graves lacunas da nossa legislação que não previa especificamente nem a conduta de importunação sexual, conhecida vulgarmente como assédio na rua, e a conduta de divulgação de cena íntima ou cena de estupro. São fatos de muita gravidade, mas que não encontravam correspondente na lei. Os efeitos já se sentem imediatamente. Já foram feitas várias prisões, toda a população está comentando, então essa lei vem ao encontro do anseio da população", avalia a promotora. (BRITO, D., 2018, não p.).

Essa alteração pode ser considerada relativamente recente e foi uma conquista importante, pois várias eram as críticas justamente por conta da não existência de uma lei específica para esse tipo de crime de divulgação de imagens íntimas sem consentimento. Segue, abaixo, um trecho da redação da Lei 13.718/18, de 24 de setembro de 2018, que introduziu no Código Penal o art. 218–C e que compreende as questões que cercam a exposição de imagens íntimas sem consentimento e com diferentes objetivos:

> Art. 218-C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia:
>
> Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave. (BRASIL, 2018).

Também é possível acessar as informações sobre o aumento da pena, exclusão de licitude e outros detalhes na íntegra do texto ao buscar diretamente a lei mencionada. Assim como os trabalhos a que tivemos acesso mencionavam a legislação vigente na época, deixamos registrado que durante o período da presente pesquisa houve uma alteração com a inserção de um novo crime ao Código Penal, com a Lei 13.718, e, portanto, é esta a lei em vigor no momento.

Além disso, com a Lei 13.772/18, de 19 de dezembro de 2018, a violação da intimidade da mulher passa a reconhecer como violência doméstica e familiar, e o registro não autorizado de conteúdo íntimo passa a ser criminalizado. Com isso, houve uma alteração da Lei 11.340 (Lei Maria da Penha) e do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

Segue, abaixo, a alteração na Lei Maria da Penha:

> II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018) (BRASIL, 2018)

Em seguida, também mencionamos a alteração do Decreto-Lei do Código Penal, no que tange a exposição e o registro não autorizado da intimidade sexual:

> **Registro não autorizado da intimidade sexual**
>
> Art. 216-B . Produzir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, conteúdo com cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo e privado sem autorização dos participantes:
>
> Pena - detenção, de 6 (seis) meses a 1 (um) ano, e multa.
>
> Parágrafo único. Na mesma pena incorre quem realiza montagem em fotografia, vídeo, áudio ou qualquer outro registro com o fim de incluir pessoa em cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo." (BRASIL, 2018)

Para explicações mais minuciosas sobre a legislação mencionada e sua aplicação, sugerimos buscar uma revisão de trabalhos dentro da área do Direito, pois não temos como discutir tais detalhes na presente pesquisa. Ainda assim, podemos mencionar que vários são os motivos que distanciam a lei e o acesso ao sistema judicial da pessoa que foi vítima do crime, conforme citados por Castro e Sydow (2016) e que também já discutimos anteriormente. No entanto, não normalizar as práticas de importunação sexual e poder recorrer juridicamente são medidas muito importantes em um país como o Brasil com índices alarmantes de violência contra a mulher.

Além disso, também gostaríamos de finalizar a parte da legislação mencionando a exposição de imagens íntimas, pornografia de revanche e/ou o vazamento de nudes como uma das formas de violência de gênero. Como vimos anteriormente, a construção simbólica dos papéis e lugares das mulheres e homens na nossa sociedade reforça valores diferentes para os dois grupos desde a infância:

> Desde a infância, esses agentes são orientados para valores culturais opostos, enquanto os meninos são educados para o uso da força física, valorização da agressividade, ações de dominação e realização, ainda precoce, de sua vida sexual, as meninas são conduzidas pelo caminho da submissão, passividade e sentimentalismo, a sua valorização está diretamente ligada à feminilidade, dependência e capacidade de sedução. (LELIS A. G. S.; CAVALCANTE V. A. P., 2016, p. 4).

Essa base da infância para a vida adulta, passada de geração para geração, se apoia em uma cultura machista, de raízes patriarcais e conservadoras, em que os papéis e costumes são marcados e delimitados. Toda essa estrutura favorece um cenário de desigualdade entre os dois grupos, em que o masculino seria superior ao feminino. As autoras também pontuam a dificuldade no ajuste de uma conduta que se caracteriza como violência de gênero, pois "o fato de estar habituada com um ambiente de limitações comportamentais, envolvida pelo complexo histórico de inferioridade e subjugação, a vítima não reconhece tais atos como violência." (LELIS A. G. S.; CAVALCANTE V. A. P., 2016, p. 5). De acordo com o Instituto Maria da Penha há cinco tipos de violência contra a mulher que estão previstos: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial[34].

A partir da evolução das conexões em redes nos computadores e a popularização da tecnologia, "abre-se caminho para mais um ambiente de hostilidades contra a mulher" (LELIS A. G. S.; CAVALCANTE V. A. P., 2016, p. 5), em que o vazamento de nudes ou a exposição de fotos íntimas online, sem o consentimento da pessoas fotografada/filmada, configuram como uma nova modalidade de violência, com graves danos psicológicos, pois "décadas atrás, o 'macho' quando desafiado, rejeitado ou inconformado fazia uso da violência física para se autoafirmar, hoje, reage com a violência simbólica ao expor cenas da mulher em público" (LELIS A. G. S.; CAVALCANTE V. A. P., 2016, p. 5).

Diante do exposto até aqui, podemos perceber que o vazamento de nudes funciona como uma forma de violência com o objetivo de gerar uma exposição pública, punir, humilhar, chantagear, ameaçar e até mesmo obrigar a mulher a permanecer em um relacionamento com um parceiro com o qual ela pode não se sentir mais confortável. Esse lugar de liberdade e exercício da sexualidade da mulher quando é feito o registro em foto ou vídeo do corpo, mesmo quando desejado e solicitado por ela mesma ou pelo outro, assim que passa dos limites do

---

[34] Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

que é considerado aceitável para uma mulher, passa, rapidamente, de desejado a indesejado, vulgar e vergonhoso para esse mesmo outro, que em posse do material pode agir de maneira violenta.

Por conta das mudanças nas leis que elencamos aqui, ainda que de forma bastante breve e mais voltada para o vazamento de nudes, percebemos um avanço para enquadrar legalmente os diferentes tipos de violência contra a mulher. Dessa forma, reconhecendo também os obstáculos que ainda se apresentam para as vítimas, reiteramos a importância das denúncias, investigações e punições previstas legalmente e amparadas por um atendimento especializado.

4 O CORPUS: APRESENTAÇÃO DOS CASOS E ANÁLISE

Como mencionamos anteriormente a respeito da metodologia escolhida para essa pesquisa e do *corpus* selecionado, será a partir dos conceitos da Análise do Discurso que discutiremos as publicações a respeito de 3 casos de vazamento de nudes, focalizando especialmente o caso de Luísa Sonza. Vários fatores distinguem os casos mencionados, entre eles a idade das pessoas envolvidas, o ano de ocorrência, as origens e motivações em que ocorreu a exposição do conteúdo, entre outros.

Não cabe investigarmos aqui extensamente de que forma ocorreu e qual era a intenção por trás da foto/vídeo, ou posterior exposição. Entre os usuários online encontramos mensagens de apoio, mas também mensagens que acusam os próprios expostos de terem publicado a foto para chamar atenção, de buscar voltar para a mídia, entre outras observações desse tipo. Nosso objeto de estudo é o discurso e operaremos, portanto, com as sequências discursivas, doravante S.D.'s, veiculadas. Utilizaremos as mesmas notícias, publicações e entrevistas às quais o público teve acesso.

Levando em consideração que o material disponível sobre o assunto é de um volume considerável, decidimos trazer para análise o recorte de algumas notícias. Enquanto fizemos a busca também acessamos as postagens feitas pela assessoria ou pelos artistas nas próprias redes sociais, entrevistas sobre os casos (quando disponíveis), no entanto, não foi possível incluir no presente trabalho todo esse material para análise.

Em primeiro lugar, faremos uma apresentação sobre o caso. Em segundo lugar, apresentaremos os discursos sobre os quais faremos a análise. E, por último, desenvolveremos a análise com o objetivo de responder à pergunta que orienta nossa pesquisa: quais os efeitos de sentido dos discursos produzidos sobre vazamento de nudes de homens e mulheres e como se apresentam nas mídias *online*?

4.1 LUÍSA SONZA

O caso que selecionamos para analisar com mais detalhes é o de Luísa Sonza, 21 anos, cantora e compositora que atingiu popularidade após gravar vídeos *covers* de músicas e publicá-los no *YouTube* a partir de 2014.

No dia 03 de fevereiro de 2019, Luísa Sonza acordou com amigos ligando para avisá-la que uma foto dela nua estava disponível em seus *stories* no *Instagram*. A foto em questão havia sido enviada por ela para o marido, Whinderson Nunes, 24 anos, humorista, na noite anterior. Durante 40 minutos a imagem ficou disponível no perfil da cantora no Instagram, o que gerou uma repercussão muito grande e diversas publicações sobre o assunto.

Para a análise, selecionamos os seguintes materiais:

a) Duas notícias publicadas no site da *Capricho* (03/02/2019 -
   Link 1. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/famosos/luisa-sonza-comenta-vazamento-de-foto-nua-nao-vou-ficar-mal/>
   Link 2. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/famosos/apos-vazamento-de-nude-whindersson-nunes-manda-mensagem-para-luisa-sonza/;>
b) A publicação da Assessoria de Imprensa e Comunicação da cantora – inserida em uma das notícias (04/02/2019 – mesmo endereço mencionado acima da *Capricho - Link 1*);
c) Uma notícia publicada pelo site *Catraca Livre* (07/02/2019 sobre o programa *Primeiro Impacto* em que Marcão do Povo e Gabriel Cartolano comentam o caso e os internautas reagem. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/apresentador-do-sbt-reproduz-machismo-pedindo-nude-de-luisa-sonza/;>.

4.1.1 Capricho – Notícia 1

Iniciaremos as análises com a primeira notícia publicada no site da *Capricho*. Além de uma das notícias publicadas no site Capricho, também apresentamos uma análise da notícia publicada no portal *Catraca Livre* repercutindo a forma com que o apresentador Marcão do Povo falou sobre o caso de Luísa Sonza, no programa *Primeiro Impacto*, do SBT, que apresentou junto com Gabriel Cartolano.

As notícias aparecerão como figuras[35] inseridas diretamente no corpo do texto. Para a análise, apresentaremos o trecho da notícia e destacaremos com sublinhado o conteúdo a ser comentado. Entre os critérios adotados, especialmente acerca da materialidade linguística, falaremos sobre as escolhas lexicais, construções sintáticas, depoimento, opinião pessoal, tipos de discurso, verbos *dicendi* e argumentos de autoridade.

Optamos por recortar diversos discursos sobre um mesmo evento. Dessa forma, podemos fazer algumas comparações e avaliar de que forma a disseminação não consensual de imagens íntimas do caso de Luísa Sonza, bem como seus sentidos, condições de produção e formações discursivas como apareceram na mídia (e nesses diferentes veículos).

Iniciamos com uma notícia publicada no dia 3 de fevereiro de 2019, no mesmo dia em que houve a exposição da foto da cantora. As partes em negrito na notícia são grifos da matéria original, portanto, seguem em negrito na transcrição. Ao final da análise abordaremos esse destaque da *Capricho*.

[35] Optamos por copiar e colar a notícia no *word*, salvar o documento, e converter para *jpeg* (formato de imagens) para anexar no corpo do trabalho.

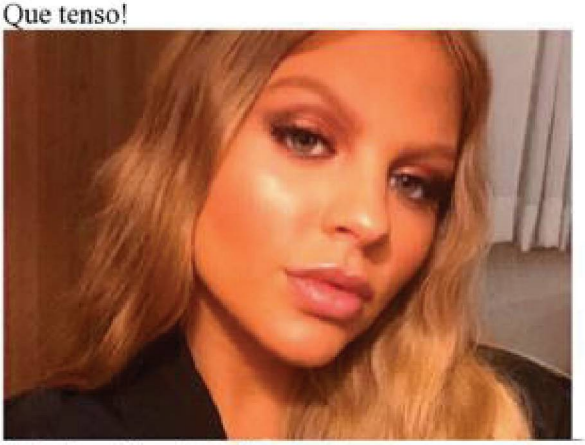
FIGURA 5 – NOTÍCIA *CAPRICHO* - LUÍSA SONZA 1

Luísa Sonza comenta vazamento de foto nua: "Não vou ficar mal"

A cantora e youtuber teve seu Instagram invadido. Ela disse que já está em contato com seus advogados

Por **Da Redação**
access_time3 fev 2019, 14h45 - Publicado em 3 fev 2019, 13h07

Na manhã deste domingo (3/2), **Luísa Sonza** foi às redes sociais falar sobre **o vazamento no Instagram de uma foto em que aparece nua**. Segundo a cantora, sua conta foi invadida e ela só ficou sabendo o que estava acontecendo ao ser acordada por telefonemas de vários amigos. Que tenso!



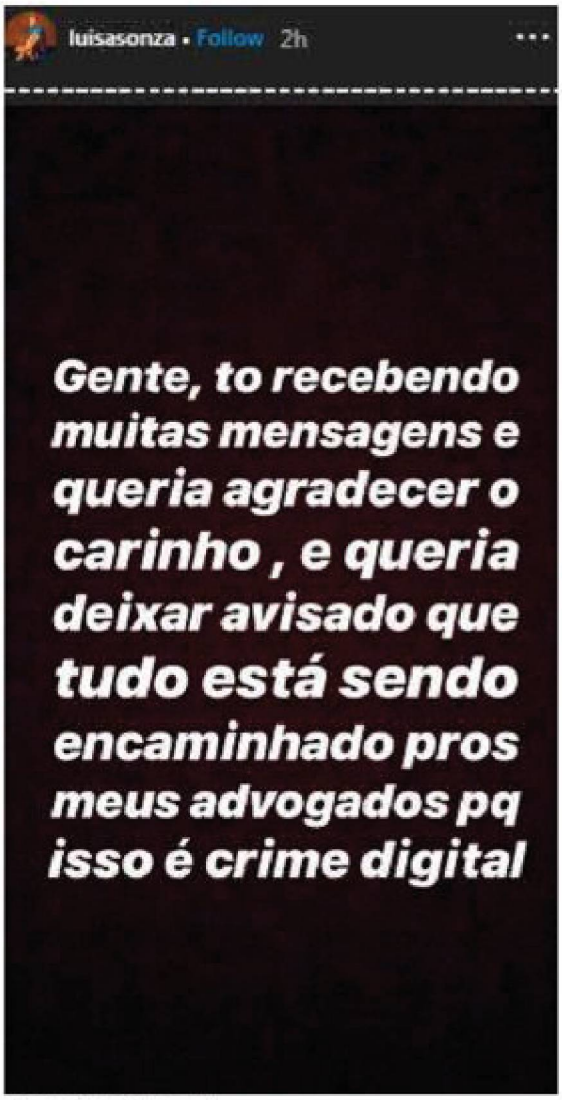
Luísa Sonza (Reprodução/Instagram)

Luísa contou que, desde ontem, estava com problemas para acessar seu perfil e chegou a avisar sua empresária. "Eu acho que alguém pegou minha senha, postou. **Não sei por que a pessoa fez isso, eu não entendi. Essa foto eu mandei ontem pro meu marido, porque a gente tá longe e eu sinto saudade dele, só ele tem essa foto**", explicou.

"Não sei o que vai acontecer agora, eu vou trocar a senha. Mas quem fez isso não me abalou tanto quanto queria me abalar. É só mais um peito, é só mais uma foto, todo mundo tem isso aí, né?", continuou. No post seguinte, porém, a cantora fez uma crítica às pessoas que estavam dizendo que a imagem foi compartilhada por ela: **"Eu jamais ia postar uma foto assim, eu não sou idiota de postar uma foto assim. Agora eu me tremi"**.

FONTE: Capricho online (2019)

FIGURA 6 – NOTÍCIA *CAPRICHO* - LUÍSA SONZA 1.1



(Reprodução/Instagram)

Veja também

- VIDA REAL Sabrina Bittencourt, que ajudou a denunciar João de Deus, comete suicídio query_builder 3 fev 2019 - 12h02

FONTE: Capricho (2019)

FIGURA 7 – NOTÍCIA *CAPRICHO* - LUÍSA SONZA 1.2

VIDA REAL O que fazer caso sua amiga esteja sendo vítima de sextorsão?query_builder 17 ago 2018 - 14h08

No fim, Luísa chorou ao mandar um recado para garotas que viveram ou estão vivendo o mesmo problema – e garantiu que já está em contato com seus advogados. **"Meninas que passam por isso também, não se abalem, não se deixem abalar. Eu sei que é ruim, é difícil, porque todo mundo vai falar um monte de coisa de você. Mas não deixem isso abalar vocês. Eu tô falando isso chorando, mas eu não vou ficar mal por isso. É só mais um peito, é só mais um corpo. E a gente é bem mais que isso"**, completou.
A seguir, o comunicado oficial da assessoria da Luísa:

A Assessoria de Imprensa e Comunicação de Luisa Sonza esclarece que a cantora teve o seu celular hackeado hoje (3) pela manhã, sofrendo uma exposição criminosa e todas as providências estão sendo tomadas por sua equipe de advogados. "Quem fez isso, queria me atingir, mas eu não vou me atingir, é só mais um corpo, e somos mais que isso, chega de julgamentos. Não tive culpa e todas as medidas serão tomadas para que este crime digital seja severamente punido. Obrigada a todos pelas mensagens de apoio e por terem me avisado", Luísa Sonza.

Força, Luísa! A gente espera que tudo fique bem logo!

FONTE: Capricho (2019)

A revista Capricho, conhecida por trazer um conteúdo voltado para o público adolescente e jovem, teve seu auge nas décadas de 1990 e 2000, e desde junho de 2015 com a readequação da Editora Abril diante das mudanças de mercado e de

investimentos, a revista Capricho, entre outras do grupo, não lança mais edições impressas. A revista segue publicando o conteúdo no site online[36]. Nas opções do menu do site, podemos navegar pelos conteúdos sobre: famosos, moda, beleza, vida real, horóscopo, teste, TV capricho, produtos CH e celular.

A matéria acima, na íntegra, é composta majoritariamente de citações diretas das falas de Luísa Sonza, retiradas de seus vídeos postados no *Instagram* após o episódio, apresentadas por verbos *dicendi*, e também de exortações de solidariedade da Revista, assinadas pela Redação.

O exercício do jornalismo, de natureza informativa, faz uso de verbos *dicendi* (doravante, VD) para replicar e dar voz aos enunciados provenientes das fontes de informação entrevistadas para elaboração de conteúdos. Para dar voz a essas fontes, jornalistas fazem uso de meios de discursos diretos e indiretos no texto (MONTEIRO, 2016).

O uso desse tipo de verbos, conhecidos também como verbos de dizer, é regulado por manuais de redações e eles servem como marcadores de declaração que identificam voz e a atitude do enunciador:

> Do ponto de vista da construção, está claro que, numa declaração entre aspas citada em reportagens e finalizada com verbo modalizador que marca esta fala, há ali uma outra voz que, usando um verbo dicendi ou equivalente, introduz no texto um outro discurso. Assim, no papel de locutor daquele texto, o repórter/redator carimba uma determinada declaração e seu declarante com um verbo que marca a atitude do enunciador, evidenciando, no olhar deste locutor, um tom, um atributo, uma abordagem, um comportamento, um perfil, um discurso. Assim, quando vemos determinados dicendi (ou que fazem o papel de marcar a fala) mais polissêmicos, como "irritar", "vociferar", "gabar se", "despistar", é possível entender que ali há um enunciador "irritado", "vociferante" ("irascível", "impaciente"), "gabola", "evasivo". (MONTEIRO, 2016, p. 718).

Ao noticiar o ocorrido no *website*, a revista reporta com o seguinte título:

S.D. 1 - "<u>Luísa Sonza comenta vazamento de foto nua: 'Não vou ficar mal</u>".

A revista opta por associar o vazamento do nude com a seguinte fala de Luísa "<u>Não vou ficar mal</u>" no sentido de não se deixar abalar, e opta por destacar a atitude da cantora como uma postura forte e determinada em uma situação delicada.

Essa fala de Luísa Sonza (doravante LS) é introduzida no título pela chamada da Revista, a saber: *"Luísa Sonza comenta vazamento de foto nua: 'Não vou ficar*

[36] https://capricho.abril.com.br/

mal". A opção da Revista para chamar o leitor é trazer o comentário da afetada, suas impressões sobre o ocorrido, e, ao fazê-lo, o foco se volta para aquela que teve seu corpo exposto, e não para a pessoa que cometeu o ato.

As falas da cantora veiculadas na publicação da Revista foram retiradas de uma série de vídeos publicados por ela nos *stories* do *Instagram*. Como os *stories* ficam disponíveis *online* na conta do usuário por apenas por 24h e depois o conteúdo sai do ar, ainda é possível consultar a sequência inteira dos vídeos em uma compilação disponível na plataforma de vídeos do *YouTube*[37].

O destaque dessa frase específica "Não vou ficar mal" diante de tantas outras possíveis enunciadas por Luísa sugere algo que deve ser mencionado de acordo com a Revista. A escolha dessa frase destacada para o público da Revista, em sua grande maioria leitoras adolescentes e jovens, permite-nos inferir que o recado é de que essas jovens também não deveriam ficar mal caso *venham a ser* vítimas de um vazamento como o da cantora. Como vimos anteriormente, a vergonha, o medo, o julgamento das pessoas conhecidas e desconhecidas são características comuns a mulheres que passam por uma exposição de fotos íntimas. Podemos discutir qual a relação disso com a formação discursiva dominante sobre a sexualidade da mulher, por exemplo. De acordo com Pêcheux:

> Diremos, então, que o "pré-construído" corresponde ao "sempre-já-aí" da interpelação ideológica que fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade ("mundo das coisas"), ao passo que a "articulação" constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela represente, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito. (PECHÊUX, 1988, p. 151).

O "sempre-já-aí" sobre a sexualidade da mulher foi construído sócio-historicamente para que ela não exponha suas relações e intimidade.

No entanto, Luísa não expôs sua intimidade, uma outra pessoa acessou a foto e a publicou sem permissão, e mesmo assim a atenção se volta para ela. O esperado seria que L.S. ficasse mal, mas ela age contra essa expectativa dentro de uma dupla opositiva "vou ficar mal" x "não vou ficar mal". Se Luísa assume como posicionamento o "Não vou ficar mal", e isso é veiculado pela Revista, isso produz o efeito de sentido de que as mulheres são colocadas em uma situação de julgamento

---

37 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oaH8mwkiSvY>. Acesso em: 10 set. 2019.

e humilhação quanto a seu corpo e sua sexualidade, quando expostas. Ela decide assumir uma outra atitude diante disso, para quebrar a expectativa que se impõe sobre como ela deveria se sentir – uma tarefa complexa e trabalhosa, visto que ela está inserida em uma construção de valores anteriores a ela. Após o título, aparecem as primeiras informações referentes ao acontecimento:

S.D. 2 - (a) "Na manhã deste domingo (3/2), Luísa Sonza foi às redes sociais falar sobre o vazamento no *Instagram* de uma foto em que aparece nua.

S.D. 2 - (b) Segundo a cantora, sua conta foi invadida e ela só ficou sabendo o que estava acontecendo ao ser acordada por telefonemas de vários amigos.".

Essa S.D. se enquadra no gênero 'notícia', típico do tipo de publicação, localiza o evento temporalmente e também discorre sobre o acontecimento. No primeiro bloco S.D. 2 (a), temos a notícia de que Luísa foi às redes sociais e aponta para uma ação ativa em que ela toma a atitude de se pronunciar a respeito do ocorrido. Como uma situação da vida privada se tornou pública, ao acesso de todos, há uma expectativa de que ocorra alguma explicação. O segundo bloco da S.D. 2 (b), é introduzido pela conjunção subordinativa conformativa segundo que desloca a responsabilidade da declaração seguinte da Revista para a cantora, conforme trecho a seguir:

S.D. 2 (b) - Segundo a cantora, sua conta foi invadida e ela só ficou sabendo o que estava acontecendo ao ser acordada por telefonemas de vários amigos.

Portanto, a revista não avaliza, inicialmente a afirmação de LS de que sua conta teria sido invadida. Na sequência, ainda na S.D. 2 (b), o advérbio restritivo "só" intensifica que, embora a cantora estivesse envolvida diretamente e sua foto tivesse sido divulgada, ela ainda não estava ciente do ocorrido, e ficou sabendo por ter sido avisada por amigos. No entanto, essa atenuação quanto ao conhecimento e à isenção de responsabilidade pelo ocorrido continua a ser atribuída à voz da cantora e não da Revista, pela forma do discurso reportado.

O trecho contrapõe duas atitudes: uma ativa e positiva "o fato de ir às redes sociais" para explicações; outra passiva "só ficou sabendo (...) por telefonemas de vários amigos", que isenta a cantora e, portanto, reverte positivamente em relação a ela. No entanto, essa orientação da Revista é atenuada pela locução inicial do segundo período "Segundo a cantora...", de modo que a Capricho é fiel à versão apresentada, mas separa sua voz da voz de L.S.

Na reportagem, temos os seguintes *verbos dicendi* marcados na frase do segundo parágrafo da matéria:

S.D. 3 - (a) - "Luísa contou que, desde ontem, estava com problemas para acessar seu perfil e chegou a avisar sua empresária".

S.D. 3 - (b) "'Eu acho que alguém pegou minha senha, postou. Não sei porque a pessoa fez isso, eu não entendi. Essa foto eu mandei ontem para o meu marido, porque a gente tá longe e eu sinto saudade dele, só ele tem essa foto', explicou."

Em S.D. 3 (a) a revista utiliza o verbo dicendi "contou", seguido por um questionamento sobre a motivação da pessoa que cometeu o crime.

Pela escolha lexical e o uso do pronome indefinido em S.D. 3 b, "Eu acho que alguém pegou minha senha", podemos perceber que um dos sentidos construídos pela cantora para a situação é de que ela ainda não sabe quem foi o autor do acesso que, de acordo com ela, a exposição ocorreu pelo uso indevido de seu *login* e senha. Ela também não compreende a motivação de quem agiu de tal forma, e reforça que apenas o marido teve acesso ao material, pois foi o único que havia recebido. Quando Luísa menciona o marido, ela assume a autoria da criação e do envio da foto em "eu mandei", e também utiliza o pronome possessivo "meu marido" o que contribui para nosso imaginário sobre quem ela é – voltaremos mais adiante no tema referente ao matrimônio para outra análise, em uma outra matéria, ainda desse mesmo caso. Ao usar o verbo "explicou", a revista abre espaço para que as próprias palavras de Luísa sejam utilizadas para relatar o acontecimento, buscando uma forma relativamente neutra, contudo gerando um efeito de sentido positivo de uma justificativa, uma vez que uma explicação foi dada. 'Explicar' traduz-se por 'tornar claro', 'elucidar uma situação'. Compare-se o efeito de sentido contrário se o verbo selecionado fosse 'alegou'. Uma alegação pode conotar outros efeitos de sentido: 'desculpa', 'pretexto' ou 'motivo alegado para encobrir a verdade' (em Dicionário Michaelis On-Line).

Capricho emprega mais um trecho do vídeo de Luísa na continuação do texto:

S.D. 3 - (c) "Não sei o que vai acontecer agora, eu vou trocar a senha. Mas quem fez isso não me abalou tanto quanto queria me abalar. É só mais um peito, é só mais uma foto, todo mundo tem isso aí, né?!".

No discurso de Luísa, ocorre a marcação do sujeito em 1ª pessoa em "Não sei", e embora incerta sobre o encaminhamento do caso, a marcação explícita do

sujeito pelo uso de pronomes pessoas da 1ª pessoa do singular também acontece quando ela enuncia sua atitude diante da situação: "eu vou trocar a senha", "não me abalou". Ou seja, a artista se posiciona sobre a atitude que irá tomar e como se sente a respeito. Além disso, ela levanta a questão do corpo feminino não ser algo inédito, argumentando que é "mais um peito", "mais uma foto", ou seja, além de não ser algo tão inédito assim, ficará entre tantos outros que já estão aí da mesma natureza, o que é reforçado pela pergunta retórica "todo mundo tem isso aí, né?!". No entanto, precisamos pontuar algumas diferenças entre os corpos que já estão aí e o caso de Luísa, pois além dela ser uma pessoa conhecida e tornar a repercussão do caso um assunto comentado, ela não escolheu que sua foto estivesse em circulação na internet dessa forma.

Certo que a enunciação da cantora apresenta um comportamento psicológico de minimizar a situação para reduzir seu efeito, mas não seguiremos essa linha de análise que não nos compete.

Outra construção que chama nossa atenção para o discurso de Luíza está na seguinte frase, motivada por ideias de que ela poderia ter contribuído para o vazamento de alguma forma:

S.D. 3 - (d) No post seguinte, porém, a cantora fez uma crítica às pessoas que estavam dizendo que a imagem foi compartilhada por ela: "Eu jamais ia postar uma foto assim, eu não sou idiota de postar uma foto assim. Agora eu me tremi.".

A crítica da cantora responde a um interdiscurso de que quando alguém famoso não está aparecendo na mídia por mérito do próprio trabalho, precisaria fazer algo ou participar de algum escândalo para voltar a ser notícia. Alguns discursos possíveis nessas ocasiões seriam de que a pessoa fez aquilo porque queria atenção, ou que fez algo / provocou alguma situação para voltar a ser notícia, por exemplo. A revista relata a fala de L.S. como uma crítica, uma vez que a cantora refuta a ideia de que ela mesma poderia ter compartilhado de propósito a foto.

No trecho: "Eu jamais ia postar uma foto assim, eu não sou idiota de postar uma foto assim. Agora eu me tremi.", o uso do advérbio "jamais" associado à marcação explícita do sujeito no discurso reforça a ideia de que Luísa não está de acordo com a ideia de que ela poderia ter feito algo assim por conta própria. Ademais, "eu não sou idiota de postar uma foto assim" o uso da primeira pessoa associado com a negação para a escolha lexical do adjetivo *idiota* reforça a

característica negativa que uma atitude dessas teria para ela, contrariando um tipo de comentário comum nesses casos que decorre da ideia de que a pessoa ao se expor teria a intenção de se promover, ganhar visibilidade. Se alguma pessoa fizesse a exposição por vontade própria, isso ocorreria de forma "consensual", o que modificaria toda a situação relacionada com a publicação que, no caso de Luísa, implica em uma invasão. Ao finalizar com "Agora eu me tremi." estamos diante da reação de Luísa quando acusada de ter feito o compartilhamento de propósito. Pelo uso do advérbio agora podemos verificar que ela recebe com muita gravidade tal acusação. Mais adiante, segue outro trecho para análise:

S.D. 4 - (a): "No fim, Luísa chorou ao mandar um recado para garotas que viveram ou estão vivendo o mesmo problema – e garantiu que já está em contato com seus advogados".

Ou seja, ciente de que o "vazamento" pode ter implicações legais, a revista aponta que Luísa já se posiciona sobre o encaminhamento feito com os advogados para que atuem na esfera jurídica a respeito do caso e a revista reforça isso com a escolha lexical "garantiu".

O trecho seguinte da cantora encadeado no texto e apresentado pela revista serve como alerta para outras vítimas:

S.D. 4 - (b): "Meninas que passam por isso também, não se abalem, não se deixem abalar. Eu sei que é ruim, é difícil, porque todo mundo vai falar um monte de coisas de você. Mas não deixem isso abalar vocês. Eu tô falando isso chorando, mas eu não vou ficar mal por isso. É só mais um peito, é só mais um corpo. E a gente é bem mais que isso", completou.

Temos a cantora exposta em uma situação delicada, de modo que sua fala abrange outras vítimas da mesma prática de vazamento de nudes, e ciente disso ela busca apoiá-las. O trecho: "Eu sei que é ruim, é difícil, porque todo mundo vai falar um monte de coisas de você" revela a compreensão da cantora da situação em que se encontra, e do peso social e simbólico da exposição de sua foto, acionada pelo interdiscurso, pela memória e pelo não dito. Entendemos aqui o interdiscurso relacionado com o todo complexo dominante das F.D.'s intrincado no complexo das F.I.'s como citado por Pêcheux ([1975] 2014, p. 149): "esse 'todo complexo com dominante' das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas". Buscar as formações discursivas sobre os

sentidos de "todo mundo vai falar um monte de coisas de você" retoma a questão do corpo e da sexualidade da mulher como algo do campo privado, que ao emergir para o público (mesmo que contra a sua vontade), despertará comentários e julgamentos de "todo mundo", pois você não tem controle sobre quem acessa sua imagem e tampouco sobre a explicação do episódio. Esse "monte de coisas" que serão ditas não faz referência a comentários positivos, mas aos comentários que reforçarão o constrangimento da exposição de L.S., além de comentários das mais diversas ordens em que a pessoa em uma situação de vazamento de nudes possa se sentir atacada. O efeito de sentido aqui é que a reputação dela estaria em jogo, e seria mobilizada a partir de comentários sobre o episódio, levando em conta que a questão de gênero aparece de forma marcante, pois essa foto e esse episódio poderão ser utilizados para estigmatizar e culpabilizar L.S. pelo que ocorreu.

Esse trecho que funciona como um depoimento de ordem pessoal, e ainda que L.S. se encontre em uma situação difícil por ter sido exposta publicamente nua sem seu consentimento, ela dirige suas palavras para apoiar outras possíveis vítimas desse tipo de prática criminosa. O fato de a cantora estar discutindo essa questão tem diferentes desdobramentos. Em "Eu tô falando isso chorando, *mas* eu não vou ficar mal por isso", percebemos que o efeito de sentido ao verbalizar o choro é decorrente da forma como foi afetada pela situação, mas ela não quer associar o choro com ficar mal, e pelo uso da conjunção adversativa "*mas*" aponta que a ideia de não ficar mal por isso é mais importante ou está acima do fato de estar chorando.

Além disso, Luísa afirma que "é só mais um peito, é só mais um corpo" com o objetivo de afastar o peso que esse tipo de exposição não autorizada carrega, e naturalizar o corpo exposto, principalmente associado com questões morais com o julgamento de que o corpo da mulher não deveria aparecer tão exposto. Quando Luísa afirma que é "só mais um", ela minimiza a exposição, ao mesmo tempo em que afirma que isso não é nada de escandaloso ou anormal. Principalmente em um contexto de uma exposição criminosa, em que a atenção deveria ser voltada para o autor da disseminação, e não para a vítima, que precisa se pronunciar sobre o caso para se defender e se explicar sobe o que houve. Em seguida, o recorte da revista ainda inclui a seguinte frase: "A gente é bem mais que isso", em que o "*isso*" faz referência ao peito/corpo mencionados anteriormente, sugerindo que a mulher não deveria ser reduzida ao seu corpo, como ocorre com a objetificação da mulher. Por

questões sócio-históricas, acompanhamos que o corpo da mulher tem sido alvo constante de discussões sobre os limites e lugares que pode ocupar, e quando é vítima de algum tipo de agressão, ela ainda é cobrada e culpabilizada por isso:

> (...) na atualidade ainda parecem ter mais valor as mulheres que se mantêm dentro dos territórios do gênero feminino, com determinadas expectativas sobre seus corpos e suas condutas, que devem estar afinadas com uma conduta atribuída a uma feminilidade socialmente mais valorizada. Ao ter seu corpo exposto no domínio público, a mulher perde seu valor perante a sociedade. (BATISTA, 2017, p. 9).

O discurso de Luísa Sonza alerta outras pessoas, vítimas ou não, para que compreendam que essa prática de expor fotos íntimas sem consentimento se caracteriza como um crime – e que precisa ser investigado legalmente. Além disso, a compositora adota um discurso para defesa de outras vítimas, reforçando que elas não devem se abalar. Quando Luísa adota esse posicionamento, ela faz uso das formações imaginárias (F.I.) sobre os sujeitos inscritos no processo discursivo.

Ainda, na mesma notícia, a *Capricho* veicula ao final do texto o comunicado oficial da assessoria de Luísa Sonza, que a representa enquanto artista. A assessoria de imprensa é uma atividade que pode ser conceituada como: "a gestão do relacionamento e dos fluxos de informação entre fontes de informação e imprensa. Busca, essencialmente, atender às demandas por informação relacionadas a uma organização ou fonte em particular (DUARTE, 2002). A ideia é justamente cuidar de questões de informação, portanto, é compreensível que a assessoria tenha se manifestado diante do ocorrido. A seguir, segue o trecho com esse pronunciamento:

S.D. 5 - (a): "A Assessoria de Imprensa e Comunicação de Luísa Sonza esclarece que a cantora teve o seu celular hackeado hoje (3) pela manhã, sofrendo uma exposição criminosa e todas as providências estão sendo tomadas por sua equipe de advogados.".

A assessoria apresenta na primeira parte do texto uma nota curta e objetiva sobre o caso. A nota ressalta que Luísa sofreu as ações ao ter o celular hackeado e a foto divulgada, ou seja, ela não foi responsável por compartilhar e tampouco teve um papel ativo no processo, ela está no papel de vítima, o que podemos verificar no uso da voz passiva na construção da sentença. O uso do verbo "esclarecer" pela assessoria sugere que diante da confusão em torno do assunto sobre a origem ou a

motivação do nude postado, o posicionamento encaminhado publicamente tem a intenção de explicar e espera sanar qualquer dúvida sobre o ocorrido. O uso do adjetivo qualificativo *criminosa* utilizado para se referir à exposição reforça a ideia de crime, portanto, algo que associado com o trabalho em andamento pela equipe de advogados, indica que o fato poderá se desdobrar judicialmente fazendo o uso das leis que regem esse tipo de crime. Mas, mais do que isso, o efeito de sentido da nota da Assessoria da cantora é isentá-la de qualquer responsabilidade no ocorrido, é inocentá-la!

A importância da assessoria reside por configurar um canal de comunicação entre a artista e a mídia/seu público, representando-a de forma oficial, em que o próprio tom adotado pela mensagem é mais formal, objetivo e direto, diferente da fala da cantora sobre o episódio, em que aparece carregada de emoções e atravessada por diferentes perspectivas dentro do mesmo tema de modo pessoal. Inclusive, na matéria, segue um trecho em aspas assinado pela Luísa:

S.D. 6 - "Quem fez isso, queria me atingir, mas eu não vou me atingir, é só mais um corpo, e somos mais que isso, chega de julgamentos. Não tive culpa e todas as medidas serão tomadas para que este crime digital seja severamente punido. Obrigada a todos pelas mensagens de apoio e por terem me avisado", Luísa Sonza.

Por fim, a *Capricho* fecha a matéria dirigindo-se para Luísa e para o público. Isso ocorre em outros momentos também, pelas escolhas lexicais e construções sintáticas no corpo do texto jornalístico como, por exemplo: "Que tenso!", como uma forma de compreender a dificuldade da situação pela qual a cantora passou e demonstrar empatia logo após o fim do primeiro parágrafo. Ao fim da reportagem a notícia termina da seguinte forma:

S.D. 7 - "Força, Luísa! A gente espera que tudo fique bem logo!"

Em negrito, com um tom muito pessoal e próximo ao que seria uma conversa entre amigas, buscando apoiar, fortalecer e encorajar Luísa em um momento difícil, o uso do vocativo em "Força, Luísa!" nomeia e indica Luísa Sonza como interlocutora desse texto, principalmente em um momento que ela precisa de apoio. Por esse motivo utilizam a palavra "força", além de manifestar um apoio com esperança que essa situação se resolva e fique tudo bem.

Ao utilizar a expressão "A gente", a revista nomeia um desejo coletivo por parte da Redação (que é quem assina o texto), visto que a expressão equivale ao

pronome pessoal da primeira pessoa do plural "nós". Adiantamos também que a Revista encerra a matéria se posicionando, esperando que fique tudo bem, uma vez que seu público adolescente/jovem não está distante dessas situações e também porque reconhece que os casos de vazamento de nudes costumam ser delicados para as vítimas.

De modo geral, o discurso adotado pela revista Capricho é de apoio e suporte à Luísa Sonza, inclusive pela forma como veicula as falas da cantora e a nota da assessoria de imprensa. A publicação online da Capricho (2019) também destacou certas partes em negrito, que reproduzimos aqui, na sequência, exclusivamente os trechos em negrito: **Luísa Sonza / vazamento no Instagram de uma foto em que aparece nua; (...) 'Não sei porque a pessoa fez isso, eu não entendi. Essa foto eu mandei ontem para o meu marido, porque a gente tá longe e eu sinto saudade dele, só ele tem essa foto'; (...) Eu jamais ia postar uma foto assim, eu não sou idiota de postar uma foto assim. Agora eu me tremi; (...) Meninas que passam por isso também, não se abalem, não se deixem abalar. Eu sei que é ruim, é difícil, porque todo mundo vai falar um monte de coisas de você. Mas não deixem isso abalar vocês. Eu tô falando isso chorando, mas eu não vou ficar mal por isso. É só mais um peito, é só mais um corpo. E a gente é bem mais que isso; (...) Força, Luísa! A gente espera que tudo fique bem logo!**

A sequência apresentada dessa forma é composta majoritariamente pelo uso do discurso direto e vários trechos referentes aos vídeos postados pela cantora comentando a situação. Por elas nós compreendemos que Luísa ficou sem entender quem foi e qual era a motivação de quem praticou o crime, uma vez que apenas seu marido teve acesso ao material; ela não gostou da insinuação de que poderia ter postado uma foto nua de propósito; apresentou seu apoio a outras vítimas, e tentou desobjetificar o corpo da mulher e diluir a culpa que sentem, ao mesmo tempo em que a pessoa que gerou o desconforto passa longe dos holofotes; e a revista finaliza com uma mensagem solidária de apoio para Luísa Sonza. A disposição dessas informações em negrito também pode chamar a atenção e apresentar uma síntese para uma leitora que não pretende ler a matéria toda. Assim ela pode ter acesso ao que a Capricho selecionou como principal para entender o caso.

4.1.2 Capricho – Notícia 2

Seguimos para a segunda notícia publicada no site da *Capricho*. Dessa vez, a reportagem destaca a mensagem e a reação de Whindersson Nunes, marido de Luísa Sonza, sobre o caso. A notícia foi veiculada no dia 03 de fevereiro de 2019.

FIGURA 8 – NOTÍCIA *CAPRICHO* – LUÍSA SONZA 2

Após vazamento de nude, Whindersson Nunes manda mensagem para Luísa Sonza

"Só continua a fazer o teu", escreveu o youtuber e comediante no Instagram

Por Da Redação
access_time3 fev 2019, 20h21 - Publicado em 3 fev 2019, 20h08

Luísa Sonza passou por momentos bem complicados neste domingo (3/2), ao descobrir que **sua conta no Instagram foi invadida e uma foto sua nua havia sido postada**. A cantora e youtuber comentou a história em seus Stories e, tempos depois, **Whindersson Nunes**, seu marido, falou sobre o assunto.

Luísa Sonza e Whindersson Nunes (Reprodução/Instagram)

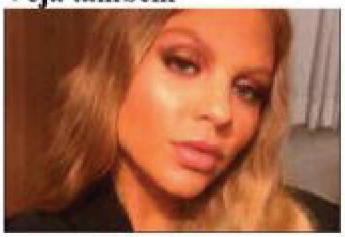
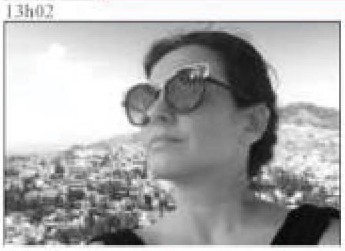
Em seu feed, o youtuber e comediante compartilhou uma foto da esposa e deixou sua mensagem: "**Quando a gente se conheceu, eu te contei toda minha vida, disse como era e que as pessoas todos os dias iam tentar te derrubar**. Se você não quer ter filho é pq é interesseira, se tivesse cedo, era golpe da barriga, se cantasse lento, era sem graça, se fosse rebolando, seria p*#a, eu te disse que todos os dias iam te atacar. E você encarou mesmo assim, tá conseguindo seu espaço dia após dia. Só continua a fazer o teu, ganha teu dinheiro pra não

FONTE: Capricho (2019)

FIGURA 9 – NOTÍCIA *CAPRICHO* – LUÍSA SONZA 2.1

depender de ninguém, e vamos conhecer esse mundo todo antes de morrer", escreveu na legenda.

Veja também

- 
  FAMOSOSLuísa Sonza comenta vazamento de foto nua: "Não vou ficar mal"query_builder3 fev 2019 - 13h02
- 
  VIDA REALSabrina Bittencourt, que ajudou a denunciar João de Deus, comete suicídioquery_builder3 fev 2019 - 12h02

APRESENTADO POR ABRIL ASSINATURASDesconto especial para você ter informação de qualidade na Semana do Consumidor. Assine sua revista preferida com até 72% OFF.

Nos Stories, assim como Luísa já tinha feito, Whindersson contou que a foto havia sido enviada para ele na noite anterior e que eles acordaram com telefonemas de amigos falando sobre a postagem. "A pessoa que postou ainda foi assim, tão covarde, que postou num horário que sabia que tava todo mundo dormindo, pra ninguém poder apagar, entendeu?", disse.

Ele continuou afirmando que a situação toda é bastante agoniante. "Primeiro, a gente começa a pensar que… Poxa, talvez se a gente não tivesse conversando, isso não tivesse acontecido. Só que, ao mesmo tempo, a gente pensa: 'A gente tá dentro do nosso direito, é nosso WhatsApp aqui'. A gente conversa aqui, entendeu? Nós somos artistas. Eu tô agora em Macaé fazendo show. Ela fez show em Salvador, entendeu? É o nosso modo. Não tenho como enviar carta com uma foto".

A saúde mental da cantora foi a maior preocupação, segundo o youtuber. "Luísa é uma pessoa muito, muito, muito tranquila, entendeu? Muito de boa. E é uma menina muito forte também", disse.

Lembre-se: divulgar fotos íntimas de uma pessoa sem autorização é crime. Não ajude a propagar um ato tão horrível, ok?

A gente deseja muita força para a Luísa! ♥

FONTE: Capricho (2019)

De modo geral, ao observar a segunda matéria publicada no mesmo dia, a postura da versão da *Capricho* sobre o episódio de vazamento de nude de Luísa Sonza apresenta diferenças substanciais se comparada com a primeira matéria

analisada. Enquanto a primeira buscava um posicionamento de afastamento, reportando as falas para a cantora, a segunda matéria se apresenta mais afetiva na narração dos fatos, o que será demonstrado pela análise. Segue o título da segunda matéria:

S.D. 2.1 - "Após vazamento de nude, Whindersson Nunes manda mensagem para Luísa Sonza" apresenta uma reação e posicionamento de Whindersson Nunes sobre episódio. A menção a Whindersson Nunes (doravante, W.N.), conhecido profissionalmente pelo seu trabalho como humorista, cantor e famoso pela publicação de vídeos no *Youtube* desde 2013, significa uma referência ao marido de L.S., em fevereiro de 2018 durante uma cerimônia religiosa ocorreu a celebração do casamento do casal.

Um dos efeitos de sentido possíveis é que Whindersson não se absteve de comentar o caso e, além disso, apresentou um posicionamento de suporte para L.S., lembrando que o lugar social de onde ele enuncia é enquanto marido de L.S. A referência de W.S. enquanto marido de Luísa aparecerá em diferentes momentos e matérias, com diferentes efeitos de sentido. A pluralidade de efeitos de sentidos ocorre pelo funcionamento da língua em que os sujeitos se inscrevem, a depender das condições de produção de seu discurso, de sua formação ideológica e formação discursiva.

Ainda sobre a mensagem de W.N., podemos discutir a respeito dos limites entre o público e privado. Quando Whindersson manda sua mensagem para Luísa utilizando o *Instagram*, essa mensagem fica disponível na internet para todos que acessarem o perfil dele. Assim, ele não está enviando essa mensagem exclusivamente para ela, de modo particular ou privado, com exclusividade para sua esposa diante de uma situação delicada. W.S. escreve para Luísa, mas também para o público, para os fãs e para os desconhecidos que possam chegar até essa publicação também.

Um pouco adiante discutiremos essa questão pensando o processo discursivo e as formações imaginárias, conforme proposto por Pêcheux (2014).

S.D. 2.2 Luísa Sonza passou por momentos bem complicados neste domingo (3/2), ao descobrir que sua conta no Instagram foi invadida e uma foto sua nua havia sido postada. A cantora e youtuber comentou a história em

seus Stories e, tempos depois, Whindersson Nunes, seu marido, falou sobre o assunto.

A segunda matéria, diferente da primeira publicada pela Capricho, já não coloca mais trechos de falas da cantora no vídeo postado nos stories do Instagram, mas sintetiza o episódio pelo uso do discurso indireto e o caracteriza como "momentos bem complicados", reconhecendo o peso e a repercussão do vazamento da foto de Luísa. Como já mencionamos anteriormente, na parte teórica inicial, os momentos bem complicados mencionados no título são decorrentes de uma compreensão moral e social a respeito do exercício da sexualidade da mulher, e também por se tratar de uma exposição pública, não autorizada e criminosa do corpo de L.S. - em uma foto privada destinada ao seu marido para um ambiente online público.

O comentário do marido de Luísa foi posterior aos vídeos que ela publicou. Então, inicialmente, L.S. apresentou sua versão e posicionamento diante do vazamento e, posteriormente, W.N. abordou a questão. Na S.D. 2.3 temos acesso a mensagem publicada[38] por W.N. no *Instagram* pelo recorte feito por *Capricho*:

S.D. 2.3 - Em seu feed, o youtuber e comediante compartilhou uma foto da esposa e deixou sua mensagem: "Quando a gente se conheceu, eu te contei toda minha vida, disse como era e que as pessoas todos os dias iam tentar te derrubar."

Acompanhado de uma foto da esposa, W.N. dirige-se a L.S. em sua mensagem pelo uso de "a gente"; uso do pronome reflexivo na 2ª pessoa do plural em "te contei", "te disse"; uso do pronome de tratamento "você"; e conjugação verbal do v. ir na 1ª pessoa do plural, em "vamos", em referência a W.N. e L.S. juntos. Somado ao conteúdo da mensagem, a foto da postagem é de L.S. e a mensagem é destinada não só para Luísa, mas também para o público que acompanha Whindersson e/ou o casal, uma vez que a publicação está disponível na rede para acesso público.

Na mensagem, W.N. parte de um cenário geral e anterior ao vazamento, mencionando o momento em que ele e L.S. se conheceram, e que as pessoas tentariam derrubar L.S. diariamente. Aqui *derrubar* aparece com o efeito de sentido

[38] Para acesso à publicação completa no *Instagram*:
<https://www.instagram.com/p/BtbsD74Ho4l/?utm_source=ig_embed>

de destrui-la, diminui-la. Ainda que não seja feita uma referência explícita a quem tentaria fazer isso, W.N. aponta que seriam "as pessoas", ou seja, por estarmos falando de duas pessoas famosas que invariavelmente estão nos holofotes da mídia, essa tentativa de derrubar poderia ter diversas origens desde pessoas no campo pessoal como no campo profissional, mas uma origem externa, algo que fica mais evidência na continuação da mensagem. A próxima parte é mais aberta sobre o que consistiria esse "derrubar", em que L.S. seria atacada de diversas formas.

S.D. 2.4 - Se você não quer ter filho é pq é interesseira, se tivesse cedo, era golpe da barriga, se cantasse lento, era sem graça, se fosse rebolando, seria p*#a, eu te disse que todos os dias iam te atacar.

O lugar social em que W.N. está inserido e de onde enuncia é enquanto homem, casado com L.S., e que usufrui de certa fama pela carreira que construiu. Em sua declaração, W.N. faz o uso da conjunção subordinativa condicional "se", para apresentar cenários hipotéticos de pares opostos de opções que caberiam a uma mulher em evidência, nesse caso à esposa L.S. Esses pares de suposições demonstram que, segundo o julgamento das pessoas, não há saída possível para agradá-las, qualquer que seja a escolha, o julgamento é depreciativo, sempre de modo pejorativo e negativo. Whindersson apresenta oposições binárias tanto do campo pessoal como do campo profissional para exemplificar como as críticas incidiriam a respeito de Luísa:

A - Sem filhos = interesseira	**X**	Com filhos cedo = golpe da barriga
B - Cantar lento = sem graça	**X**	Cantar rebolando = p*#a

Na primeira comparação dos motivos que levariam sua esposa a ser criticada, W.N. aciona dois sentidos possíveis para a maternidade de acordo com os discursos pré-construídos associados à mulher casada. Mais especificamente, no caso de L.S., W.N. aborda a maternidade com o efeito de sentido atribuído a comentários negativos para prejudicar L.S. dentro e fora do relacionamento do casal.

A maternidade é mencionada como uma motivação de forma pejorativa para a mulher. Se não quiser filhos, ela é *interesseira*, ou seja, a mulher cria uma relação em que o vínculo é regido pelo princípio do interesse financeiro, em bens, status ou

fama da outra pessoa. E se, porventura, a mulher tiver os filhos cedo, ela pode ser taxada como alguém que está dando o *golpe da barriga*, como é popularmente chamada a mulher que engravida com o objetivo de criar um vínculo com um homem/marido pelo filho ou filha que virá ao mundo. No entanto, as duas opções são superficiais e nas duas situações a mulher é vista de uma maneira em que o exercício da maternidade, seja quando opta por não ter filhos ou por tê-los cedo, é feito de forma a beneficiar a mulher. Com isso, a mulher, e nesse caso, L.S., estará invariavelmente no alvo de críticas independentemente da forma como se posicionar.

Além disso, o fato de W.N. ter uma carreira bem-sucedida permite inferências de que a aproximação de uma mulher não seria por outro motivo, que não fosse o interesse financeiro. As duas expressões utilizadas "interesseira" e "golpe da barriga" para fazer referência aos comentários externos que seriam feitos reduzem L.S. ao projetarem nela um papel de quem busca se aproveitar da situação e/ou do relacionamento para seu próprio benefício.

No entanto, aqui ocorre o esquecimento de outros sentidos possíveis para essa mulher resultantes do pré-construído, pois ela é entendida como alguém incapaz de prover para si mesma; alguém incapaz de se interessar pelo parceiro enquanto pessoa ou de ser alguém interessante capaz de despertar o interesse de alguém por ela; por outro lado, também silencia a respeito do compartilhamento da responsabilidade sobre a gravidez ao mencionar "golpe da barriga", responsabilizando apenas a mulher e culpabilizando-a, de forma premeditada; além de esvaziar o sentido do afeto envolvido nas relações interpessoais quando desloca a mulher para o lugar de alguém interessada exclusivamente em usufruir de bens e posses materiais do parceiro.

Quando W.N. opõe esses dois caminhos possíveis sobre a maternidade para L.S., ele opera com hipóteses acionadas por um pré-construído da sociedade patriarcal em que o homem é entendido como o centro e o provedor de uma família, ao qual a mulher buscaria associar-se para usufruir também – desconsiderando um cenário contrário ou outra motivação para a união, por exemplo. De qualquer forma, Whindersson alerta para a ideia de que ela seria criticada independente de qual fosse a situação sobre as questões de existência, ou ausência, da maternidade e paternidade na relação deles.

Já na segunda comparação, a respeito da performance profissional de L.S. enquanto cantora, Whindersson opõe duas categorias possíveis para ela, entre cantar lento e cantar rebolando, como críticas colocadas pelo público. Na primeira opção, cantar lento seria considerado entediante, o que não seria atrativo para o público e, consequentemente, a tendência seria o afastamento dos ouvintes em busca de outras artistas mais interessantes. Ou seja, cantando lento L.S. seria desinteressante e, portanto, sem apelo comercial ou popular. Se, por sua vez, conforme a segunda opção a cantora decidisse cantar rebolando, sairia de uma situação em que era considerada chata para ser chamada de "p*#a" – como o próprio W.N. menciona, pelo uso de caracteres como * e # para substituir duas letras e deixar esse espaço em aberto para que seja preenchido pelo interlocutor. Entre os possíveis sentidos para completar essa mensagem, considerando a estrutura da sociedade em que vivemos na qual o corpo da mulher é alvo de diversos constrangimentos e violências, uma cantora que coloca o corpo em movimento, ao rebolar, estaria tornando público seu corpo e seria denominada de forma não prestigiosa como puta, por exemplo, mesmo que ela tenha a liberdade, e vontade própria, de se expressar artisticamente com o corpo. Ainda sobre a questão do corpo, temos uma formação ideológica ligada com questões do *público* x *privado*, em que se questiona de que forma uma mulher poderia expor seu corpo em público, e que ao fazê-lo, ela estaria assumindo uma postura desprestigiada socialmente.

Ao elencarmos *interesseira*, *sem graça*, *golpe da barriga* e *p*#a* como os possíveis lugares de que L.S. seria acusada para ser desqualificada no relacionamento com W., precisamos pontuar de que forma esses insultos atuam e quais efeitos de sentido emergem nos discursos. Cada uma dessas hipóteses levantadas por W.N. para críticas sobre L.S. se apresentam sustentadas em pré-construídos, e os sentidos são acionados a partir de cada formação ideológica, conforme Pêcheux (2014[1975]): "Diremos que o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência construtiva daquilo que chamamos "o todo complexo das formações ideológicas".

Essas formações ideológicas compreendem posições políticas e ideológicas e estão associadas às formações discursivas sobre o que se pode e o que se deve dizer. Ao chamar uma mulher de puta, conforme já abordarmos anteriormente sobre as amarras para o exercício da sexualidade da mulher, um estudo da Prof. Dra.

Valeska Zanello e Ana Carolina Romero (2012) conduzido com 375 homens e mulheres em Brasília, apresenta como xingamentos mais ofensivos para mulheres aqueles relacionado com o sexo e o caráter sexual ativo da mulher (66,2%) como puta, vagabunda, galinha e piranha, por exemplo. Para as autoras Zanello e Romero (2012, p.6): "O xingamento pode assim ser considerado um sintoma da sociedade na qual ele aparece (no nosso caso, patriarcado capitalista), e mostra, justamente pelo caráter de ofensa que ele contém as regras e valores apregoados por essa sociedade.". No caso de L.S., algumas regras e valores da sociedade em que está inserida são expostas, pois quando W.N. cogita que L.S. seria denominada como "p*#a" por dançar rebolando, é justamente a exposição dos valores históricos de controle do corpo e da sexualidade feminina que estão em jogo.

Quando W.N. mobiliza essas oposições binárias, e o faz projetando seu discurso para L.S. e para o público também, ele aponta que L.S. sempre poderá ser interpretada negativamente pela opinião pública independente do que decidir fazer em sua carreira profissional ou vida pessoal. O efeito de sentido na fala de W.N. é de um apoio solidário, para que L.S. não se preocupe com o que estão falando a respeito dela, que ela possa continuar sendo quem é e fazendo o que faz, pois ele a apoiará.

S.D. 2.5 - E você encarou mesmo assim, tá conseguindo seu espaço dia após dia. Só continua a fazer o teu, ganha teu dinheiro pra não depender de ninguém, e vamos conhecer esse mundo todo antes de morrer", escreveu na legenda.

W.N. segue a mensagem dizendo que mesmo assim, diante dos avisos que seria atacada diariamente, L.S. não se abalou e segue conquistando seu espaço por mérito próprio. Com isso, W.N. afasta qualquer uma das hipóteses mencionadas anteriormente com o objetivo de insultarem ou desestabilizarem L.S., uma vez que a cantora tem trabalhado para o próprio sucesso. Além disso, Quando W.N. fala sobre a questão profissional e financeira, ele sugere que ela continue fazendo seu trabalho da forma como está. Ele se afasta de L.S., no sentido de que ela não depende dele e/ou de outras pessoas para executar o próprio trabalho e obter um retorno financeiro: **"continua a fazer o <u>teu</u>, ganha <u>teu</u> dinheiro pra não depender de ninguém"**. Ao sugerir, pelo uso do imperativo, em continua/ganha que L.S. siga fazendo o que tem feito, W.N. faz uma escolha e aponta para um efeito de sentido de que ela está trabalhando da forma correta e que deve dar continuidade, e que ao

prosseguir dessa forma obterá o sucesso que busca independente de qualquer outra pessoa - inclusive dele mesmo. A escolha de W.N. ao optar pelo uso de "teu" ao invés de dizer "nosso" revela que ele está apoiando L.S. como uma pessoa independente – inclusive independente dele mesmo.

O efeito de sentido do discurso de W.N. é de uma enunciação solidária, que enxerga o esforço de L.S. para ser reconhecida pelo seu trabalho e que a apoia de forma que ela não precisa se preocupar com o que será dito pela opinião pública ou por aqueles que a criticam – principalmente no caso de uma exposição como ocorreu, em que ela pode ser atacada e acusada de ter feito aquilo de propósito, por exemplo, entre outros comentários.

S.D. 2.5 - Nos Stories, assim como Luísa já tinha feito, Whindersson contou que a foto havia sido enviada para ele na noite anterior e que eles acordaram com telefonemas de amigos falando sobre a postagem. "A pessoa que postou ainda foi assim, tão covarde, que postou num horário que sabia que tava todo mundo dormindo, pra ninguém poder apagar, entendeu?", disse.

O recorte feito pela *Capricho* sobre o ocorrido opta por reforçar a referência sobre a foto ter sido enviada ao marido na noite anterior e ambos acordarem com telefonemas de amigos próximos em: "assim como Luísa já tinha feito". Dessa forma, a versão comunicada por L.S. é corroborada pela revista ao escolher o trecho acima para a explicação de Whindersson Nunes.

Em seguida *Capricho* abre espaço para Whindersson rechaçar a atitude da pessoa que espalhou a imagem de L.S., uma vez que W.N faz uso do advérbio intensificador "tão" associado com o adjetivo "covarde", potencializando a desqualificação do caráter de quem fez isso por ter publicado em um horário que as pessoas estavam dormindo e não poderiam apagar.

Cabe mencionar que uma vez que um conteúdo é publicado online, seja de qual natureza for e, nesse caso, o nude de L.S., ainda que seja apagado, é uma situação em que não é possível rastrear todas as cópias e certificar-se de eliminá-las da rede por completo. Ao apagar as fotos do *Instragam*, o acesso a elas é removido daquela plataforma, no entanto, isso não impede que outros usuários e sites já possam ter feito o *download* ou registro da mesma imagem para arquivo pessoal ou reprodução. A indignação de W.S. ao sugerir que isso foi de propósito e em um horário em que todos dormiam "pra ninguém poder apagar, entendeu?", aponta para uma tentativa de dificultar a remoção e facilitar a visualização e divulgação da

imagem. A pergunta feita por W.N. no final da sentença, especialmente no meio online, ocorre diante de um episódio que expõe um pedaço da vida privada do casal na vida pública na rede. Se em um contexto ideal cada um era responsável pela postagem do próprio conteúdo, nesse cenário os artistas saem da posição sujeito no controle das postagens, e ocupam um novo lugar que seria o de vítimas dessa ação, posicionando o interlocutor diante da impotência, frustração e má fé de quem proporcionou o vazamento desse nude.

S.D. 2.6 - Ele continuou afirmando que a situação toda é bastante agoniante. "Primeiro, a gente começa a pensar que... Poxa, talvez se a gente não tivesse conversando, isso não tivesse acontecido. Só que, ao mesmo tempo, a gente pensa: 'A gente tá dentro do nosso direito, é nosso WhatsApp aqui'. A gente conversa aqui, entendeu? Nós somos artistas. Eu tô agora em Macaé fazendo show. Ela fez show em Salvador, entendeu? É o nosso modo. Não tenho como enviar carta com uma foto".

A *Capricho* reforça a ideia de que a situação foi incômoda para W.N. pela construção: "Ele continuou afirmando que a situação toda é bastante agoniante". Em seguida, W.N. expõe suas reflexões sobre o vazamento. Um dos efeitos de sentido percebidos no discurso de W.N. é o da culpabilização das vítimas e das próprias atitudes do casal pelo vazamento, em que ele questiona se deveriam ter conversado e enviado a foto dessa forma. Ao lamentar o desfecho tentando amenizar sua ocorrência em um cenário hipotético: **"Poxa... talvez se a gente não tivesse conversando, isso não tivesse acontecido"**. É importante mencionar que esse posicionamento revela a culpabilização das vítimas de diversos tipos de crimes, como uma prática em que se atribui à vítima a culpa pelo crime que sofreu. Nesse caso, embora W.N. enuncie em nome do casal, L.S. é a principal vítima do vazamento e da violência decorrente disso, pois é ela que está na foto.

Em casos de violência sexual, ainda emergem comentários que buscam justificar o crime e que são direcionados para a roupa da vítima, em quantidade e tamanho, seu comportamento, o local que circulava e até mesmo se ela provocou o crime de alguma forma. Ou seja, com a intenção de deslegitimar a vítima e a ocorrência do crime. A pesquisa do IPEA intitulada *Tolerância social à violência contra as mulheres*, publicada em março de 2014, fornece um exemplo do entendimento sobre a mulher quando vítima de violência sexual:

> No entanto, no que toca à violência sexual, a maioria das pessoas continua a considerar as próprias mulheres responsáveis, seja por usarem roupas provocantes, seja por não se comportarem "adequadamente" – o que geralmente quer dizer "como uma respeitável mãe de família". A questão do direito das mulheres sobre seus corpos segue sendo, portanto, uma fronteira a ser alcançada. (BRASIL - SIPS, 2014, p.25).

Para ilustrar o que seria esse "comportamento adequado", apresentamos abaixo uma imagem da Revista Superinteressante, edição de julho de 2015, sobre estupro e violência sexual[39]. A foto fala por si, uma vez que traz diferentes demarcações de comprimento de saia associados a diferentes traços de comportamento feminino: do recato ao assanhamento.

FIGURA 10 – CULTURA DO ESTUPRO

FONTE: SuperInteressante (2015)

Os comentários sobre o comprimento da roupa da mulher nessas situações estão ligados a um interdiscurso associado a questões de desigualdade de gênero que se apoiam na cultura do estupro. O termo cultural do estupro foi cunhado na década de 1970, por feministas norte-americanas, e significa a naturalização e aceitação de violências contra as mulheres no imaginário social, por exemplo,

[39] Para acessar a matéria completa. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro/>.Acesso em: 20 fev. 2020.

quando em casos de assédio ou violência sexual, utilizam-se argumentos que culpabilizam a vítima (ambiente, comportamento, roupa) ou relacionam a natureza masculina para neutralizar casos de assédio[40].

Nessas circunstâncias, ao invés do acolhimento da vítima, ocorre o contrário, a ideia de encontrar uma justificativa para que o crime tenha ocorrido e que esse respaldo se aplique às mulheres. A ideia de que a vítima teria contribuído para a ocorrência do crime. Com isso, a pessoa busca no próprio comportamento o que fez de errado, acreditando que ela poderia ter evitado aquele acontecimento de alguma forma, o que causa mais sofrimento.

Essa mesma responsabilização acontece aqui também no caso de L.S., ainda que estejamos falando de um tipo de violência e exposição que ocorre online, porque ao enviar uma foto nua ao marido de forma privada na noite anterior, e depois, receber a notícia que esta foto tornou-se pública sem sua autorização, algumas vozes podem discursar questionando o comportamento de L.S. e se ela deveria ter enviado sua foto ao marido, ou até se deveria ter tirado aquela foto, por exemplo.

Ainda no mesmo trecho, no entanto, W.N. reverte a ideia inicial de culpa e afirma que é um direito do casal poder conversar assim, uma vez que enquanto artistas eles trabalham distantes fisicamente um do outro, e essa é a forma com que podem se conectar fazendo o uso da tecnologia. W.N. reforça ao dizer: **"'A gente tá dentro do nosso direito, é nosso WhatsApp aqui' A gente conversa aqui, entendeu? (...) É o nosso modo"** pelo uso do pronome possessivo "nosso", e pelo advérbio de lugar "aqui", W.N faz referência ao aplicativo em que as conversas ocorrem e enfatiza delimitando o espaço (aqui) e os envolvidos "nosso modo", em referência a ele e L.S., também com o efeito de sentido de se tratar de um assunto privado e que diz respeito exclusivamente aos dois. W.N. opõe a ideia inicial de que caso a conversa não tivesse ocorrido, eles não estariam passando por essa situação, com o fato de que não há impedimento legal que proíba o casal de conversar daquela forma – no entanto, há um impedimento legal para a divulgação sem consentimento das imagens íntimas. A distância física do casal é diminuída pelo contato virtual, uma vez que pelas carreiras profissionais afirmada em: **"Nós**

[40] Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/feminismo-um-guia-com-que-voce-precisa-saber-para-nao-se-perder-em-conversas-sobre-tema-23482540> Acesso em: 14 abr. 2020.

somos artistas", L.S. e W.N. não estão na presença um do outro diariamente devido a diferentes compromissos profissionais, e a conexão online é uma forma de amenizar essa distância. Além disso, W.N. insiste no uso recorrente do verbo "entendeu?" para buscar a conexão com seu interlocutor e justificar a explicação sobre os eventos, a fim de estabelecer uma cenografia de uma conversa, cujo efeito de sentido é de familiaridade.

Por fim, W.N. encerra com: **"Não tenho como enviar carta com uma foto"**, Quando W.N. afirma que não tem como enviar uma carta com foto, ele está fazendo referência a um já dito, que representava grande parte da comunicação entre as pessoas antes do advento da internet pelo envio de cartas. E também como se houvesse uma forma mais segura de enviar aquele mesmo conteúdo.

Com a tecnologia, a comunicação pôde evoluir da troca de cartas para o uso do e-mail e dos aplicativos de mensagem instantânea (texto, voz, vídeo, documentos, localização), por exemplo. A negação da possibilidade de fazer isso ocorre também por conta do tempo que levaria, considerando-se que os artistas estão em deslocamento constante para cumprirem as atividades profissionais.

S.D. 2.7. - A saúde mental da cantora foi a maior preocupação, segundo o youtuber. "Luísa é uma pessoa muito, muito, muito tranquila, entendeu? Muito de boa. E é uma menina muito forte também", disse.

A matéria pontua que a maior preocupação de W.N. foi com a saúde mental da cantora, uma vez que a exposição pelo vazamento de nude atrai atenção da mídia e do público, que gera mais exposição para a vítima do que para o autor do vazamento. Ao mencionar a preocupação de W.N, com a saúde mental da esposa, a Revista demonstra simpatia pelo youtuber e adesão ao seu discurso.

Então W.N. reforça que L.S. é uma pessoa muito tranquila e uma menina muito forte. Ao mencionar essas duas características, o efeito de sentido é que L.S. conseguiu manter a calma diante do que ocorreu. O interdiscurso sobre as mulheres vítimas de vazamento de nude apresenta diversos desdobramentos, tanto no momento em que ocorre o vazamento quanto depois. Um trabalho em parceria das organizações *Internet Lab* e *Coding Rights*, sobre violência de gênero na internet, elencou as seguintes preocupações:

> A banalização de manifestações de violência online sob a crença de que elas começam e terminam no meio digital, e que, portanto, são passageiras, é a primeira maneira de diminuir a gravidade desse problema. Essa separação é equivocada, pois temos testemunhado reações que vão desde a auto-censura nas redes ao suicídio. Portanto, já não se pode separar facilmente as reações que se dão nos meios digitais e na vida offline: ambos são um contínuo, assim como as manifestações de violência que ocorrem nesses meios. [...] A segunda forma de minimizar esses atos, que é comum também às outras formas tradicionais de violência de gênero, é a culpabilização da vítima, que passa a não se sentir legitimada para reclamar. Por fim, um terceiro discurso tende a minimizar a gravidade da violência psicológica, como se nada fosse. (CODING RIGHTS, INTERNETLAB, 2017, p. 15).

Além de não podermos separar a vida online e off-line, com a intimidade exposta na rede e a ausência de controle sobre a posse ou compartilhamento do conteúdo por parte dos usuários, as reações das vítimas são variadas e podem ter desfechos fatais. Quando W.N. afirma que L.S. é muito tranquila e forte, ele faz referência ao reconhecimento da gravidade da situação e também ao enfrentamento de lidar com fatores resultantes da violência da exposição.

A Capricho encerra a reportagem com uma mensagem:

S.D. 2.8 - Lembre-se: divulgar fotos íntimas de uma pessoa sem autorização é crime. Não ajude a propagar um ato tão horrível, ok?

- A gente deseja muita força para a Luísa! ❤️

Alertando sobre a questão criminal que envolve a divulgação de fotos íntimas sem autorização, como uma advertência aos leitores e caracteriza a propagação deste ato como "tão horrível". Ao fazê-lo, a revista posiciona-se a favor de L.S., e condena a divulgação ao entender o sentido de que a divulgação de fotos íntimas sem autorização não é uma atitude positiva. Na matéria anterior da Capricho, a mensagem final "Força, Luísa! A gente espera que fique tudo bem" é diferente da mensagem final do material em tela, em que há uma recomendação a respeito da questão criminal envolvendo a prática da divulgação de imagens sem autorização, bem como uma advertência no imperativo da revista para que o interlocutor não ajude a propagar esse ato tão horrível. Em outras palavras, o efeito de sentido é para que os leitores não assumam uma postura de pessoas que contribuirão para ampliar o alcance dessa imagem não autorizada.

Quando a revista apresenta o discurso de Whindersson, ele aparece como um marido que apoia L.S., independente do que a opinião pública possa dizer a respeito dela ou da forma como conduzem o relacionamento. Ele apresenta uma

enunciação solidária, para que ela não busque aprovação da opinião pública, mas siga fazendo o trabalho que já vem encaminhando.

Podemos questionar qual a importância de a revista trazer a fala de W.N., uma vez que o caso já havia sido abordado pela a perspectiva de L.S. na matéria anterior. Podemos levantar algumas hipóteses aqui, entre elas, elencar que W.N. estava envolvido diretamente por ter sido a única pessoa a receber a foto na noite anterior. Assim como o fato de os dois artistas terem vida pública, e o vazamento ter assumido um caráter de assunto público. Na matéria, W.N. aparece enquanto companheiro de L.S. e enuncia a partir de seu lugar, mas W.N. não aparece enunciando apenas para L.S., e sim, para um público, pois estamos tratando sobre o funcionamento dos processos discursivos na rede. Dessa forma, cabe aqui também recordar que no funcionamento a imagem que o público faz de W.N. e de L.S. também está em jogo, bem como a forma como eles articulam e posicionam suas repostas para este público. Quando W.N. enuncia para L.S. na rede, ele também está levando em consideração o público que terá acesso. Dessa forma, não se configura um discurso direto e exclusivo de W.N para L.S., mas para L.S. e todos aqueles que acompanham os artistas.

Para discutirmos aqui a mensagem de W.N., precisamos retomar o quadro de Pêcheux (2014) sobre os processos discursivos e que foi apresentado anteriormente. Ele é importante nesse momento para pensarmos os jogos de imagens que ocorrem entre os sujeitos, assim como os lugares que atribuem aos outros e que também lhes são atribuídos pelas formações imaginárias.

> (...) o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentemos que é bastante provável que essa correspondência não seja biunívoca, de modo que as diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada com várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar". (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 82).

Ao tomar uma proporção digital, a conversa e a troca na web redimensionou os sujeitos desse processo discursivo. Se, antes, os sujeitos estavam dispostos enquanto A e B, agora o público passa a participar como um sujeito a ser levado em consideração, o que gera uma triangulação. Pois, agora, o interlocutor não é só para

quem eu escrevo, aqui se apresenta com dois receptores: para quem eu escrevo (L.S.) e para quem vai acessar o que eu escrevo (público). As regras de projeção das situações e posições para a fala de W.N. levariam em consideração, portanto, L.S. e o público. Assim como as publicações feitas por L.S. também levam em consideração W.N. e o público – para quem ela se dirige várias vezes ao explicar o vazamento de sua foto.

4.1.3 Catraca Livre – Notícia 1

A próxima reportagem é do site *Catraca Livre* que define como grande missão usar a comunicação para empoderar o cidadão. Entre as opções de Editoriais para o internauta aparecem as seguintes: vídeos, agenda, bem-estar, carreira, cidadania, criatividade, catraquinha, economize, educação, entretenimento, estilo, equilibre-se, gastronomia, mais, vilamundo, viagem e matérias especiais. Com essa diversidade e com a ideia de empoderar o cidadão, o posicionamento da publicação assinado pela Redação do Catraca irá noticiar a fala de Marcão do Povo sobre o vazamento do nude de L.S. de forma bastante enfática. Primeiro, vamos situar o intervalo temporal entre o vazamento acontecer e a notícia passar dos meios online para um canal de televisão.

Assim que ocorreu o vazamento do nude de Luísa Sonza, a repercussão se estendeu em alguns sites, como os que analisamos aqui, e a extensão do ocorrido alcançou a TV aberta alguns dias depois no programa Primeiro Impacto, apresentado por Marcão do Povo, no SBT. Durante o programa mencionado, Marcão do Povo recebeu Gabriel Cartolano para falar sobre o vazamento do nude de L.S., no entanto, a interação entre os dois gerou desconforto e vários comentários negativos que repercutiram online e são apresentados na matéria do Catraca Livre. Nesse caso, trataremos sobre as F.D.'s e F.I.'s que se contrapõem na abordagem que os apresentadores fazem do caso, do posicionamento do site, bem como dos comentários publicados no corpo da matéria. Abaixo segue a imagem da notícia publicada no Catraca Livre sobre o episódio, que será recortada em S.D.'s menores para análise.

FIGURA 11: LUÍSA SONZA - CATRACA LIVRE 1

Apresentador do SBT reproduz machismo pedindo nude de Luisa Sonza

Durante o programa Primeiro Impacto, do SBT, Marcão do Povo pediu que a imagem fosse exibida ao vivo.

07/02/2019 - 17:02Atualizado: 20/02/2019 - 12:19

Por: Redação | Comunicar erro

Tags: #Nudes #sbt

Crédito: Reprodução: SBTMarcão do Povo (direita) pediu que nude de Luisa fosse mostrado ao vivo em seu programa

A cantora Luisa Sonsa, que teve sua conta do Instagram hackeada e um nude vazado no domingo, 3, teve o caso relembrado de forma machista e quase criminosa nesta terça-feira,5, por dois apresentadores de TV.

Durante o programa Primeiro Impacto, do SBT, Marcão do Povo – que comanda o noticiário matinal – pediu que a foto de Luisa nua fosse mostrada ao vivo.

Ao ser informado que a imagem não podia ser exibida, Marcão retrucou: "Mas por que não posso mostrar a foto dela nua aqui? A nossa concorrente [Globo] não mostra o povo pelado lá, fazendo sexo na televisão, por que eu não posso mostra a foto dela pelada aqui?", comparando cenas de nudez gravadas em novelas com sua intenção de mostrar a imagem íntima de Luisa sem consentimento, ampliando a divulgação de uma foto que foi disseminada de forma criminosa.

Gabriel Cartolando, que acompanhava o apresentador, respondeu: "Não vamos mostrar por causa do Whindersson Nunes, que é uma cara muito legal". No que Marcão concordou: "Ah, aí sim. Tudo bem. Gosto demais dele". Ambos demonstram falta de empatia com Luisa e machismo em suas declarações, o que gerou repercussão na internet, como mostra matéria do Hypeness. Veja algumas reações de internautas:

Ricardo S
✓@RickSouza

· 4 de fev de 2019

FONTE: *Catraca Livre* (2019)

FIGURA 12: LUÍSA SONZA - *CATRACA LIVRE* 1.1

Todo dia Marcão do Povo fazendo uma merda diferente

a da vez foi dizer que poderia mostrar a foto nua da Luísa Sonza em rede nacional porque tem cenas de sexo nas novelas da Globo

e pra piorar mais, o ilustre Gabriel Cartolano diz que não vai passar "em respeito ao Whindersson"

Larissa Mendes@LarihMendes

EM RESPEITO AO WHINDERSSON???? a Luísa tem a foto vazada e o respeito tem que ser ao homem ainda PQ MEU DEUS?? difícil ser mulher nesse mundo

235
19:32 - 4 de fev de 2019
Informações e privacidade no Twitter Ads

Veja outros Tweets de Larissa Mendes

Seu amigo @B_C4rvalho

· 4 de fev de 2019

Respondendo a @marinaiscoming e 3 outros
Postou n bobinha, acredita

star borboleta@caralhobluivy

acidentes acontecem//pessoas horríveis existem
mas como homem é escroto, prefere acreditar que a culpa é sempre da mulher que "quis"

FONTE: *Catraca Livre* (2019)

FIGURA 13: LUÍSA SONZA - *CATRACA LIVRE* 1.2

6
15:44 - 5 de fev de 2019
Informações e privacidade no Twitter Ads

Veja outros Tweets de star borboleta

Ricardo S
✓@RickSouza

Todo dia Marcão do Povo fazendo uma merda diferente

a da vez foi dizer que poderia mostrar a foto nua da Luísa Sonza em rede nacional porque tem cenas de sexo nas novelas da Globo

e pra piorar mais, o ilustre Gabriel Cartolano diz que não vai passar "em respeito ao Whindersson"

947
19:13 - 4 de fev de 2019

349 pessoas estão falando sobre isso

Informações e privacidade no Twitter Ads

Em setembro de 2018 a importunação sexual virou crime. O texto também criminaliza a divulgação por vídeo e foto de cena de sexo, ou nudez, sem o consentimento da vítima. Saiba mais:

VEJA TAMBÉM:**Importunação sexual agora é crime e pode render 5 anos de prisão**

https://catracalivre.com.br/entretenimento/apresentador-do-sbt-reproduz-machismo-pedindo-nude-de-luisa-sonza/

FONTE: *Catraca Livre* (2019)

A matéria sobre o posicionamento de Marcão do Povo, no SBT, a respeito do vazamento de nude de L.S., inicia com o seguinte título e subtítulo:

S.D. 4.1 - Apresentador do SBT reproduz machismo pedindo nude de Luisa Sonza.

Durante o programa Primeiro Impacto, do SBT, Marcão do Povo pediu que a imagem fosse reproduzida ao vivo.

Ao enunciar que o apresentador do SBT reproduz machismo ao pedir para exibir o nude de Luísa Sonza no ar, Marcão do Povo se apresenta como parte de uma Formação Discursiva diferente daquela no qual o site que noticia esse fato e a revista Capricho estavam inseridos. A notícia do site Catraca Livre destaca o apresentador com a intenção de reproduzir machismo ao pedir a exibição da imagem do nude de L.S., ao vivo, na TV. Sobre o machismo, entendemos como:

> O machismo é o preconceito que exerce uma função social de dominação dos homens sobre as mulheres, inferiorizando-as com a finalidade de controlar comportamentos e subjugar sua existência, para que a apropriação do tempo, do corpo e do trabalho delas seja mais eficaz e lucrativa nessa sociedade. [...] Funda-se em relações sociais estruturais de opressão-exploração-dominação que organizam a sociedade. (TENÓRIO, 2016, p. 7).

O machismo se apresenta enquanto um leque dos mais variados comportamentos e violências em que os sujeitos se utilizam para reforçar essa inferiorização da mulher. Além disso, para pensar o grupo de mulheres, precisamos considerar que não se trata de um grupo homogêneo, e que, portanto, cada mulher pode experenciar o machismo, seja em ambientes privados ou ambientes públicos, de uma forma diferente a depender de variáveis como: raça, identidade, orientação sexual, religião, profissão, condição social, habitação e também pela forma com que se comporta. Por ser uma questão estrutural da nossa sociedade, tanto homens quanto mulheres podem reproduzi-lo em suas práticas, e podemos encontrar práticas machistas que estão camufladas, naturalizadas, sutis, e também aquelas mais agressivas.

> O machismo, apesar de aparecer em atitudes, em ações individuais, possui bases materiais e ideológicas, para perpetuar um sistema histórico, político, social e econômico de dominação: o patriarcado. Em resumo, o machismo é, essencialmente, uma expressão do patriarcado que se materializa nas relações interpessoais, para perpetuar relações de dominação e poder via inferiorização, submissão e apropriação das mulheres. (TENÓRIO, 2016, p.9).

O ato de reproduzir a imagem do nude de L.S. seria uma forma de reforçar a violência da exposição ocorrida, ampliando seu alcance e fazendo com que L.S. revivesse o momento e os impactos da exposição.

Inicialmente, a reportagem irá situar o interlocutor a respeito do vazamento do nude de L.S., ocorrido dois dias antes, por uma invasão na conta do Instagram da cantora. Em seguida, a matéria aponta que a forma como os apresentadores se posicionaram sobre o caso, foi de forma machista e quase criminosa, para então explicar o motivo:

S.D. 4.2 - A cantora Luísa Sonza, que teve sua conta do Instagram hackeada e um nude vazado no domingo, 3, teve o caso relembrado de forma machista e quase criminosa nesta terça-feira, 5, por dois apresentadores de TV.

Durante o programa Primeiro Impacto, do SBT, Marcão do Povo – que comanda o noticiário matinal – pediu que a foto de Luisa nua fosse mostrada ao vivo.

Ao qualificar como uma "forma machista e quase criminosa", o site Catraca Livre faz uma espécie de denúncia, e prepara o interlocutor para compreender qual foi o problema a respeito da postura de Marcão do Povo, e o que gerou esse efeito de sentido. Também aqui já temos a informação que o apresentador pediu que a foto de Luísa fosse mostrada ao vivo. A forma quase criminosa incide aqui, uma vez que a divulgação de imagens íntimas sem autorização é crime, e que Marcão flertou com essa ideia.

O discurso enunciado por Marcão do Povo, aqui, recortado pelo site Catraca Livre, parte de um sujeito que é um homem, e está ocupando a posição de apresentador de um programa na rede de televisão aberta, enquanto fala sobre o vazamento de nude. No entanto, ele é informado por seu colega de que a foto não pode ser exibida no ar, e o apresentador reage com espanto:

S.D. 4.3 - Ao ser informado que a imagem não podia ser exibida, Marcão retrucou: "Mas por que não posso mostrar a foto dela nua aqui? A nossa concorrente [Globo] não mostra o povo pelado lá, fazendo sexo na televisão, por que eu não posso mostra a foto dela pelada aqui?", comparando cenas de nudez gravadas em novelas com sua intenção de mostrar a imagem íntima de Luisa sem consentimento, ampliando a divulgação de uma foto que foi disseminada de forma criminosa.

No trecho mencionado, o uso do verbo dicendi *retrucou* causa um efeito de sentido mais agressivo por parte do apresentador diante da negativa de exibição da foto ao vivo, em que questiona por qual motivo não poderia mostrar a imagem.

Em seguida, Marcão do Povo compara a situação de L.S. com as novelas de outra emissora concorrente, com isso ele busca aproximar o "povo pelado" e "fazendo sexo na televisão", que segundo ele são exibidos na outra emissora, com o ato de exibir a foto íntima da cantora ao vivo. O apresentador questiona de uma forma que busca aproximar as duas situações, como se pudessem ser equivalentes.

Para ele, se um é permitido, por qual motivo o outro não seria? Dessa forma, Marcão do Povo ignora que as duas situações têm construções e objetivos diferentes para os sujeitos envolvidos. Ainda que a televisão mostre alguma cena de nudez, ela é uma cena gravada, por atores ou atrizes, que acordaram em fazê-lo como parte de um trabalho artístico que será exibido em rede nacional, já a foto de L.S. resulta de uma postagem, por terceiros, sem o consentimento da cantora, causando uma reação do público e também constrangendo-a.

O site Catraca Livre apresenta justamente esse problema na fala de Marcão, pois ele tenta aproximar e fazer equivalente suas situações que não partem do mesmo lugar e tampouco se assemelham. Quando Marcão do Povo descreve a foto de L.S. como "a foto dela pelada", o efeito de sentido é que ele trata a foto dela da mesma forma que uma foto pelada, como as que estão disponíveis na internet ou revistas, para quem quiser ver.

O sentido das palavras, como discutimos anteriormente, em especial o da nudez aqui, será construído a depender das condições de produção e também da F.D. em que o sujeito está inscrito. Dessa forma, pensar a nudez na televisão, no museu, enquanto arte, como protesto, e como exposição para constranger, tem efeitos de sentido diferentes, pois estão partindo de sujeitos e formações discursivas diferentes. A fala de Marcão do Povo ameniza a gravidade da exposição que

ocorreu com L.S, pois o efeito de sentido construído por ele sobre uma foto pelada da cantora e divulgada online é diferente do efeito que a exibição da mesma imagem teria para L.S., uma vez que os dois estão inseridos em F.D.'s diferentes.

O site deixa explícito que a atitude de Marcão do Povo pode ter consequências legais ao enunciar da seguinte forma: [...] **comparando cenas de nudez gravadas em novelas com sua intenção de mostrar a imagem íntima de Luisa sem consentimento, ampliando a divulgação de uma foto que foi disseminada de forma criminosa.** A exibição da imagem não ocorreu no programa, mas a intenção de divulgar a foto poderia, de fato, impactar e ampliar o alcance da imagem. Uma vez que a imagem foi disseminada por alguém sem autorização no meio online, se ocorresse a divulgação da imagem no programa do SBT, Marcão do Povo também seria responsabilizado, pois estaria ampliando o alcance de uma imagem não autorizada.

Marcão aproveita o episódio para fazer uma crítica e questionar o motivo pelo qual a outra emissora poderia exibir o "povo pelado" e "fazendo sexo na televisão". Ao mesmo tempo em que o apresentador se afasta do que ele denomina essa outra emissora, de forma que ele não esteja colado com a mesma atitude, por julgar incorreto ou imoral, questiona por qual motivo não poderia fazer o mesmo.

Em seguida, nos deparamos com a próxima S.D., na qual Gabriel Cartolano responde o questionamento de Marcão do Povo:

S.D. 4.4 - Gabriel Cartolano, que acompanhava o apresentador, respondeu: "Não vamos mostrar por causa do Whindersson Nunes, que é uma cara muito legal". No que Marcão concordou: "Ah, aí sim. Tudo bem. Gosto demais dele". Ambos demonstram falta de empatia com Luisa e machismo em suas declarações, o que gerou repercussão na internet, como mostra matéria do Hypeness.

Na S.D. acima, a resposta de Gabriel faz referência ao Whindersson, marido de Luísa Sonza, que por ser um cara muito legal, justificaria o motivo de não exibirem a foto ao vivo. Em seguida, Marcão concorda e diz gostar muito do humorista.

Pelo trecho mencionado, podemos perceber que Marcão e Gabriel estão inscritos na mesma Formação Discursiva, uma vez que ambos concordam que a foto não deve ser exibida por conta de Whindersson Nunes, o marido. Ao enunciarem dessa forma, percebemos que eles estão preocupados com a repercussão do

ocorrido e a relação disso com Whindersson, com a exposição do marido e sua reputação mais do que com Luísa, real vítima da exposição. Com isso podemos entender que o nude vazado de uma mulher não deve ser exibido em respeito ao seu marido, mas o que acontece se a vítima não tiver um marido? Ou caso o marido não seja um cara legal como o Whindersson? E se em outro caso a vítima for solteira?

A compreensão de casamento e marido para os apresentadores está associada a uma Formação Ideológica ancorada na dominação do marido sobre a mulher, na responsabilidade do marido sobre a mulher e a um respeito e solidariedade que se dá entre homens – desconsiderando a mulher. Com isso, enquanto estão preocupados com Whindersson, Marcão e Gabriel ignoram o impacto e as consequências do ocorrido para L.S., e irão poupá-la de uma nova exposição por conta de seu marido.

O conceito de dominação, conforme descrito a seguir por Erika Apfelbaum (2009) permitirá ampliar o entendimento sobre a fala de Marcão e Gabriel. Para a autora:

> Toda relação de dominação, entre dois grupos ou duas classes de indivíduos, impõe limites, sujeição e servidão àquele(a) que se submete. Ela introduz uma dissimetria estrutural que é, simultaneamente, o efeito e o alicerce da dominação: um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro são explicitamente designados como particulares. Em nome da particularidade do outro, o grupo dominante exerce sobre ele um controle constante, reivindica seus direitos fixando os limites dos direitos do outro e o mantém num estatuto que retira todo o seu poder contratual (Apfelbaum, 1979/1999). (APFELBAUM in HIRATA, p.76, 2009).

A partir do conceito de dominação, percebemos que o lugar ocupado pelos apresentadores no programa permite que eles decidam sobre a exposição da foto de L.S. naquele momento. Essa assimetria coloca de um lado, os apresentadores, com o poder de decisão, e L.S. do outro lado, vulnerável à (re)exposição sem que possa agir. Prova disso é que os apresentadores se dirigem a um outro homem, o marido da cantora, que faz parte do mesmo grupo dominante, quando decidem não mostrar a imagem.

O site Catraca Livre pontuou o posicionamento dos apresentadores como uma falta de empatia com Luísa pelo teor machista das declarações. A reprodução do machismo ocorre de diversas formas:

a) Constrangendo L.S. no exercício da liberdade de sua sexualidade.
b) Questionando se poderia exibir a imagem de um nude vazado (sem autorização) em rede nacional.
c) Reduzindo e amenizando a gravidade da exposição criminosa ao comparar a imagem vazada com "pessoas peladas".
d) Fazendo referência ao marido de L.S. ao decidirem que não mostrarão a foto.
e) Desrespeitando a autonomia de L.S. sobre o próprio corpo, independentemente do estado civil da cantora.

Diante do exposto, a associação dos apresentadores ocorre com uma F.I. machista permite. E como a própria matéria destaca, uma parte dos internautas reagiu em oposição ao que foi dito por Marcão e Gabriel. Uma vez que a matéria busca revelar o problema na fala dos apresentadores, e o faz associado a uma F.I. anti-machista, o site Catraca Livre elenca reações de internautas associados a essa mesma F.I e que reconhecem as declarações feitas no programa do SBT como passíveis de crítica e não naturalizadas.

S.D. 4.5 - Internauta 1

Todo dia Marcão do Povo fazendo uma merda diferente
A da vez foi dizer que poderia mostrar a foto nua da Luísa Sonza em rede nacional porque tem cenas de sexo nas novelas da Globo
e pra piorar mais, o ilustre Gabriel Cartolano diz que não vai passar "em respeito ao Whindersson"

S.D. 4.6 - Internauta 2

EM RESPEITO AO WHINDERSSON???? A Luísa tem a foto vazada e o respeito tem que ser ao homem ainda PQ MEU DEUS?? difícil ser mulher nesse mundo

S.D. 4.7 – Internauta 3

acidentes acontecer // pessoas horríveis existem
mas como homem é escroto, prefere acreditar que a culpa é sempre da mulher que "quis"

Quando a matéria denuncia a fala machista de Marcão do Povo, ela também apresenta as opiniões de internautas nas S.D.'s mencionadas acima, justamente para reforçar a contestação que é feita sobre a fala de Marcão. Dessa forma, o site Catraca contrapõe diferentes Formações Ideológicas frente a frente. As enunciações

a partir da posição-sujeito levam em conta que o enunciador não é capaz de produzir sentidos controlados, transparentes e que signifiquem como ele deseja. Enquanto Marcão deseja exibir a imagem e associa L.S. ao marido, o público rejeita essa construção.

Ainda que Marcão tenha concebido como uma possibilidade apresentar o nude de L.S. na televisão, ao vivo, e depois tenha concordado em recuar em respeito ao marido da cantora, de acordo com as mensagens dos internautas apresentadas pela matéria fica evidente que a pessoa em questão é Luísa, e que ela é quem deve ser respeitada enquanto vítima de uma prática criminosa. Marcão age de modo sensacionalista, para atrair audiência para o Programa, e acaba com uma repercussão negativa sobre sua postura diante do caso, denunciada por internautas e pelo próprio site Catraca Livre. Portanto, ele agiu antecipando uma reação de adesão de seus interlocutores, no entanto, no recorte feito, essa adesão não se concretizou por parte dos espectadores e internautas, e ainda serviu para questioná-lo sobre a forma com que conduziu a apresentação do caso na televisão, junto com seu colega.

4.2 MARILENE SAADE E STÊNIO GARCIA

Um outro caso que chamou nossa atenção durante a pesquisa sobre o *corpus* foi do casal Marilene Saade e Stênio Garcia. No dia 30 de setembro de 2015 as atenções se voltaram para as notícias sobre o vazamento de uma imagem do casal em que ambos estavam nus em frente a um espelho. De acordo com as entrevistas concedidas posteriormente, a suspeita do vazamento estava no fato dos aparelhos celulares do casal terem passado por uma manutenção.

O fato de a imagem vazada registrar duas pessoas, um homem e uma mulher, provocou reações pessoais diferentes por parte de cada artista e também diante da opinião pública. Para um panorama geral, observaremos no quadro abaixo apenas os títulos e subtítulos (T e ST, respectivamente) de cada matéria que foi publicada no site EGO[41], no período de 30/09/2015 a 08/10/2015 e, posteriormente, discutiremos algumas diferenças mais específicas. Todas as notícias abaixo foram pesquisadas e registradas durante o mês de março de 2019.

QUADRO 3 - NOTÍCIAS EGO – CASO MARILENE SAADE E STÊNIO GARCIA

Notícia	Título	Subtítulo
Notícia 4.2.1	T: Mulher de Stênio Garcia chora ao falar de vazamento de fotos íntimas	ST: “Não quero sair de casa”, disse ela ao EGO. Já o ator está mais calmo: “Tenho a minha consciência limpa, não fiz nada com a mulher de ninguém”.
Notícia 4.2.2	T: Mulher de Stênio Garcia sobre fotos: 'Só vendo se a gente estava gordo'	ST: Marilene Saade contou ao EGO que o casal ainda não sabe quem vazou as imagens íntimas e que os registros não foram feitos em um contexto sexual.
Notícia 4.2.3	T: Celulares de Stênio Garcia e da mulher passaram por lojas de manutenção	ST: Informação é do advogado Ricardo Brajterman, que defende o casal e conta que a queixa já foi prestada à delegacia contra crimes virtuais.
Notícia 4.2.4	T: Stênio Garcia e Marilene Saade depõem em delegacia no Rio	ST: Casal prestou queixa na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática nesta quinta-feira, 1º, após o vazamento de fotos íntimas na web.
Notícia 4.2.5	T: Após fotos vazadas, Stênio Garcia é assediado em passeio com a família	ST: Ator saiu para almoçar neste sábado, 31, com a mulher, Marilene Saade, e as filhas, em um shopping do Rio e posou para fãs em clima de Halloween.
Notícia 4.2.6	T: Stênio Garcia vai a evento no Rio após vazamento de fotos íntimas	ST: Acompanhado de sua esposa, Marilene Saade, ator posou para fotógrafos nesta quinta-feira, 8. Sophia Abrahão também esteve no evento.

FONTE: EGO (2019)

[41] Propriedade do Grupo Globo, o site EGO foi lançado em 2006 e extinto em 2017 e ficou conhecido pelas matérias sobre o mundo dos famosos e artistas nacionais e internacionais.

No Quadro 3 podemos observar as manchetes e a evolução do caso e seus desdobramentos desde a notícia inicial do vazamento (4.2.1), passando pelos depoimentos na delegacia (4.2.3) até o período em que o casal retoma a vida social (4.2.6) ainda na sombra da recente exposição. No Quadro 1, apresentado anteriormente, a incidência de resultados com o nome da atriz e do ator é maior quando associada à expressão "foto íntima", ao contrário do caso de L.S., uma vez que a cantora apresenta um índice de resultados mais altos na busca quando seu nome aparece associado com a palavra "nude". Como a foto de L.S. pode ser um nude e a foto de Marilene e Stênio aparece como foto íntima ou foto vazada? Por questões temporais e de acesso aos NTIC's, a popularização do termo 'nude' é mais recente, enquanto a palavra íntima associada com algo privado tem uso mais generalizado há muito – há uma diferença de quase 5 anos entre o caso de L.S. e de Marilene e Stênio, portanto, eles estão inseridos em condições de produção reverberando questões sociais, históricas e ideológicas de diferentes ordens .

Nas primeiras notícias dispostas no Quadro 3 sobre o caso, o foco recai sobre Marilene Saade, pois o site destaca os sentimentos, emoções e justificativas da atriz sobre o que ocorreu. No entanto, ela é apresentada nos três primeiros títulos das matérias do EGO como "mulher de Stênio Garcia" ou "da mulher". Em apenas um dos subtítulos das mesmas três matérias ela é nomeada como Marilene Saade. O discurso como prática social, fruto de uma construção, quando não nomeia Marilene gera um apagamento de sua identidade. Por se tratar de um site de notícias de famosos, o EGO está atribuindo uma posição dominante para Stênio Garcia enquanto personalidade mais famosa, e que será de maior reconhecimento do público. Com esse apagamento de Marilene enquanto sujeito, o site a posiciona enquanto mulher de Stênio para explorar suas emoções e enunciações.

Com a primeira notícia (4.2.1) apresentam-se os seguintes elementos:

T: Mulher de Stênio Garcia chora ao falar de vazamento de fotos íntimas

ST: "Não quero sair de casa", disse ela ao EGO. Já o ator está mais calmo: Tenho a minha consciência limpa, não fiz nada com a mulher de ninguém

Fica evidente que o efeito de sentido de "vazamento de fotos íntimas" é diferente para Marilene e Stênio. A escolha do enunciador do site é destacar o choro e, portanto, a fragilidade da mulher. Enquanto a postura da atriz é de choro e aversão a aparecer em público, por vergonha ou culpa, a menção ao ator é que aparenta tranquilidade ao justificar que não faz nada com a mulher de ninguém – ou

seja, não sente vergonha ou culpa. Ambos foram expostos publicamente pelo vazamento de fotos íntimas em que apareciam juntos, mas as condições de produção retomam um interdiscurso que vimos discutindo anteriormente no caso de L.S. sobre a exposição do corpo feminino. Mesmo que o vazamento tenha ocorrido sem a permissão de ambos, ela incomoda menos Stênio do que Marilene, justamente pela memória acionada sobre as diferenças entre o corpo, o corpo nu e a sexualidade do homem e da mulher. O efeito de sentido para a mulher ao ter sua intimidade exposta é devastador, a prova é que ela "chora" e "não quer mais sair de casa", é tornar público, sem sua vontade, algo que até então era de ordem privada, e que estava restrito a ela e a quem escolhia dividir sua intimidade.

Como seria se fizéssemos uma inversão dos discursos? Se, ao invés de Stênio, Marilene enunciasse da seguinte forma (com os devidos ajustes): "**Tenho a minha consciência limpa, não fiz nada com o homem de ninguém".** De fato, Marilene e Stênio estavam em um registro íntimo juntos, enquanto casal, e se tomássemos esse ajuste como verdadeiro Marilene não teria feito nada com o homem de ninguém. No entanto, a posição-sujeito de cada deles no episódio do vazamento e seus desdobramentos é capaz de constranger Marilene em um lugar mais turbulento e não tão tranquilo quanto o que seu marido está. Enquanto ele pode se preocupar exclusivamente com não ter feito um registro assim com uma mulher que não fosse sua esposa, algo fora do casamento, por exemplo, Marilene se preocupa com a repercussão que seu corpo nu terá após exposto publicamente, voltando ao ST em que a atriz não quer sair de casa.

Além disso, podemos destacar a oposição entre o que é *ser mulher de ninguém x ser mulher de alguém*, pois percebemos que de acordo com esses discursos a mulher digna de respeito é a mulher de alguém / minha mulher. Para Stênio, seria um problema se fosse a mulher de alguém, reproduzindo o machismo do caso anterior, em que Marcão fala de respeito em relação ao marido, e não à mulher (L.S.), trazendo novamente essa questão sobre o lugar da mulher em relação ao outro.

Além disso, a SD da Notícia 4.2.2 'Só vendo se a gente estava gordo' apresenta a resposta de Marilene a uma ideia que retoma um já-dito, o interdiscurso sobre fotos íntimas enquanto registros eróticos ou pornográficos, algo que também discutimos anteriormente quando abordamos a discussão sobre a terminologia "Pornografia de Revanche/Pornografia de Vingança/*Revenge Porn*". Como

mencionado, a ideia dominante de pornográfico seria a de um material produzido e voltado para o olhar masculino, em que a mulher aparece objetificada, na maior parte das vezes, e que entre os registros feitos por um par pode não haver a intenção do registro ser denominado como pornográfico.

Seguimos a análise, com os títulos e subtítulos:

T: Mulher de Stênio Garcia sobre as fotos: 'Só estava vendo se a gente estava gordo'

ST: Marilene Saade contou ao ego que o casal ainda não sabe quem vazou as imagens íntimas e que os registros não foram feitos em um contexto sexual.

Marilene, também descrita como mulher de Stênio, é quem ganha destaque ao buscar se afastar da ideia que os registros do casal pudessem ser pornográficos e justificar que foram feitos para observar a aparência do casal, e não em um contexto sexual. A preocupação da atriz remete a essa memória discursiva anterior sobre a nudez, o corpo e a sexualidade:

> A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2015, p. 29)

E, ainda, responde também a um outro interdiscurso que consiste na ideia de que pessoas famosas que estão fora da mídia tomam atitudes polêmicas para voltar às notícias e chamar a atenção do público. A resposta de Marilene a esse interdiscurso ocorre para defendê-la do imaginário que pode cercar a opinião pública e os fãs a respeito do episódio. Ela também afirma desconhecer a autoria do vazamento, enquanto Stênio Garcia sequer é mencionado nesse momento no T ou ST. As declarações de Marilene são pertinentes e verossímeis na formação discursiva em que ela está inscrita, remontando ao discutido previamente sobre exposição de fotos íntimas e corpo. A resposta de Marilene Saade retomada a ideia da questão estética sobre o peso e a aparência, que é permitida, e até incentivada, para que a mulher esteja vigilante e tenha cuidado com o corpo. Dessa forma, acaba afastando-a do registro da nudez com o olhar sexualizado, ainda que com seu

marido, pois não seria um lugar desejado para as mulheres assumirem publicamente.

As notícias que seguem, 4.2.3 e 4.2.4, sugerem o entendimento dos atores diante do ocorrido como uma violação ou prática criminal, uma vez que buscam respaldo judicial e policial para solucionar a situação. A presença do casal na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática, acompanhados por um advogado, tem efeito simbólico e prático, pois posiciona-os de modo ativo em busca de uma resposta. Ambos recorrem a instâncias de poder, acionando procedimentos de ordem investigativa e jurídica que são possíveis de serem encaminhados apenas por conta do papel e do lugar que cada um desses sujeitos ocupa.

Ainda sobre o Quadro 3, encerraremos discutindo o efeito de sentido que que o vazamento apresentou para Stênio e Marilene no desfecho das notícias 4.2.5 e 4.2.6 cujos títulos reproduzimos:

T: Após fotos vazadas, Stênio Garcia é assediado em passeio com a família
ST: Ator saiu para almoçar neste sábado, 31, com a mulher, Marilene Saade, e as filhas, em um shopping do Rio e posou para fãs em clima de Halloween.

Em menos de quinze dias após o vazamento, Stênio, quando sai de casa, é assediado para tirar fotos. A construção feita pelo site EGO sugere que o fato dele ser assediado em um local público está relacionado com as fotos vazadas. Além disso, o assédio que EGO descreve é uma reação dos fãs ao encontrarem um ídolo e buscarem um registro fotográfico, explicado no subtítulo. No entanto, o site emprega a palavra assediado como uma estratégia para chamar a atenção do leitor, antecipando de que forma o interlocutor receberá aquela informação. O termo pode provocar um efeito de sentido negativo – assédio moral ou assédio sexual (cerco insidioso contra a vontade de alguém) – efeito que se converte em positivo na continuidade do discurso, era assédio de fãs para tirar fotos, o que pode ter o efeito de sentido de apoio e solidariedade pelo ocorrido. O ator estava acompanhado da família em um ambiente público.

Na época em que ocorreu a divulgação das fotos, em 2015, foi notável entre os comentários que ocorreram uma divisão nas formações discursivas e ideológicas entre aqueles que admiraram a boa forma e a disposição de Stênio e Marilene, na época com 83 anos e 47 anos respectivamente, em contraste com uma outra formação discursiva daqueles que negaram ou se posicionaram contrários à possibilidade de que o casal pudesse fazer registros nus e reagiam com piadas ou

comentários pejorativos diante do episódio. Algumas dessas piadas faziam referência a uma série televisiva que Stênio Garcia participou, intitulada Carga Pesada, exibida entre 2003 e 2007, sobre dois personagens caminhoneiros que transportavam mercadorias nas estradas do território nacional. Entre os comentários, houve uma referência ao programa, fazendo um trocadilho de Carga Pesada para Carga Pelada. Aqui, o papel da memória atuou retomando um já dito, um seriado que contou com a participação do ator, adaptando-o pra o presente.

Por fim, a notícia 4.2.6 já apresenta um retorno à vida social dos atores após a exposição online:

T: Stênio Garcia vai a evento no Rio após vazamento de fotos íntimas

ST: Acompanhado de sua esposa, Marilene Saade, ator posou para fotógrafos nesta quinta-feira, 8. Sophia Abrahão também esteve no evento.

As matérias publicadas pelo EGO e separadas em nossa seleção consideram um período relativamente curto de tempo entre a divulgação inicial da notícia do vazamento (30/09/2015), a repercussão do caso, e o retorno do casal ao cotidiano e saídas em público (08/10/2015). Mesmo assim o site reforça o episódio do vazamento das fotos, repetindo e chamando a atenção para esse fato, mesmo quando as notícias são sobre situações do dia-a-dia que não têm relações diretas com o vazamento das fotos. Uma ida ao shopping ou a um evento podem ser atitudes corriqueiras, mas retomar a ideia do vazamento é uma forma de não deixar cair no esquecimento (pelo menos naquele momento). Stênio Garcia continua transitando pelos espaços e retomando as atividades, acompanhado de Marilene, enquanto o site EGO ainda trabalha associando as matérias com o vazamento, talvez prevendo uma antecipação de conteúdo que possa interessar o público do site, e explora a questão do vazamento mesmo quando esta já não se apresenta central nas atividades do casal – diferente do episódio em que estiveram na Delegacia, por exemplo.

De modo geral, pudemos verificar que as condições de produção são diferentes no caso do vazamento das imagens íntimas do casal para cada sujeito que o compõe, e que mesmo a foto apresentando Marilene e Stênio juntos, cada um teve o registro de reações pessoais e da parte do público de diferentes ordens.

O papel da memória e do interdiscurso sobre corpo e sexualidade são fundamentais para entender a diferença que se apresenta quando olhamos para as matérias do site EGO a respeito do casal. Além disso, gostaríamos de registrar que

essa análise se apresenta de modo bastante breve, mas que nos interessava trazer justamente uma outra perspectiva diferente do caso de L.S. em que a foto era exclusivamente de uma mulher. Nesta seção, temos o caso de um homem e uma mulher que tiveram duas fotos expostas, e que estão juntos no registro, o que não significa, de forma alguma, que Marilene e Stênio enfrentaram da mesma forma o ocorrido e a repercussão proveniente dele.

4.3 PAULO ZULU

Além dos casos apresentados de Luísa Sonza e do casal formado por Marilene Saade e Stênio Garcia, um outro vazamento que chamou nossa atenção foi do ator Paulo Zulu. A composição do *corpus* nos permite ter contato com um caso de vazamento de uma mulher, de um casal composto por uma mulher e um homem, e agora nos propomos a analisar o caso de vazamento da foto íntima de um homem.

Paulo Zulu é um ator, apresentador e modelo que estava com 53 anos, em 2016, na época em que ocorreu a publicação de uma foto em que ele estava nu. Mais especificamente, Paulo Zulu teve a foto publicada no Instagram e depois removida por ele mesmo.

Como faremos uma análise breve, adotaremos a mesma disposição do caso anterior, trabalhando apenas com notícias do meio online em que faremos o recorte dos títulos e subtítulos. Ao abordar o caso de Paulo Zulu teremos uma perspectiva de um caso que ocorreu exclusivamente com a publicação da foto íntima de um homem, diferente dos episódios que discutimos anteriormente.

QUADRO 4 - NOTÍCIAS EGO – CASO PAULO ZULU

Notícias	Título	Subtítulo
Notícia 5.2.1	Paulo Zulu posta nudes em rede social: 'foto íntima hakeada'	Modelo ganhou elogios de seus seguidores por seus atributos após divulgação de imagem em que ele aparece sem roupa em frente a um espelho.
Notícia 5.2.2	Paulo Zulu comenta sobre vazamento de nude na web: "Muito abalado"	'Estou tomando as medidas jurídicas necessárias', afirmou o modelo, de 53 anos, que teve uma foto sua nua publicada em sua conta oficial no Instagram.
Notícia 5.2.3	Paulo Zulu desabafa sobre nude: 'Fiquei mal e com muita vergonha'	O modelo fez um post em seu perfil no Instagram nesta terça-feira, 27, admitindo que publicou sem querer uma foto sua nu e se desculpando.
Notícia 5.2.4	Paulo Zulu sobre nude: 'Não mudou minha vida'	Ator foi terceiro nome mais buscado no Google pelos brasileiros em 2016. 'Sou bem sério e careta, mas não adianta me matar'.

FONTE: EGO (2019)

Assim como para o quadro anterior, escolhemos as matérias do site EGO durante o período de março de 2019. Porém, enquanto os outros artistas buscavam encontrar os anônimos culpados pela exposição, o caso de Zulu passou por uma reviravolta em que ele próprio assumiu ter publicado uma foto sem querer.

A sequência cronológica das notícias permite acessar um panorama geral do caso. Na notícia 5.2.1 temos o seguinte título e subtítulo:

T: Paulo Zulu posta nudes em rede social: 'foto íntima hakeada' (sic)

ST: Modelo ganhou elogios de seus seguidores por seus atributos após divulgação de imagem em que ele aparece sem roupa em frente a um espelho.

A primeira matéria do site contrapõe duas ações: Paulo Zulu teria postado a própria foto ou teria sido vítima de um hacker? Independentemente da origem da foto, o subtítulo aponta para uma adesão positiva dos seguidores após a divulgação da imagem. Os elogios que o modelo ganhou aparecem de modo tímido nessa notícia, mas outros sites compilaram os comentários que Zulu recebeu e alguns foram mais incisivos nas mensagens. A partir da matéria publicada no site IG[42], recortamos e apresentamos abaixo, na íntegra, algumas das mensagens selecionadas pelo site sobre a foto.

"Paulo Zulu seu lindo!!! Abalado estamos nós com tanta beleza"
"Nem um pouco ofendida. Inclusive vou guardar essa foto para os momentos de tristeza. Ela alegra qualquer serumaninho!"
"Você esta lindíssimo....Com todo respeito aos 53 anos vc esta arrasando e sambando na cara da molecada. Que saúde. Nu artístico. Posta mais a gente não se incomodam e admiram ne miga"
"Quando a gente menos espera eis que o Paulo Zulu ressurge das cinzas com uma foto pelado. Meio estranho isso, hein", escreveu outra.
"Queremos mais. Não precisa se justificar.. Eu quero é muito mais.. manda por dm delicia"
Por um mundo com mais selfies sua !! Adoramos ! Somos gratas"
Relaxa!! Mas te benze! o que tem de marmanjo com inveja !!
"Não tem porque se envergonhar, não há problema nenhum em ter nascido com três pernas".
"Não se avexe não menino, quem que tá reclamando aqui ???"

De modo geral, os internautas agiram como se esse engano tivesse sido muito positivo, além de exaltarem com elogios o ator e seu corpo. Houve uma boa recepção sobre a publicação da foto de Paulo Zulu, em uma das mensagens a foto aparece associada com um nu artístico, mobilizando a ideia de que a imagem do ator seria uma obra de arte. Outras mensagens sugerem que ele publique mais imagens, e que tenha cuidado porque outros homens podem estar com inveja.

---

[42] Disponível em: https://gente.ig.com.br/2016-09-12/paulo-zulu-nudes.html
Acesso em 20 mar. 2020.

O site EGO não está tão alinhado, ou convencido, com a hipótese do vazamento de fotos íntimas, pois faz uso do verbo divulgar no ST quando aborda o assunto. Ora, o registro da palavra 'divulgar' (Dicionário Miachelis On-line) sugere tornar conhecido algo ignorado ou secreto; difundir, propagar; de fato, a publicação trouxe um registro íntimo à tona, e ao considerar como divulgação o site assume como objetivo, justamente, atingir o maior número de pessoas possíveis. No entanto, a intimidade é tratada como da ordem do privado. Portanto, divulgar a imagem em que aparece sem roupa cria um efeito de sentido que foi algo intencional, feito de propósito.

Na sequência, após a repercussão do ocorrido. Paulo Zulu busca ajuda como mostra a segunda reportagem publicada pelo EGO e que registramos como Notícia 5.2.2:

T: Paulo Zulu comenta sobre vazamento de nude na web: "Muito abalado"

ST: 'Estou tomando as medidas jurídicas necessárias', afirmou o modelo, de 53 anos, que teve uma foto nua publicada em sua conta oficial no Instagram.

Quando o ator afirma que ficou muito abalado com o vazamento, é justamente por conta do alcance que a internet pode atingir. Aparentemente, não foi a intenção do ator postar a própria foto, ou que ela tivesse tal difusão, mas depois que ela estava no ar tornou-se muito complexo rastrear ou garantir a possibilidade de apagar a imagem para sempre, erradicando a imagem e o evento de divulgação de um conteúdo assim.

O ator também busca auxílio jurídico para solucionar o caso. Algo que é bastante comum para personalidades do meio artístico, uma vez que dispõe de recursos financeiros e o cuidado com a própria imagem faz parte da carreira artística, portanto, torna-se imprescindível protegê-las diante do risco que a exposição possa oferecer. No entanto, mais tarde, em outra publicação (Notícia 5.2.3) o ator assume que ele mesmo pode ter postado sem querer a imagem online e pede desculpas. Além de reforçar que se sentiu mal com o episódio.

Para finalizar, a última notícia 5.2.4 registrada no Quadro 4 faz um balanço do período e dos impactos da exposição para Paulo Zulu:

T: Paulo Zulu sobre nude: 'Não mudou minha vida'

ST: Ator foi terceiro nome mais buscado no Google pelos brasileiros em 2016. 'Sou bem sério e careta, mas não adianta me matar'.

A distância temporal de aproximadamente três meses entre a primeira notícia sobre o caso, publicada no site EGO em 12/09/2016, e a última notícia, publicada em 14/12/2016, mostram que de acordo com as palavras do próprio artista sua vida não mudou, mesmo com a atenção e com a repercussão de seu nome por conta da exposição. Essa realidade contrasta, e muito, com a realidade e as consequências para outras vítimas da exposição de imagens íntimas que (re)agem fisicamente para se afastar do ocorrido, e mudam de escola, emprego, cidade, e podem chegar a desfechos fatais como o suicídio, mencionado também pela promotora de Justiça, Valéria Scarence, em entrevista para a Agência Brasil:

> A promotora Valeria Scarence ressalta a gravidade deste crime, pois pode impedir que a vítima retome sua vida afetiva, social e profissional. "Esta conduta é tão grave e causa efeitos tal qual a pessoa estivesse morta em vida. Muitas vezes, essas pessoas, em regra mulheres, abandonam toda a sua vida, têm estresse pós-traumático, doenças como pânico, muitas cometem suicídio e outras passam a vida com ideias suicidas", relata. (BRITO, D., 2018, não p.)

Diante do exposto, percebemos como a recepção para o corpo nu masculino foi positiva, elogiada e criticada quando associada a uma tentativa de voltar aos tempos de glória, voltar à mídia, mas não pelo corpo ou pela nudez, propriamente. Inclusive, o corpo e a nudez são exaltados, tanto Paulo Zulu quanto Stênio receberam comentários sobre como estavam bem fisicamente, em forma, e até mesmo "arrasando e sambando na cara da molecada" como uma internauta sugeriu para Zulu na matéria do IG. A crítica incide na estratégia de exposição, como se escondesse uma motivação de chamar a atenção do público e da mídia para aquele artista. Ao passo que, para as mulheres, como Luísa Sonza e Marilene Saade, a repercussão e os sentidos acionados estão alinhados com a percepção do corpo ou da sexualidade da mulher como sócio historicamente da ordem do privado, e que não deveria estar em público, culpabilizando-as por uma exposição que gera mais comentários negativos e questionadores sobre seus comportamentos, sua moral e seus corpos, quando elas mesmas não se encontram em um lugar confortável ou agradável com a própria exposição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é resultado de inquietações, questionamentos, leituras, reflexões e muitas perguntas sobre o vazamento de nudes. Optamos por direcionar a pesquisa para a repercussão midiática, para casos de mulheres e de homens, em notícias do meio online. No entanto, antes de definir exatamente o corpus, buscamos casos, notícias, dados, informações, relatórios e pesquisas com o objetivo de montar um panorama geral para observar de que forma tudo isso se organizava e quais eram os principais conflitos.

Diante do panorama que se delineava, nos deparamos com um corpus extenso. Ocorrências em diversas partes do mundo, de pessoas famosas e anônimas, relatos com diferentes motivações para, em grande maioria, expor a foto ou vídeo, em geral, da companheira, sem o consentimento dela, por brincadeira, por vingança, por dinheiro, por maldade, por não aceitar o fim de um relacionamento ou para simplesmente humilhar e expor sua intimidade. Punir a mulher pela foto ou pelo vídeo registrado, e depois usar esse mesmo material para culpá-la. O jogo de poderes e de papéis sócio-historicamente estabelecido na sociedade em que vivemos apontava para dados que criavam um certo espectro de reações distintas por parte da sociedade e da mídia para os casos de vazamento com mulheres e com homens.

Como mencionamos no início do trabalho, de acordo com o Projeto Caretas (UNICEF), 127 mulheres e meninas suicidaram-se entre 2015 e 2017 por conta da exposição de imagens íntimas. Por outro lado, encontramos casos em que o homem que tinha sua intimidade exposta tornava-se um exemplo de masculinidade, de aparência, de performance desejada. A partir disso, percebemos que a questão de gênero tinha um papel fundamental na produção dos discursos e nos efeitos de sentido que provocavam. Passamos a investigar teoricamente questões sobre corpo, nudez, mídia e tecnologia para compreender melhor as condições de produção em que tais discursos emergiam, e quais eram as memórias, apagamentos e interdiscursos acionados nesse processo.

Considerando a língua e seu funcionamento, temos um sujeito que é atravessado por ideologias, pela história, pelo seu papel social, pelo consciente e pelo inconsciente que o aproximam desta ou daquela formação ideológica ao assumir uma posição-sujeito. Dessa forma, buscamos a partir do corpus

selecionado, principalmente no caso de Luísa Sonza, e ainda que brevemente, nos casos de Paulo Zulu e do casal Marilene Saade e Stênio Garcia, quais eram as formações ideológicas e formações discursivas dos sujeitos que enunciavam e que relações estabeleciam com cada caso. De fato, a questão de gênero se mostrou fundamental, não só pela questão da violência, como também pelos próprios comentários de cada episódio que revelaram a recepção do público, da mídia e dos usuários online. Ao mesmo tempo, a reação de cada vítima da exposição de fotos íntimas, entre os casos selecionados para nosso trabalho, revelou a fragilidade e a construção de sentidos que a nudez pode operar a depender de quem é o sujeito exposto: mulheres ou homens? Em quais corpos? E em quais circunstâncias?

Na análise dos casos, por parte da mídia, percebemos que o efeito de sentido do site Capricho ao noticiar o caso de Luísa Sonza agia inicialmente com prudência, de modo ponderado. Já na segunda matéria, se apresentou de forma mais empática e benevolente com ela, aconselhando, inclusive, os leitores, a não repassarem conteúdos dessa natureza. Além dessa postura mais empática, o site também publicou o posicionamento solidário do marido de Luísa, Whindersson, a respeito do episódio, numa adesão ao discurso do Youtuber.

Ainda sobre o caso de Luísa Sonza, avaliamos também uma notícia do site Catraca Livre. Nessa matéria, a notícia discorria sobre a postura de Marcão do Povo ao abordar em seu programa televisivo o episódio da cantora. Diferentemente da postura adotada pelo site da Capricho, o efeito de sentido do programa de Marcão de Povo é sensacionalista, na medida em que busca atrair audiência ao sugerir a exibição da foto de Luísa ao vivo, comparando-a com as atrizes de novelas de outras emissoras que aparecem nuas em cena. Seria possível igualar as duas situações? No entanto, essa tentativa provoca o efeito contrário, com uma repercussão negativa a partir dos comentários machistas do apresentador e seu colega. Dessa forma, o site Catraca Livre adere a uma Formação Ideológica em defesa das mulheres, uma vez que critica a postura dos apresentadores que não expuseram o nude de L.S. no programa alegando o respeito que nutrem pelo marido da cantora, evidenciando, novamente, uma FD machista. Caso a cantora fosse solteira, por exemplo, o tratamento seria diferente?

Além do caso da cantora, também analisamos de modo bastante breve o caso de Paulo Zulu, e do casal formado por Marilene Saade e Stênio Garcia, que reforçaram a hipótese da diferença dos discursos a respeito da exposição de nudes

vazados de homens e de mulheres. Mesmo no episódio do casal, que aparecia junto nas fotos, o primeiro destaque registrado nas notícias do site EGO foi dado à Marilene, muito menos famosa que o marido o qual, por essa razão, deveria ser naturalmente o focalizado. O foco, no entanto, se volta para Marilene e sua vulnerabilidade, a atriz chora e não quer mais sair de casa, enquanto Stênio afirma não ter feito nada de errado – estava na companhia de sua esposa no registro e não da mulher de outrem. Já Paulo Zulu tem seu corpo celebrado, exaltado, e mesmo revelando que sentiu culpa e vergonha, ele afirmou que sua vida não havia mudado após o episódio da publicação da foto.

Com os casos citados pudemos discutir, dentro de um recorte, como a construção dos sentidos ocorre para cada sujeito, uma vez que para significar a língua se inscreve na história, em uma perspectiva discursiva, de modo que os sentidos não são estáveis. Consideramos aqui a linguagem materializada na ideologia, e a forma como a ideologia se manifesta na língua, levando à produção de sentidos da sociedade em determinada situação sócio histórica.

O episódio de vazamento de nudes envolve tabus e silêncios sobre corpo, além de já-ditos sobre sexualidade e, portanto, é um assunto delicado para ser abordado. De qualquer forma, precisamos reconhecer que é uma prática atual do nosso tempo, que consiste em uma violência tanto por parte de quem a pratica quanto a de quem compartilha o conteúdo sem autorização, e que a recorrência de casos, principalmente para mulheres e meninas, tem crescido e provoca impactos muito sérios, e até fatais, para as vítimas.

O avanço da legislação sobre o assunto aponta para um caminho de apoio jurídico, no entanto, ainda temos barreiras para que esse atendimento chegue até quem precisa – principalmente quando a vítima desconhece a prática do vazamento como criminosa, sem saber exatamente qual caminho percorrer e o resguardo legal que pode receber. Além disso, muitas vezes, o impacto da publicação da imagem íntima online, exposta sem consentimento, acaba por deixar a vítima em uma posição de relativa impotência, em que precisa administrar os impactos da violência online no mundo off-line, paralelamente com a preocupação e providências práticas sobre como remover o registro da rede, qual foi o alcance real da publicação, entrar em contato com o provedor para solicitar a remoção e qual a chance de a imagem retornar publicada por um outro usuário, novamente, sem consentimento.

Um outro caminho trilhado na dissertação, também necessário, é o da educação e da conscientização sobre a igualdade entre homens e mulheres, sem que a mulher seja alvo e vítima constante de violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Para desenvolver um trabalho com adolescentes é possível buscar materiais na ONG SaferNet e nas produções audiovisuais relacionadas ao tema, por exemplo, o filme Ferrugem (2018), utilizando-os para abordar o assunto e incluindo uma discussão orientada sobre a gravidade, os danos, os impactos jurídicos, sociais, entre outros, e o grau de violência que a prática de vazar fotos ou vídeos sem autorização causa. Se pensarmos em um trabalho preventivo de discussão, que se possa acolher a vítima sem culpabilizá-la quando houver algum caso, e responsabilizar os envolvidos na divulgação não autorizada do material, providenciando um desfecho adequado, já poderia se configurar como um trabalho importante para que as estatísticas de violência e suicídio não aumentem.

Para além das considerações que apresentamos sobre a compreensão da nudez na sociedade, a questão de gênero aí relacionada, a natureza do vazamento dos nudes e seu impacto na vida daqueles que foram expostos, há ainda uma questão importante a ser ressaltada, a saber, a plataforma empregada para essa divulgação, os meios midiáticos de divulgação. O fato de os comentários sobre a exposição dos nudes em mídia eletrônica, serem acessíveis a todos os usuários dessas plataformas, nos obrigou a rever a natureza dos participantes desse discurso e a ampliar, em novos desdobramentos, a concepção peucheutiana do jogo de imagens constitutivo do discurso. A formulação original prevê o jogo de imagens entre os interlocutores discursivos, locutor e interlocutor, e as respectivas elaborações sobre a imagem que cada um faz de si, do seu interlocutor e de seus respectivos objetos de discurso. A nossa pesquisa nos levou a considerar a produção discursiva dos participantes da interlocução nessa nova modalidade midiática: a vítima do vazamento, uma pessoa próxima à vítima que se solidariza com ela ou a protege, mas igualmente os usuários dessas plataformas, receptores e espectadores desses discursos, que também podem tomar o turno de fala com comentários em posts a cada nova manifestação dos envolvidos.

Essa nova configuração da comunicação na web, em que o espectador pode assumir a voz, modifica a natureza da relação dos participantes do discurso, razão pela qual, a partir da discussão deste trabalho na qualificação, foi-nos sugerida a

noção de **interlocutor estendido**[43], levando em conta que quem enuncia, enuncia não apena para um outro – próximo **ou** público, mas para um outro próximo **e** público, uma triangulação de participantes em que o espectador soma-se ao interlocutor discursivo, o que implica necessariamente uma rearticulação do jogo de imagens aí presente. Passa a contar necessariamente para elaboração desses discursos, a imagem que se faz desse interlocutor ampliado que são os espectadores ou seguidores das mídias sociais. Essa é uma elaboração teórica que demanda ajustes e aprofundamento, mas que é resultante da percepção da produção discursiva nesses novos meios de comunicação e novos gêneros de produção discursiva e uma contribuição para auxiliar na análise dos discursos aí produzidos.

[43] O corpus selecionado para pesquisa permitiu a elaboração desse conceito em comunicação pessoal com minha orientadora Prof. Dra. Lígia Negri.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, B., FFLCH/USP - Agência Patricia Galvão. **Violência de Gênero na Internet**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-de-genero-na-internet/>. Acesso em: 03 de set. 2019.

ARAUJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México , n. 14, out. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 ago. 2020.

BALTAZAR, L. Número de denúcias de revenge porn quadruplicou em dois anos; Vítimas nas escolas têm entre 13 e 15 anos. **HuffPost**, Brasil, 07 jun. 2015. Seção Mulheres. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2015/07/06/numero-de-denucias-de-revenge-porn-quadruplicou-em-dois-anos-vi_a_21686114/?utm_hp_ref=br-revenge-porn>. Acesso em: 9 jan. 2019.

BATISTA, B. C. **"Quem mandou tirar foto?": sexting e o fenômeno da culpabilização de mulheres.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13THWOMEN'S WORLDS CONGRESS, Florianópolis, 2017. ISSN 2179-510X

BATES, S. Revenge Porn and Mental Health: A Qualitative Analysis of the Mental Health Effects of Revenge Porn on Female Survivors', **Feminist Criminology**, 2017, Vol 12(1), pp. 22–42. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1557085116654565>. Acesso em: 29 abr. 2019. Doi: 10.1177/1557085116654565.

BEAUVOIR, S.; **O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2 / Simone de Beauvoir**; tradução Sérgio Milliet. – 3. Ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BLOG DA UNICAMP. **Guerrilla Girls: mulheres e museus** (V. 4, N. 3, 2018). 2018. Não paginado. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/contemporanea/guerrilla-girls-mulheres-e-museus-v-4-n-3-2018/>. Acesso em: 24 maio 2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#art241.> Acesso em: 15 ago. 2019

_____. **Lei nº 13.772, de 19 de dezembro de 2018**. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para reconhecer que a violação da intimidade da mulher configura violência doméstica e familiar e para criminalizar o registro não autorizado de conteúdo com cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo e privado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13772.htm>. Acesso em: 2 ago. 2020.

_____. **Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018.** Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm> Acesso em: 2 ago. 2020.

_____. **SIPS: Sistema de indicadores de percepção social. Tolerância social à violência contra as mulheres.** Brasília. 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2020.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 2 jul. 2019.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Ed Bertrand. Brasil, 2019.

BOYD, A.; MITCHELL, D. O. **Bela baderna: ferramentas para revolução / organizado por Andrew Boyd e Dave Oswald Mitchell**; tradução Gabriela Vuolo e Tica Minami. – São Paulo: Edições Ideal. 2013.

BRULON, B.. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 55, e195515, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000100504&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jan. 2020. Epub Apr 04, 2019. http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900550015.

CIRIACO, D. Mais de 4 bilhões de pessoas usam a internet ao redor do mundo. **Tecmundo**, Brasil, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.htm>. Acesso em: 11 jan. 2019.

CORDEIRO, M. O valor do corpo na construção da Identidade. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 12, n. 27, p. 19-26, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/22354/21452>. Acesso em: 11 jan. 2019.

CASTRO, A. L. C.; SYDOW, S. T. Sextorsão. **Revista Liberdades** – Publicação do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, ed n. 21 de janeiro/abril de 2016, p. 12-23, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.revistaliberdades.org.br/_upload/pdf/26/Liberdades21_Artigo01.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

CODING RIGHTS; INTERNETLAB. **Violências de gênero na internet: diagnóstico, soluções e desafios**. Contribuição conjunta do Brasil para a relatora especial da ONU sobre violência contra a mulher. São Paulo, 2017.

DELMAZO, C.; VALENTE, J., C.L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2019.

DUARTE, J. **Assessorias de imprensa no Brasil** in DUARTE, Jorge (Org). Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia – Teoria e técnica. São Paulo, Atlas, 2002.

EMMERICK, R. **Um olhar sobre o aborto a luz dos direitos humanos e da democracia**. 199 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FERNANDES, M. G. M.; O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 set. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000400008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 6. ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Paz e Terra, 2017.

GUEDES, Mª E. F. Gênero, o que é isso? **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 jan. 2020. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002.

GOMES, C. C. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 231-255, Apr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872017000100231&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jan. 2020. http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.12.a.

GOMES, M. M. **"As Genis do século XXI": Análise de casos de pornografia de vingança através das redes sociais**. Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo. Acesso em: 11 ago. 2019.

HAN, B. C. **No enxame: perspectivas do digital**. Trad. Lucas Machado. Petrópolis – RJ: Vozes, 2018.

HIRATA, H.; LABORIE, F. *et alii*. **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

LEE, B. **The World Wide Web: A very short personal history**. Disponível em: <https://www.w3.org/People/Berners-Lee/ShortHistory.html>. Acesso em: 15 ago. 2019.

LELIS A. G. S.; CAVALCANTE V. A. P.; (2016) "REVENGE PORN: A NOVA MODALIDADE DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO". **Derecho y Cambio Social**. ISNN: 2224-4131. Disponível em: <https://www.derechoycambiosocial.com/revista045/REVENGE_PORN.pdf>. Acesso em: 02 de set. de 2019.

LONARDO, T.; MARTLAND, T; WHITE, D (2016) "A Legal Examination of Revenge Pornography and Cyber-Harassment", **Journal of Digital Forensics, Security and Law**: Vol. 11: No. 3, Article 8. DOI: https://doi.org/10.15394/jdfsl.2016.1412 Disponível em: <https://commons.erau.edu/jdfsl/vol11/iss3/8>. Acesso em: 29 abr. 2019.

LOPONTE, L. G.; Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300, July 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2020. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200002.

MANOEL, D. F. et al. Sexting e adolescência: a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 37-50, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 10 ago. 2020.

MARCUSCHI, L. A., **Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas** – Rio de Janeiro: Lucerna, 2017.

MARTINS, A. C. L., Discurso de ódio em redes sociais e reconhecimento do outro: o caso M. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 15, n. 1, e1905, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322019000100203&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2019.

MATOS, M. I. S., **Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico**. In: Matos, M. I. S., SOIHET, R. de O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003. P. 107- 127.

MCGLYNN, C.; RACKLEY, E.; HOUGHTON, R. Beyond 'Revenge Porn': The Continuum of Image- Based Sexual Abuse. **Rev. Feminist Legal Studies**. April 2017, Volume 25, Issue 1, pp 25–46. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10691-017-9343-2> Acesso em: 29 abr. 2019.

MONTEIRO, L. A. C. Texto jornalístico: semântica e discurso em verbos dicendi. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 23, jul-dez 2016. p.709-723. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/estudos/palimpsesto23estudos05.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019. ISSN: 1809-3507.

MUSÉE CAMILLE CLAUDEL. **Collections – L'abandon**. Disponível em: <http://www.museecamilleclaudel.fr/fr/collections/labandon>. Acesso em 24 maio 2020.

MUSÉE RODIN. **Collections. Sculpture – Kiss**. Disponível em: <http://www.musee-rodin.fr/en/collections/sculptures/kiss>. Acesso em 24 maio 2020.

NABIL, M. **From sex tapes to revenge porn: Construction of a genre**. Gender, sexuality and power in new media. Master's Thesis. Stockholms Universitet. 2014.

NARZETTI, C. N. P. Relações entre a Análise do Discurso e a ciência da história. **Revista do Gel**, São Paulo, v.4, n. 2, p.23-42,2007. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/359/262> Acesso em 01 ago. 2019.

BRITO, D. Nova lei de importunação sexual pune assédio na rua. **Agência Brasil**, Brasília, 29 de set de 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-09/nova-lei-de-importunacao-sexual-pune-assedio-na-rua>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORY, M.; AMANTINO, M. de (Ed) **História do corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011. P. 477- 506.

ONU. **Documentos Temáticos: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 1, 2, 3, 5, 9, 14.** Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/ods/documentos-tematicos--ods-1--2--3--5--9--14.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso - princípios e procedimentos**. 12ª Ed, Pontes Editores. Campinas, SP. 2015.

_____. **Discurso e Leitura**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M,; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975]. In: Gadet, Françoise, Hak, Tony (orgs.). ***Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-227.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. [5. Ed] Campinas: Ed. Da Unicamp, 2014. 287 p.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi – Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p.59-158.

PENNEY, J. Deleting revenge porn. **Policy Options Politique**. Disponível em: <https://policyoptions.irpp.org/magazines/vive-montreal-libre/penney/>. Acesso em: 31 ago. 2019.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. O silêncio do corpo da mulher. In: Matos, M. I. S., SOIHET, R. de **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. P. 13 - 27.

POLINSKA, W. "Dangerous Bodies: Women's Nakedness and Theology." ***Journal of Feminist Studies in Religion***, vol. 16, no. 1, 2000, pp. 45–62. *JSTOR*. Disponível em: <www.jstor.org/stable/25002375>. Acesso em 23 jan. 2020.

ROUDINESCO, E.; PLON, M.; **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Disponível em: <https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf>. Acesso em 08 ago. 2019.

RUIZ, H. P.; NERIS, N.; VALENTE, M. G. - **Revenge porn como violência de gênero: perspectivas internacionais** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13THWOMEN'S WORLDS CONGRESS, Florianópolis, 2017. ISSN 2179-510X

SAFERNET. **Indicadores Helpline**. Disponível em: <https://helpline.org.br/indicadores/> Acesso em: 03 set. 2019.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. **Revista Famecos**, Porto Alegre, dez. 2003, p. 23-32.

SANTANA, L. M.; RUBIM, L. S.; **Feminismo e pornografia: distanciamentos e aproximações e possíveis**. 17º REDOR. 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/349>. Acesso em: 16 dez. 2019.

SIBILA, P; DIOGO, L. Vitrines da intimidade na internet: para guardar ou para mostrar? **Revistas de Estudos de Sociologia**. Araraquara, v. 16, n. 30, p. 127-139. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3892/3573>. Acesso em: 02 set. 2019.

SILVA, A. C.; História das mulheres na idade média: abordagens e representações na literatura hagiográfica (Século XIII). In: IV Congresso Internacional de História:

Cultura, Sociedade e Poder, 2014, Jataí/GO. **Anais Eletrônicos do IV Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder.** 2014.

SILVA, J.C.; ARAÚJO, A. D. A metodologia da pesquisa em Análise do Discurso. Grau Zero — **Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3492/2240>. Acesso em: 19 jun. 2019.

TENÓRIO, E. M., **Série Assistente Social no Combate ao Preconceito – Caderno 6 - Machismo.** Brasília, DF. 2019. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno06-Machismo-Site.pdf>. Acesso em: 27 maio 2020.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 ago. 2019.

UNICEF Brasil. **Projeto CARETAS** - Adolescentes e o risco de vazamento de imagens íntimas na internet. 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/adolescentes-e-o-risco-de-vazamento-de-imagens-intimas-na-internet>. Acesso em: 27 maio 2019.

VALENTE, Mariana Giorgetti; NERIS, Natália.; RUIZ, Juliana Pacetta; BULGARELLI, Lucas. **O Corpo é o código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn no Brasil**. São Paulo: Ed. InternetLab, 2016.

VIOLÊNCIA (ALEMANY, C.) In: HIRATA, H.; LABORIE, F. *et alii*. **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

VELLOSO, F. **Informática: conceitos básicos**. 9ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

WARKEN, J.; HELENA, L. **Por que Stênio Garcia não se envergonha com o vazamento das fotos íntimas, e Marilene Saade sim?.** HuffPost, Brasil, 01 outubro 2015. Seção Comportamento. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2015/10/01/por-que-stenio-garcia-nao-se-envergonha-com-o-vazamento-dasfoto_a_21689745/?utm_hp_ref=br-revenge-porn>. Acesso em: 8 jan. 2019.